



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Eduardo Ferreira do Amaral Filho

“O Desprezo no Olhar”: Vivências de Violências da População em Situação de Rua de
Campos dos Goytacazes/RJ

Rio de Janeiro

2017

Eduardo Ferreira do Amaral Filho

“O Desprezo no Olhar”: Vivências de Violências da População em Situação de Rua de
Campos dos Goytacazes/RJ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde Pública, da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, na Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Saúde Pública. Área de concentração: Violência e Saúde.

Orientadora: Patricia Constantino
Coorientadora: Queiti Batista Moreira Oliveira

Rio de Janeiro

2017

Eduardo Ferreira do Amaral Filho

“O Desprezo no Olhar”: Vivências de Violências da População em Situação de Rua de
Campos dos Goytacazes/RJ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde Pública, da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, na Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Saúde Pública. Área de concentração: Violência e Saúde.

Aprovada em: 27/03/2017.

Banca Examinadora:

Dra. Maria Cecília de Souza Minayo

Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz

Dra. Larissa Escarce Bento Wollz

Centro Universitário Augusto Motta

Dra. Patricia Constantino (Orientadora)

Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz

Dra. Queiti Batista Moreira Oliveira (Coorientadora)

Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz

Rio de Janeiro

2017

Catálogo na fonte
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica
Biblioteca de Saúde Pública

A485d Amaral Filho, Eduardo Ferreira do
 “O desprezo no olhar”: vivências de violências da população
 em situação de rua de Campos dos Goytacazes/RJ. / Eduardo
 Ferreira do Amaral Filho. -- 2017.
 106 f.

 Orientadora: Patricia Constantino.
 Coorientadora: Queiti Batista Moreira Oliveira.
 Dissertação (Mestrado) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola
 Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2017.

 1. Pessoas em Situação de Rua. 2. Violência.
 3. Vulnerabilidade Social. 4. Iniquidade Social. 5. Condições
 Sociais. I. Título.

CDD – 22.ed. – 303.6098153

A cada pessoa em situação de rua que viabilizou este trabalho com sua forma de viver.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao **Deus** que escolhi seguir e que com seu Espírito me segue. É lamentável não conseguir mostrar a todos o quanto sou guiado e orientado por Ele. Apesar disso, quero registrar que suas palavras são lâmpada para os meus pés e luz para os meus caminhos. Agradeço por essa condução com todo meu coração, com todo meu espírito e com todo meu entendimento. Não fosse assim, nada disso seria possível.

Uma pessoa que Deus apontou no meu caminho foi fundamental não só no processo de elaboração deste trabalho, mas na minha vida. **Neidymara**, minha esposa, me mostra a cada dia como viver em dois é mais interessante e recompensador. Minha eterna gratidão pela compreensão nos momentos em que me retirei para escrita deste trabalho e em cada uma das ausências quando precisei deixá-la sozinha na nossa casa para viajar de São Francisco de Itabapoana para o Rio de Janeiro. Foram dois anos de semeadura, mas uma vida de colheita certa.

Meu “muito obrigado” aos pais que Deus me deu, pois na falta de uma bolsa de estudos, eles investiram em mim uma vez mais. Tenho certeza que não foi fácil arcar com todas as despesas da pós-graduação lato sensu ao mesmo tempo em que pagavam todos os custos desse mestrado acadêmico. Agradeço em especial ao **meu pai** por cada despertar na madrugada para me levar até a rodoviária em Campos dos Goytacazes. E a **minha mãe** por cada oração que fez por mim ao longo do percurso.

Não é para qualquer um poder escolher uma família e eu tive esse privilégio. Meus esforços nunca seriam suficientes para agradecer a **família Geoffroy**, que não só me incentivou a ingressar nesse mestrado como o viabilizou me acolhendo no Rio de Janeiro. Não sei o que seria de mim sem vocês, presentes de Deus para minha vida toda.

Sou grato a **Queiti Oliveira** que com muito carinho me acolheu como orientando. Nunca esquecerei a força que me deu e além dos incentivos, a cobrança. Reconhecer minhas limitações foi um exercício importante no meu processo de amadurecimento acadêmico. Muitas coisas aconteceram durante a fase de escrita, como casamento, lua de mel, mudança de trabalho, etc. Não seria qualquer pessoa a me compreender. Muito obrigado!

Sou mais que grato a **Patricia Constantino**, minha eterna orientadora, que me acompanha desde o curso de graduação em Psicologia na faculdade em Campos dos Goytacazes, quem soube respeitar meu lento desenvolvimento acadêmico, ao mesmo tempo

me disciplinando com desafios e prazos para produzir. Patricia sempre acreditou em mim e na minha capacidade, muitas vezes mais que eu mesmo poderia. Não fosse seu grande exemplo, eu certamente não estaria no mestrado, pois foi ela quem me incentivou e conduziu até aqui. Fui despertado para o lado social da Psicologia, mas sempre respeitado em meu olhar clínico e escuta psicanalítica. Leverei para sempre na memória a disciplina de Saúde Coletiva que nos levou a criação da Clínica Nômade Voz da Rua, em meio a viagens e estudos. Uma vida inteira não seria o bastante para agradecer, pois se trata de uma formação, um estilo de trabalho e uma visão de mundo gerada por essa grande mulher a quem dedico minha admiração e respeito. Desejo que nossa amizade seja extramuros e para sempre.

A equipe da **Clínica Nômade Voz da Rua** agradeço pela parceria, pela colaboração com este trabalho e pelo amor com que executam as ações nas ruas. O mundo fica mais azul com as atividades dessa equipe de excelência. Com a escuta qualificada que ofertam, verdadeiramente dão voz à rua. Quando se trata de práticas como essa, entendo que o valor das pesquisas científicas está no embasamento de projetos eficientes assim. Que nasçam da Voz da Rua outros trabalhos como este, dissertações, artigos e teses. Meu desejo é que esse dispositivo nunca pare de frutificar. Agradeço a equipe fundadora, que junto de mim e de Patricia, plantou a semente. E agradeço também a equipe que atualmente floresce, em especial nas pessoas de **Ederton, Felipe, Rodolfo e Gabriela**, pela cooperação com a pesquisa.

Não há palavras para agradecer a grandeza e a simplicidade de **Cecília Minayo**, pelo tanto que contribuiu com este trabalho, desde sua estruturação, e pelo aceite do convite para compor a banca, tanto na qualificação como na defesa. Tê-la na banca é uma responsabilidade enorme, mas não se compara com o tamanho do privilégio. Agradeço pelo método sugerido diretamente a mim e por tudo que nos deixou sobre o mesmo como um legado seu na literatura. Ao pesquisar sobre o tema que escolhi percebo o gigante que é essa mulher, que chegou muito antes de mim, mas para abrir caminhos e gerar novas possibilidades.

Agradeço a **Alexandre Bárbara** que com sua experiência e conhecimento muito contribuiu durante a qualificação deste trabalho. Do mesmo modo, agradeço a **Larissa Wollz**, que gentilmente aceitou participar desse momento compondo a banca para minha defesa. Uma professora amiga que não encerrou sua participação na minha vida quando pensei que faria, mas reapareceu para somar com sua escuta atenta e sua admirável maneira de fazer colocações.

Não há como deixar de agradecer a **Adriano**, que não só acompanhou de perto nossa luta, como muito contribuiu para este trabalho, colaborando tão gentilmente tanto com as citações como com as referências. Agradeço a revisão e o carinho de sempre.

Aos meus queridos colegas da turma do mestrado na área de concentração de Violência e Saúde, agradeço mil vezes pelos momentos compartilhados. Alegrias, medos, apreensões e tantos outros sentimentos e emoções misturados. Como foi bom conhecer essa turma e compartilhar tudo que juntos vivemos. Às sobreviventes, **Alba, Marcele, Thaís, Viviane, Andrea e Débora**, parabéns e obrigado por tudo!

Pois Ele liberta os pobres que pedem socorro, os oprimidos que não têm quem os ajude. Ele se compadece dos fracos e dos pobres, e os salva da morte. Ele os resgata da opressão e da violência, pois aos seus olhos a vida deles é preciosa.

Salmos 72:12-14, Bíblia Sagrada. Nova Versão Internacional.

RESUMO

A interface população em situação de rua e violência ganha destaque na literatura no final da década de 2000, período em que esse grupo começa a ganhar visibilidade na esfera política, inclusive no âmbito da saúde. Os objetivos do presente trabalho são: analisar as vivências de violência da população em situação de rua de Campos dos Goytacazes; analisar a produção acadêmica sobre população em situação de rua e violências no campo da saúde; e lançar um olhar sob as formas, os sentidos e o lugar do fenômeno violência no contexto da rua a partir da perspectiva dessa população. O marco teórico adotado foi constituído pelos conceitos de População em Situação de Rua, Exclusão Social, Vulnerabilidade Social, Vulneração e Violências. Para analisar como a literatura do campo da saúde tem abordado a interface população em situação de rua e violências, foram selecionados documentos datados de 2001 a 2013 publicados em periódicos indexados da área da Saúde Pública. Para analisar as vivências de violência da população em situação de rua foram construídas histórias de vida de cinco homens e cinco mulheres de Campos dos Goytacazes. Optou-se pela análise de conteúdo em sua modalidade temática para análise dos dados. Os resultados desta pesquisa foram apresentados em dois textos científicos. Os achados do primeiro capítulo permitiram constatar que no âmbito da saúde há uma parca produção acerca da interface violências e população em situação de rua, o que dificulta a análise sobre a vulnerabilidade desse grupo, principalmente no que tange as violências e violações a que estão submetidos. O segundo artigo possibilitou a análise mais clara da vulnerabilidade social e da vulneração da população em situação de rua a partir de histórias de vida dos moradores de rua. A maioria dos sujeitos identificou o rompimento de vínculos familiares como principal causa de sua atual situação de rua, alguns deles apontando a violência doméstica como responsável por tais rompimentos. Em relação às violências percebidas e vivenciadas, o grupo identificou muitas formas de violências interpessoais e coletivas. Apenas a violência autoinfligida não apareceu nos discursos. O grupo investigado apresentou uma visão ampliada sobre as vivências de violência, percebendo o preconceito e o estigma como base de muitas outras formas de violência. Esse achado coaduna com o que está posto na literatura de que a violência sofrida pela população em situação de rua está profundamente marcada pela questão da estigmatização.

Palavras-chave: População em situação de rua; violências; Vulnerabilidade Social; Exclusão Social; vivências.

ABSTRACT

The interface between the population in street situations and violence is highlighted in the literature in the late 2000s, when this group began to gain visibility in the political sphere, including health. The objective of the present work is: to analyze the experiences of violence of the street population of Campos dos Goytacazes; To analyze the academic production on the population in the street situation and violence in the field of health; And cast a glimpse under the forms, the senses and the place of the violence phenomenon in the context of the street from the perspective of this population. The theoretical framework adopted consisted of the concepts of Population in Street Situation, Social Exclusion, Social Vulnerability, Vulnerability and Violence. To analyze how the literature of the health field has approached the interface between the population in street situations and violence, documents dated from 2001 to 2013 published in indexed journals of the Public Health area were selected. In order to analyze the experiences of violence of the population in a street situation, life stories were constructed of five men and five women from Campos dos Goytacazes. We opted for content analysis in its thematic modality for data analysis. The results of this research were presented in two scientific texts. The findings of the first chapter made it possible to verify that in the health context there is a sparse production about the violence and street population interface, which makes it difficult to analyze the vulnerability of this group, especially with regard to the violence and violations to which they are subjected. The second article made it possible to analyze more clearly the social vulnerability and the vulnerability of the population living on the streets, based on the life histories of the homeless. Most of the subjects identified the breaking of family ties as the main cause of their current street situation, some of them pointing out the domestic violence as responsible for such disruptions. In relation to perceived and experienced violence, the group identified many forms of interpersonal and collective violence. Only self-inflicted violence did not appear in speeches. The investigated group presented an expanded view on the experiences of violence, perceiving prejudice and stigma as the basis of many other forms of violence. This finding is in line with what is stated in the literature that the violence suffered by the street population is deeply marked by the issue of stigmatization.

Keywords: Population in street situation; Violence; Social Vulnerability; Social Exclusion; experiences.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	QUADRO TEÓRICO.....	15
2.1	População em Situação de Rua.....	15
2.2	Exclusão Social.....	16
2.3	Vulnerabilidade Social e Vulneração.....	17
2.4	Violência.....	19
3	OBJETIVOS.....	21
3.1	Objetivo Geral.....	21
3.2	Objetivos específicos.....	21
4	METODOLOGIA.....	22
5	AS HISTÓRIAS DE VIDA.....	25
6	RESULTADOS.....	56
6.1	Texto 1: População em Situação de Rua e Violências: Análise da Produção da Área da Saúde.....	57
6.2	Texto 2: Vivências de Violência da População em Situação de Rua de Campos dos Goytacazes/RJ.....	73
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98
9	ANEXOS.....	103

1- INTRODUÇÃO

No presente trabalho, investigam-se as vivências de violência da população em situação de rua no município de Campos dos Goytacazes, RJ.

A violência atualmente afeta muitas pessoas, mas as desigualdades decorrentes das condições sociais em que a população em situação de rua vive evidenciam vulnerabilidades a diferentes tipos de violência que se impõem a essa população.

Atualmente um número expressivo de pessoas vive nas ruas no Brasil. Em uma pesquisa nacional sobre a população em situação de rua, realizada entre os anos de 2007 e 2008, em 71 municípios brasileiros foram identificadas 31.922 pessoas, com dezoito anos de idade ou mais, em situação de rua (BRASIL, 2008). Levando-se em conta a exclusão dos outros municípios e também de crianças e adolescentes dessa amostra, pode-se concluir que o número real é bem mais expressivo do que o encontrado.

A violência urbana hoje afeta muitos cidadãos em seus modos de vida e especialmente à população em situação de rua. Dados da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, (BRASIL, 2013) que 195 moradores de rua foram assassinados em todo o Brasil só no primeiro semestre de 2013. Walty (2003) mostra a presença de verbos que pertencem ao campo semântico da violência como bater, machucar, brigar, revoltar, prejudicar, queimar, estuprar, matar e suicidar, na maioria dos relatos da população de rua que estudou. Esse mesmo autor pondera que a violência afeta essa população de modo particular, ganhando outros contornos, já que se inserem, na trama do discurso, índices e símbolos próprios dessa experiência de vida.

Além das marcas da violência urbana, a população em situação de rua sofre outros tipos de violência praticados também por cidadãos em geral. Segundo Mattos e Ferreira (2004), as representações sociais dos cidadãos em geral sobre as pessoas em situação de rua, tipificam-nas como vagabundas, sujas, loucas, perigosas e coitadas, cristalizando e sustentando formas de dominação, exploração e suscitando atitudes que vão da total indiferença à hostil violência física. A partir de tais representações reveladas, nos parece que os cidadãos em geral não consideram mesmo a população em situação de rua como parte legitimamente integrante da vida social.

Fruto da crescente indignação com a violência e a negação de direitos a que esse público está submetido é criado no início dos anos 2000 o Movimento Nacional da População

de Rua (MNPR), uma resposta a diversos episódios de violência contra esse grupo social. E é a partir de meados da década de 2000 que o tema entra em pauta na agenda política brasileira, que passa a desenvolver uma série de ações específicas voltadas para sua reinserção social e melhoria da qualidade de vida. Dentre as mais importantes estão: a Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua, (BRASIL, 2006) e a Política Nacional para a População em Situação de Rua (BRASIL, 2009a). Algumas delas dizem respeito às responsabilidades e atribuições do setor saúde para com esse público: o Comitê Técnico de Saúde para a População em Situação de Rua (BRASIL, 2009b); as Diretrizes de organização e funcionamento das Equipes de Consultório na Rua (BRASIL, 2011); e as Diretrizes e estratégias de orientação para o processo de enfrentamento das iniquidades e desigualdades em saúde com foco na população em situação de rua no âmbito do Sistema Único de Saúde (BRASIL, 2013). No dia dezoito de agosto se comemora o Dia Nacional de Luta da População em Situação de Rua.

O interesse pelo tema se inicia em 2012, justamente a partir de minha inserção em uma estratégia da área da saúde voltada para a população de rua: o projeto Clínica Nômade Voz da Rua (CNVR), um dispositivo constituído por psicólogos e estudantes de Psicologia cuja proposta é ofertar uma escuta qualificada a essas pessoas na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ. O Projeto foi inspirado pelo primeiro Consultório de Rua do país, que nasceu em Salvador/BA, no Centro de Estudos e Tratamento de Álcool e Drogas/Universidade Federal da Bahia (CETAD/UFBA). A “Voz da Rua”, como é comumente chamada, não se trata de uma clínica situada em um espaço físico para atendimentos de sua clientela, mas de uma estratégia baseada no modelo da Clínica Peripatética (LANCETTI, 2009), que busca fazer valer as políticas públicas de saúde, proporcionar acesso e garantir direitos a esse grupo no próprio espaço da rua. No exercício da escuta qualificada no âmbito da “Voz da Rua” ouvi relatos sobre diferentes vivências de violência que atravessam a vida daquelas pessoas, como situações de negligência e violências anteriores à rua. Isso me instigou a querer aprofundar o conhecimento a respeito do que levou essas pessoas a viverem nas ruas e de que forma percebem as violências que sofrem, quando isso acontece.

Sendo assim, este trabalho pretende especificamente atingir dois objetivos: 1) analisar como a literatura do campo da saúde aborda a população em situação de rua e as violências por ela vivenciadas; e 2) analisar a visão da população em situação de rua sobre suas vivências de violência. No que tange ao primeiro objetivo, realizou-se uma revisão

bibliográfica sobre violência e população de rua em bases de dados específicas da Saúde Pública. No que diz respeito ao segundo objetivo, as vivências de violência dos participantes da pesquisa foram acessadas a partir de suas narrativas individuais e analisadas a partir da metodologia de Histórias de Vida.

Apesar de a violência estar presente na vida nas ruas, em suas mais variadas formas, e do setor saúde ser responsável pela execução de ações em prol dessa população, a literatura da área da saúde é lacunar a respeito de tal fenômeno. A constatação sobre a parca produção acadêmica configurou-se como mais uma motivação para tal investigação. Notou-se que o foco dos estudos concentra-se em estudos sobre crianças e adolescentes. Poucos abordam a especificidade da questão de gênero e do uso/abuso de drogas no contexto de rua.

Pretende-se que este estudo possa contribuir para lançar um olhar sob as formas, os sentidos e o lugar do fenômeno violência no contexto da rua a partir da perspectiva dessa população que faz dela sua morada. Geralmente essa população não é chamada a participar da vida social e da elaboração de políticas públicas, o que reitera sua posição de exclusão. Neste sentido, sofrem também por segregação e desigualdade.

2- QUADRO TEÓRICO

O marco teórico adotado para empreender as discussões foi constituído pelos conceitos de População em Situação de Rua, Exclusão Social, Vulnerabilidade Social, Vulneração e Violências.

2.1 População em Situação de Rua

A Política Nacional para a População em Situação de Rua considera como população em situação de rua:

o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. (BRASIL, 2009)

Do mesmo modo como a complexidade está posta para os modos de vida da população em situação de rua e suas (não)participações sociais, também está para sua definição e conceito. Segundo Escorel (2006) as pesquisas evidenciam que não há um único perfil: não há um bloco homogêneo de pessoas, são populações. Contudo, não há complexidade somente quanto aos perfis, mas também quanto aos usos possíveis que uma pessoa ou grupo pode fazer da rua. Neste caso, Silva (2006) é quem identifica diferentes possibilidades em relação à permanência na rua. São elas: ficar na rua – circunstancialmente; estar na rua – recentemente; e ser da rua – permanentemente. O uso circunstancial da rua é feito por aqueles que dormem em logradouros públicos quando não possuem recursos ou pelos que tem a rua como um lugar de relações. Este tipo de uso, bem como o uso recente – dos sujeitos que estão há pouco tempo fazendo das ruas seu abrigo, aumentam a probabilidade do uso permanente.

Esse heterogêneo grupo populacional é composto também por pessoas que chegam às cidades e não conseguem emprego ou conseguem um trabalho cuja renda não é suficiente para que tenham outra moradia, como é o caso de muitos catadores de resíduos. Ainda estão nas ruas os que moram nas periferias e tem dificuldade no retorno para casa – uso circunstancial – e os “andarilhos” que se deslocam sem se vincular ao território e ficam “no trecho” (COSTA, 2005).

Sendo assim, diferentes perfis de pessoas ocupam, de diferentes formas, o território. A categoria população de rua se insere no contexto dos “sobrantes”, termo empregado por Castel (2000) para falar das pessoas cujo mercado não mais precisa de sua força de trabalho, de modo que ficam sem moeda de troca para participar do processo de circulação de mercadorias. Nesta lógica da sociedade de consumo, simplesmente sobram. Esta consiste em uma das formas de exclusão social.

2.2 Exclusão Social

A noção de exclusão social está difundida na literatura com os mais diversos sentidos. O que se fala sobre o tema abre um leque de possibilidades para discussão da categoria “excluído”. Guareschi (1992) afirma que o "excluído" não existe por si mesmo, mas se trata de uma realidade sempre ligada a outra. E o ser excluído de algum lugar, implica a existência de outro lugar. O que o autor diz é que o lugar que exclui, ou quem exclui, faz isso pela necessidade de reafirmar seu próprio lugar. Há uma ameaça implícita nas contradições trazida pelos outros grupos. Logo, quando a sociedade exclui um grupo, como os moradores de rua, reafirma seus próprios moldes de vida, baseados nas casas e na família nuclear, por exemplo. A exclusão social, vista sob esta ótica, é, em primeira instância, a reafirmação de um grupo social a partir da exclusão que faz de outro.

A despeito da intencionalidade que há na exclusão daqueles que com seus modos de vida ameaçam outros a partir das contradições que trazem, Guareschi (1992) sinaliza que são exatamente os excluídos que portam a possibilidade de transformação de uma realidade social. Estes que trazem consigo a relatividade, o novo, o desconhecido das coisas, um vazio, um sinal de interrogação. Estes que continuamente questionam e mostram as contradições da realidade que se quer pronta e absoluta trazem a possibilidade de completude e compreensão global ao mundo e às coisas (GUARESCHI, 1992).

Se entendermos a exclusão social como “o processo de constituição de indivíduos e grupos supérfluos e desnecessários à vida social” (SCOREL, 1999, p.259), teremos a população em situação de rua como um dos principais grupos que a sofrem. Independente dos perfis e dos modos de permanência nas ruas, essa população não é vista como necessária à vida social. Entre nós, a família é o recurso essencial para definir a própria pessoa, o próprio ser humano (DA MATTA, 1990 apud SCOREL, 2006). É como se essa população não

tivesse, por isso, sua definição e lugar legitimados. “Sua presença incomoda e desconcerta quem busca ver nas ruas a mesma tranquilidade asséptica de conjuntos habitacionais com circulação restrita de pessoas.” (BRASIL, 2008, p. 03)

Além da falta de legitimidade da população em situação de rua diante da sociedade em decorrência de um não enquadramento, há razões significativas para que essa população não consiga se integrar à vida social. A partir de Castel (1991; 1995) entende-se que existem dois eixos de integração para o sujeito na vida social, sendo esses o mundo do trabalho e o das relações sociofamiliares. A desvinculação do trabalho formal por parte significativa da população em situação de rua interfere fortemente na visão que se tem desses sujeitos como desnecessários à vida social. No caso dessa população, geralmente ainda se rompe o segundo eixo citado, o das relações sociofamiliares. A supressão concomitante dos dois eixos de integração lança esses sujeitos na condição de “excluídos socialmente” e, além disso, de “desfiliados” à luz das políticas públicas, como já ressalta Carinhanha (2009).

2.3. Vulnerabilidade Social e Vulneração

Ayres et al. (2009) apontam que o conceito de vulnerabilidade tem origem na advocacia internacional pelos Direitos Universais do Homem para designar grupos ou sujeitos fragilizados, jurídica ou politicamente, na promoção, proteção ou garantia de seus direitos de cidadania. O conceito de vulnerabilidade só passa a ter relevância no campo da Saúde Pública a partir do processo de progressivas interseções entre o ativismo diante da epidemia da Aids e o movimento dos Direitos Humanos, especialmente nos países do Norte. Na década de 1990 a Escola de Saúde Pública de Harvard já difundia mais amplamente a discussão da vulnerabilidade.

A ideia de vulnerabilidade é uma resposta científica, técnica e política dada à necessidade de avançar para além da tradicional abordagem das estratégias da redução de risco (AYRES et al, 2009). Superando a noção de risco social, o conceito de Vulnerabilidade Social aponta para determinadas condições e circunstâncias do contexto social que expõem as pessoas a riscos de diferentes naturezas (MONTEIRO, 2011).

Segundo Monteiro (2011), os condicionantes da vulnerabilidade social são múltiplos e constituem uma complexidade de fatores emergentes do contexto. Não se trata somente do

fator que expõe a risco, – se assim fosse não teríamos superado a noção de risco social – mas da possibilidade de enfrentamento dos sujeitos ou grupos que também fazem parte do que estamos chamando contexto social. Deste modo, Monteiro (2011) vai nos ajudar a compreender a noção de vulnerabilidade social a partir de uma relação dialética entre externo (contexto de referência) e interno (características básicas dos sujeitos ou grupos) que determina certos posicionamentos no processo de mobilidade social (MONTEIRO, 2011). Ela ainda vai nos alertar sobre uma variedade de sentidos existentes para o conceito de vulnerabilidade social, ressaltando o cuidado que é preciso ter para não confundi-lo com a ideia de exclusão social. Neste trabalho, se faz uso de ambos os conceitos, a partir da desmistificação de “exclusão social” e teorização mais sistemática de Escorel (1999), segundo a qual entende-se por exclusão social “o processo de constituição de indivíduos e grupos supérfluos e desnecessários à vida social” (ESCOREL, 1999, p.259).

De modo semelhante, Monteiro (2011, p. 36) sistematiza a noção de vulnerabilidade social nos dizendo que este conceito vem sendo muito usado, mas que também “é travestido de inúmeras interpretações, que apresentam contradições e até antagonismos bastante significativos”. A escolha por Monteiro se deve ao fato de essa autora ter feito uma sistematização do conceito de vulnerabilidade social a partir da revisão da bibliografia existente, problematizando-o no contexto das políticas públicas. Por essa razão, faremos uso de sua sistematização sempre que formos neste trabalho discutir as questões de vulnerabilidade de homens e mulheres em situação de rua.

Refletindo sobre a vulnerabilidade social a partir da relação dialética entre externo e interno que determina certos posicionamentos no processo de mobilidade social, é possível concluir que há pessoas e grupos mais ou menos afetados. A essa afetação, que acontece a sujeitos e grupos, nomeia-se, “**vulneração**”. A vulneração refere uma condição dos humanos que não estão simplesmente submetidos a riscos, mas a danos concretos que podem ser constatados por qualquer observador racional e imparcial (SCHRAMM, 2008). Segundo Schramm (2008), os vulnerados são os seres concretamente afetados; que estão em uma condição existencial de não poderem exercer suas potencialidades para ter uma vida de qualidade. Nas palavras do autor:

Os suscetíveis podem tornar-se vulnerados, ou seja, diretamente afetados, estando na condição existencial de não poderem exercer suas potencialidades (*capabilities*) para ter uma vida digna e de qualidade. Portanto, dever-se-ia distinguir graus de proteção de acordo com a condição existencial de vulnerabilidade, suscetibilidade e vulneração, o que pode ser

objeto de discussões infundáveis sobre como quantificar e qualificar tais estados existenciais. (SCHRAMM, 2008, p.20)

No caso da população em situação de rua, podemos notar que a soma das mais diversas formas de vulnerabilidade social, facilmente lança essa população na **vulneração**. Muitas vezes os moradores de rua são afetados pela falta de emprego formal e de vínculos familiares, de documentos, de higiene básica, de cuidados com a saúde, etc. Essas condições que conformam a vulnerabilidade social e a vulneração da população em situação de rua já podem ser entendidas como **violência estrutural**.

2.4- Violências

Segundo Minayo (1994) a violência estrutural oferece um marco à violência do comportamento e se aplica aos sistemas econômicos, culturais e políticos que conduzem à opressão de grupos, classes, nações e indivíduos, aos quais são negadas conquistas da sociedade, tornando-os mais vulneráveis que outros ao sofrimento e à morte. A violência estrutural é apenas uma das formas de expressão da violência que atinge a essa população.

Tomaremos o conceito de violência de modo amplo, como “qualquer ação ou omissão realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações, que ocasionam danos físicos, emocionais, morais, e espirituais a si próprios ou aos outros” (BRASIL, 2000). Este conceito coaduna com o da Organização Mundial de Saúde que define violência como “o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação” (WHO, 1996). A Organização Mundial de Saúde (1996) dividiu a violência em três categorias, a partir das características de quem a comete: violência autoinfligida, violência interpessoal e violência coletiva. A essa classificação podemos acrescentar a categoria **violência estrutural** proposta por Minayo (1994) e já descrita no parágrafo anterior.

A violência **autoinfligida** é subdividida em dois grupos. O primeiro consiste em comportamentos suicidas, que incluem suicídio, ideação suicida e tentativa de suicídio. E o segundo grupo diz respeito aos autoabusos, contemplando todo tipo de agressões a si próprio e automutilações. A violência **interpessoal**, por sua vez, é dividida em comunitária e familiar,

sendo a primeira delas referente à violência juvenil, aos atos aleatórios de violência, o estupro ou ataque sexual por estranhos e a violência em grupos institucionais (escolas, asilos, prisões, etc.), enquanto a segunda refere-se à violência infligida por parceiros íntimos e abusos contra crianças e idosos. Por fim, a violência **coletiva** é subdividida em macrossocial, política e econômica, categoria que caracteriza a dominação de grupos e do Estado, incluindo aqui os crimes cometidos por grupos organizados, terroristas, multidões e ainda as guerras e processos de aniquilamento de povos e nações (COELHO, SILVA, LINDNER, 2014).

A Organização Mundial de Saúde (WHO, 1996) ainda estabelece uma divisão segundo a natureza dos atos violentos: violência física, violência sexual, violência psicológica e violência relacionada à privação ou ao abandono. A violência física pode ser entendida como uso da força para produzir injúrias, feridas, dor ou incapacidade. A violência sexual refere ao ato ou jogo sexual que ocorre nas relações visando estimular a vítima ou utilizá-la para obtenção de excitação sexual e práticas sexuais, eróticas ou pornográficas impostas. A categoria das violências psicológicas nomeia agressões verbais ou gestuais que objetivam aterrorizar, rejeitar, humilhar, restringir a liberdade ou isolar do convívio social a vítima que as sofre. E por fim, a negligência ou abandono que são caracterizados pela ausência, recusa ou deserção de cuidados necessários a alguém que deveria os receber (MINAYO, 2005).

Portanto, pode-se afirmar que a violência enquanto fenômeno impõe uma carga pesada ao bem-estar da população (DAHLBERG, KRUG, 2006). Pouco se sabe, academicamente, sobre o modo pelo qual a violência afeta a população que está nas ruas, pois são poucos os estudos que se dedicam a essa questão.

3- OBJETIVOS

3.1- OBJETIVO GERAL

Analisar as vivências de violência da população em situação de rua de Campos dos Goytacazes.

3.2- OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Analisar como a literatura aborda a interface população em situação de rua e violências no campo da saúde.

- ✓ Analisar a visão da população em situação de rua sobre suas vivências de violência.

4- METODOLOGIA

Para analisar a produção do campo da saúde sobre a população em situação de rua e violências, foi realizada uma Revisão Narrativa da Literatura sobre o tema.

Os termos utilizados para busca nas bases foram: (1) violência, atrocidades, Comportamento de ataque, Agressão e agressividade; estes termos foram relacionados com os termos, (2) "pessoas em situação de rua", "PSR", "Moradores de rua", Mendigo, Andarilho, Sem-Teto, "Morador de Rua", "Pessoas sem Lar", "População de Rua", "Juventude de rua", "população em situação de rua". Para uma melhor recuperação foram aplicadas à estratégia de busca, operadores booleanos, "AND", e "OR", e de truncagem, "*" e "\$". As bases utilizadas foram Portal de pesquisa da BVS, Pubmed, e Portal de teses e dissertações em Saúde Pública (Bases específicas da área da saúde). Além destas, foram utilizadas bases multidisciplinares, Web of Science, Scopus, e Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações. Foram selecionados documentos datados de 2001a 2013, e excluídos os textos que traziam dados de outros países sem referência ao Brasil, artigos publicados em revistas de outras áreas que não a saúde e dissertações e teses de Programas de outras áreas.

Numa primeira busca nas bases de dados encontramos 112 documentos. Foram utilizados os 21 (vinte e um) textos que restaram depois da limpeza criteriosa do banco, da revisão sistemática da bibliografia. Sendo estes 14 (quatorze) artigos, 04 (quatro) dissertações e 03 (três) teses.

A pesquisa com a população de rua de Campos dos Goytacazes e suas vivências de violência se configura como de natureza qualitativa. Foram realizadas entrevistas abertas e não diretivas e observação participante. Tais estratégias são recomendadas para as pesquisas qualitativas que usam a História de Vida como abordagem metodológica (MINAYO, 2014). Segundo Minayo (2014), a História de Vida no âmbito da pesquisa qualitativa é considerada um poderoso instrumento para descobrir, explorar e avaliar como as pessoas compreendem seu passado e vinculam suas experiências ao contexto social interpretando-as e atribuindo-lhes significados a partir do momento presente.

Segundo Minayo (2014) a observação participante é geralmente usada por aqueles que optam pela História de Vida como abordagem metodológica. Trata-se de uma técnica em que

o pesquisador lida diretamente com seu objeto de pesquisa no contexto próprio deste último, no caso em questão, nas ruas de Campos dos Goytacazes. Pode influenciar e ser influenciado pelos sujeitos para além dos dados colhidos nas entrevistas, fazendo uso daquilo que observa de imponderável na própria realidade (CRUZ NETO apud MINAYO, 1994).

Minayo (2014) avalia a entrevista aberta e não diretiva como sendo a melhor forma de começar a interação visando às narrativas de vida. Ela ressalta a importância de criar um ambiente de reflexão que combine a escuta atenta do pesquisador para aprofundamento dos temas relevantes com perguntas que possam enriquecer as narrativas por intermédio da exploração das lógicas contraditórias.

As perguntas versaram sobre a história das pessoas antes da vida nas ruas, a passagem para as ruas, o dia-a-dia nas ruas: territórios que ocupam e formas de agrupamento; violências percebidas e vivenciadas; e expectativas futuras (Anexo 01). Dessa forma, buscou-se uma narrativa em três tempos: antes das ruas; a vida nas ruas e planos de futuro.

Neste estudo foram entrevistadas 10 (dez) pessoas em situação de rua em Campos dos Goytacazes/RJ. Considerando que “a pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade”, a quantidade de entrevistas foi definida pelo critério de saturação (MINAYO, 2014). Tratou-se de uma amostra de conveniência composta por 05 (cinco) homens e 05 (cinco) mulheres. As entrevistas foram gravadas, codificadas e transcritas. Para a construção da história de vida os mesmos sujeitos foram procurados mais de uma vez para garantir maior riqueza qualitativa dos dados e articulações entre os diferentes momentos de abordagem. Além disso, o caminho trilhado neste método possibilitou ir escolhendo novos interlocutores e transferindo questionamentos de uns para outros, triangulando diferentes visões e dando qualidade às informações (MINAYO, 2014).

Quanto às estratégias de inserção no campo de pesquisa e acesso aos sujeitos, tanto para realizar a observação participante quanto para as entrevistas, foi utilizado o caminho já trilhado pela Clínica Nômade Voz da Rua, que desenvolve seu trabalho com homens e mulheres em situação de rua *in loco* (no próprio espaço da rua), na cidade de Campos dos Goytacazes – RJ. A equipe deu todo suporte e apoio necessário para a realização da pesquisa.

Como critérios para inclusão na pesquisa optou-se por pessoas com mais de dezoito anos de idade, que fizessem uso permanente da rua, segundo a classificação teórica de Silva (2006) [pressupondo que os que fazem este tipo de uso possuem mais vivências de violência

no contexto da rua do que os que fazem uso recente ou circunstancial]; e aqueles que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 02).

Para **análise dos dados**, optou-se pela análise de conteúdo em sua modalidade temática, indicada para estudos de opiniões, atitudes, valores e tendências. Inicialmente, realizou-se leitura de cada uma das entrevistas visando à organização do material e reconhecimento das ideias iniciais do texto. Na sequência, o material foi submetido a um estudo mais aprofundado, orientado pelos objetivos e referencial teórico proposto no estudo. Esse caminho possibilitou o alcance de uma representação do conteúdo para formulação das categorias (BARDIN, 1979).

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) tendo seu registro de aprovação sob o número 55283316.2.0000.5240.

AS HISTÓRIAS DE VIDA:

A história de Tiago (32 anos, pardo, solteiro)

a) Contextualização e situações antecedentes à rua

Os dois encontros que tive com Tiago foram na Praça São Salvador, uma das principais praças da região, localizada no Centro da cidade. Em ambos os encontros Tiago estava exatamente no mesmo lugar, uma esquina que dá para a Praça, onde vigiava carros e motos enquanto conversávamos. Os encontros se deram no início da noite, pois se recolhe cedo para levantar no início da manhã e retomar o trabalho.

Tiago diz que sua história foi muito complicada. Explica que estudou pouco, só trabalhou como ajudante de mecânico e hoje se encontra na rua vigiando carros e motos. Desde que perdeu os pais ficou sem ter para onde ir. Sem um teto, Tiago começou a andar pelas ruas até que pegou carona com um conhecido que o levou até Campos dos Goytacazes, onde está há cerca de um ano.

b) Vida nas ruas

Tiago qualifica o seu dia como “parado”. Sempre no mesmo lugar vigiando carros e motos, ajudando os condutores a estacionarem seus veículos nas vagas de acostamento daquela rua e a retirarem das mesmas. Faz isso na espera de receber aquilo que chama de “ajuda”. Quando a noite chega, logo se recolhe, indo dormir nos arredores da praça ou na rodoviária, os dois únicos lugares em que transita. Prefere dormir ali na esquina mesmo por ser seu ponto de trabalho.

Prefere dormir sozinho, mas muitas vezes se depara com alguém vindo dormir ao seu lado. Assim, se vê obrigado a permanecer, mas se pudesse ficaria sempre só. Explica que essa predileção se dá pela possibilidade, de ao estar sozinho, poder responder pelo que faz, mas diz não poder responder pelos outros.

Tiago se recolhe por volta das 20h ou 21h, horário em que diminui o movimento de carros e motos. Mas antes disso, passa no Centro Pop para tomar banho. Segundo o Ministério de Desenvolvimento Social e Agrário, o Centro Pop é uma unidade pública que obrigatoriamente deve ofertar o Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua, além

de ações que incentivem o protagonismo e a participação social dessas pessoas. O Centro Pop deve ainda funcionar como ponto de apoio para população em situação de rua, promovendo o acesso a espaços de guarda de pertences, de higiene pessoal, de alimentação e provisão de documentação (BRASIL, 2015). Entretanto, para Tiago, o “CPOP” é um *negócio* da Prefeitura que dá água para não precisar encarar o Paraíba (Rio Paraíba do Sul onde muitos ali se banham). Às vezes come lá e às vezes ganha comida em um restaurante próximo dali.

O deslocamento de Tiago pelo território é determinado por essas necessidades. Passa o dia “parado” ali para trabalhar, vai ao Centro Pop para tomar banho e comer, algumas vezes lá e outras no tal restaurante. Dorme ali na esquina por ser seu ponto de trabalho, mas de vez em quando vai dormir na rodoviária, quando se sente ameaçado por causa da presença de pessoas estranhas que aparecem ali para dormir ao seu lado.

Tiago acredita que só Deus pode mudar a história de uma pessoa. Ele crê que as pessoas podem querer ajudá-lo, mas que não conseguirão por si mesmas, pois toda ajuda humana vem de Jesus, de Deus e do Espírito Santo, que são um só, explica. Apesar do discurso de fé no que tange a ajuda, Tiago diz que tudo isso depende de um “querer”. Para ele, Deus quer mudar a história dele, mas para que assim aconteça, ele tem que querer parar de dormir ali, no chão. Tiago não dorme ali porque quer, mas porque precisa. Contudo, além de querer parar de dormir ali, tem que querer e começar a buscar a Palavra de Deus. Assim, Deus vai fazer uma mudança que nem ele saberá como foi. Mas acredita que isso só acontecerá se primeiro sair da rua e começar a pensar no amanhã, pois quem dorme na rua só costuma pensar em dormir em outro lugar da rua, sendo: da rodoviária para praça, da praça para uma marquise, etc. Segundo ele, o pensamento da pessoa que mora na rua é só o de trocar de lugar, não tem sonho de dias melhores. Mas Tiago acredita ser uma exceção a essa regra. Para ele, tem gente na rua que ouve a boa Palavra, mas entra por um ouvido e sai pelo outro; enquanto ele “grava” para fazer melhor no outro dia, reconhecendo que precisa mudar para então mudar sua história.

Tiago tem irmão, irmã, sobrinha e até uma filha. Mas diz que os irmãos só querem estar perto se ele tiver algo para oferecer, e como não tem, assim como os irmãos também não tem nada para oferecer a ele, não convivem. Enquanto pais acolhem independente de ter ou não dinheiro, estar certo ou errado, sujo ou limpo.

c) Vivências de violência

A história de Tiago foi marcada por uma situação de violência mesmo antes da vida nas ruas. A casa em que morava no Rio de Janeiro com os pais foi invadida por uma facção assim que estes morreram e nela instalaram uma “boca de fumo”. Tiago diz que sentiu que as pessoas eram perigosas e não quis voltar ao local.

Ainda hoje, Tiago, diz viver e se sentir em risco. Conta que as pessoas que aparecem à noite, ali pela praça para dormir ao seu lado, podem estar fazendo coisas erradas durante o dia e serem atacadas durante a madrugada. Seu medo é o de alguém ir “pegar” essas pessoas e também o pegarem, mesmo não tendo nada a ver com a situação. Ele diz que acontece muita *queima de arquivo*. Quem não fez nada sofre um “reflexo” de coisas que não fez, pois quem vai para matar um, mata os outros para ninguém ver nada. Esta situação determina sua preferência de dormir sozinho, afirma. Esta situação também é um fator determinante de seu deslocamento pelo território, pois é exatamente quando essas pessoas estranhas aparecem, que Tiago sente a necessidade de sair dali para se proteger, indo então dormir na rodoviária. Vale ressaltar que seu medo não é dessas pessoas, mas de quem pode vir “pegá-las” por algo que tenham feito e o pegarem também para “queimar arquivo”.

Quando não vai para rodoviária, vai para algum outro lugar, procurando estar sempre “destacado”, sozinho, sob a justificativa de a rua estar “muito violenta”. Tiago diz que a maioria dos moradores de rua é vista como bandidos, ladrões e perigosos. E questiona: “Como que um cara pode ser bandido, perigoso, se não tem onde dormir? Como um morador de rua pode ser bandido, perigoso, se ele nem tem onde tomar banho?”

A angústia está em seu discurso quando diz que as pessoas vêm assim sem considerar que quem está em situação de rua tem uma história por trás e também teve família. Segundo ele, as pessoas não querem ver isso e só desprezam, criticam e não ajudam. Alguns até ajudam levando alimentos ou roupas, mas a maioria só quer criticar. Segundo ele, há pessoas que levantam os vidros dos carros com medo de serem roubadas pelos moradores de rua, estes “tem que parar e pensar que não é todo mundo que é ladrão, não”.

Enquanto conversávamos, Tiago trabalhava vigiando carros e nesta hora dizia que se fosse ladrão não estaria trabalhando assim. Diz que alguns dão a ele cinquenta centavos, outros um real e têm aqueles que dão até dois. Mas os que não dão nada são tratados do mesmo jeito, e é assim que tenta mostrar que nem todo mundo é ladrão. Ele diz que mesmo sem ter onde ficar, graças a Deus tem paz. Não mexe com ninguém e ninguém mexe com ele.

Tiago não gosta de roubo e nem de covardia. Diz que só se mete em situações de violência se estiver o afetando. Conta que já separou brigas porque para ele pessoas que bebem e usam drogas, brigando podem até se matar. Às vezes vê três ou quatro pessoas se juntando para bater em uma só. Quando acontece perto dele, tenta conversar com as pessoas e pedir para que não façam aquilo, justificando que não vai levar a nada e que os problemas vão continuar. Tiago age assim porque acredita que Deus o colocou no mundo para ajudar.

Tiago diz que as violências que as pessoas em situação de rua sofrem nem sempre são físicas, mas há violência verbal quando chamadas de “mendigos”, por exemplo, e há até a violência *do olhar*. Quem já tem experiência na rua, segundo ele, sabe quando um olhar transmite o desprezo, o nojo, ou os pensamentos de se achar melhor do que o “mendigo” que está ali jogado na “sarjeta”, de que aquele “mendigo” não tem coração ou que já era para estar morto.

Tiago diz que “quem é inteligente sabe que não é assim, porque se aquele ali tá jogado ali, ele já teve um passado na vida.” De forma interessante, ele associa a violência à ignorância, ao não conhecimento da causa das pessoas em situação de rua e os motivos que as fizeram estarem em tal situação.

Quando pergunto se já viveu alguma situação de violência, ele conta um episódio onde três pessoas queriam bater nele devido a seu jeito de ser, de não gostar de covardia e de em algum momento dar sua opinião no problema dos outros. Acharam que ele estava dando uma de super homem ou de policial por querer se meter. Foi quando o ameaçaram, mas não concretizaram uma violência física. Entretanto se sentiu violentado nesse momento por ter sido alvo de “muito xingamento”. Abaixou a cabeça e ficou quieto.

Tiago diz que “às vezes uma palavra ofende mais que um soco”. Ele gostaria que, independente de estar certo ou errado, as pessoas soubessem chegar perto e conversar com ele naquela ocasião. Quando aquelas pessoas o xingaram, ele ficou com ódio por se sentir maltratado. Muito magoado, ficou com raiva e teve vontade de matar. “Porque a raiva faz você matar a pessoa”, acrescentou. Para ele, tudo pode ser resolvido com uma boa conversa, pois se violência fosse tudo o mundo estaria em guerra.

Sendo homem, sujeito a esses sentimentos, Tiago diz que tenta se recuperar e dar a volta por cima ouvindo a Palavra de Deus. Enfatiza que não é cristão, mas que sempre chega um “irmão” ou “irmã” para pregar a Palavra e ele gosta de ouvir, pois só isso o faz esquecer

toda maldade que às vezes guarda. É aí que uma pessoa ou outra traz a Palavra de Deus que passa a visão certa e que conforta, o fazendo esquecer até o ódio e ver com outros olhos quem o fez se sentir assim. Sem rancor, sem ódio porque deu atenção à Palavra de Deus, que limpa seu coração e sua mente, é assim que vai vivendo.

Para Tiago, as mulheres lidam melhor com a violência por serem mais tranquilas. Segundo ele, a mulher tem privilégios na rua, conseguem uma coisa aqui e outra ali enquanto os homens ouvem que devem ir trabalhar para conseguir ao invés de ficar pedindo. Acrescenta que quem pensa assim não sabe o quanto é difícil conseguir um serviço sendo morador de rua.

d) Expectativas de futuro

Tudo que Tiago diz querer é um lugarzinho para refazer a vida e um trabalho mais digno, de carteira assinada. Fazer faxina, arrumar um banheiro, passar um pano no chão ou qualquer outra coisa, o importante para ele é ter a carteira assinada. Para ele, também faz parte do “refazer a vida” o *caminhar para a casa de Deus* (fazer parte da Igreja).

O plano de ter um teto é, para Tiago, uma etapa para trabalhar e então constituir uma nova família. Sua meta final é ser pai, já que seus pais foram levados por Deus, e ir vivendo a vida sem esquecer uma coisa: não pode prejudicar ninguém.

A história de Felipe (38 anos, negro, divorciado)

a) Contextualização e situações antecedentes à rua

Felipe é alguém que conheci na Praça São Salvador alguns meses antes da pesquisa de campo. Tinha perdido a visão de um dos olhos e tinha significativo prejuízo no outro. O encaminhamos, enquanto equipe da Clínica Nômade Voz da Rua, para um oftalmologista conhecido de um hospital da cidade e aquela noite era a primeira vez que eu via Felipe depois do tal encaminhamento. Encontramo-nos na mesma praça e conversamos um pouco sobre a consulta que teve e a revisão que fará. Felipe é direto em suas falas, dificilmente estende um assunto, mas conversa sem constrangimento sobre qualquer parte da sua história

de vida.

Sobre sua vida antes das ruas, diz que morava com a esposa e com filhos. Seu desejo era permanecer em casa, em especial por causa da convivência com os filhos, mas não conseguiu por causas que serão abordadas mais adiante. Aquela noite de entrevista era a primeira depois do Dia dos Pais. Felipe relatou que sofreu muito no dia anterior pensando em suas crianças. Então, foi até a casa de uma filha adulta, já casada, e passou o dia com ela. Depois voltou às ruas, pois acredita que morar com a filha não daria certo, pois ela tem marido, filhos e uma vida própria e que ele atrapalharia. “Então ela vive para lá e eu vivo para cá”, diz.

Conhecendo “Dorminhoco” (outro sujeito da pesquisa) e sabendo que ele dormia na Praça São Salvador, Felipe vai para rua sabendo que poderia ficar ali ao lado do colega. Diz que está bem ali, *graças a Deus*, mas não por vontade própria. Traz no discurso a rua como uma escolha por falta de opção melhor.

b) Vida nas ruas

Durante os dias na rua, faz alguns “biscates” para conseguir dinheiro para o “pão de cada dia”. Geralmente vigia e lava carros e motos. Diz que o pouco dinheiro que ganha é suficiente para não passar fome. À noite vai ao mercado municipal e toma banho em uma grande torneira que tem lá, a qual chama de “torneirão”. Volta para praça e aguarda o sono chegar. Não se desloca pela cidade senão da praça para o mercado e do mercado para a praça de volta, pois suas necessidades são supridas nesses lugares. Apesar de citar o colega Dorminhoco como uma referência, prefere dormir sozinho que em grupo, pois sempre aparece um “com a mente podre, com a mente imunda”. Felipe diz que se não for para ficar com uma mulher, com homem também ele não quer ficar. Prefere ficar sozinho, só ele e Deus.

c) Vivências de violência

As vivências de violência de Felipe são também anteriores à vida nas ruas, fazia parte da dinâmica familiar. Morar com a esposa não foi mais possível porque a relação estava *insustentável*. Ele diz que ela é “muito pra frente”, “muito atrevida”, coisa que não aceitou.

Refere-se à violência com ele e com os filhos do casal. Sobre a relação dela com os filhos, ele diz: “Não sabia bater, não sabe bater. Então isso tudo foi me levando...” Felipe rompeu os vínculos familiares exatamente por não suportar as “agressões” da esposa às pessoas de sua família. Eles discutiam muito e ela queria falar mais alto, *era metida a ser homem como ele*, conta. Não aceitando a relação assim, Felipe teve que ir para rua para não acontecer coisa pior entre os dois.

Na rua, Felipe encontra também um cenário de violência. Roubos, facadas e brigas fazem parte do que vê em seu atual cotidiano. Felipe já viu violências físicas de pessoas novas, mais velhas e até de idosos. Mas pessoalmente só se envolveu em discussões, o que também percebe como violência. Depois desses acontecimentos fica nervoso, em especial na hora de dormir, sem saber o que se passa no coração dessas pessoas acerca do que fazer com ele enquanto estiver dormindo. Com medo, prefere andar sozinho que *mal acompanhado*. Exatamente para evitar discussões que podem terminar em um ataque quando estiver dormindo, momento de maior vulnerabilidade. Felipe diz: “a gente dormindo tá morto”.

O sentimento de Felipe diante dessas violências que encontrou nas ruas é o de quem não se conforma, não aceita tal realidade. Diz que como homem não violenta ninguém e por isso não aceita que façam com ele. Nem com ele e nem com outros. Às vezes Felipe separa brigas, se mete em algumas para que se acabem logo. Para ele não há diferença em ser homem ou ser mulher no que tange à violência nas ruas, “a chapa esquentada do mesmo jeito”.

Alguns minutos depois da entrevista de Felipe, eu já estava entrevistando outro sujeito, mas Felipe vem até mim para complementar sua fala sobre o assunto. Ele volta para dizer que a única coisa ruim na rua é que ninguém se mete nas brigas deles, nem mesmo a polícia, e que dessas brigas saem rinchas, feridos e até mortes. “Fora disso, Deus é muito bom pra nós”, conclui.

d) Expectativas de futuro

A única expectativa de futuro que Felipe cita é sair da rua, que chama de “imundície”. Reclama que ali não tem como fugir dos mosquitos, que não tem como ter ventilador para fugir também do calor e ainda diz que do frio só foge quem tiver uma coberta quente, pois se não tiver, “cê tá ferrado”, comenta.

A história de Manoel (48 anos, negro, divorciado)

a) Contextualização e situações antecedentes à rua

Manoel mora há anos nos arredores da Praça São Salvador. Foi uma das primeiras pessoas abordadas pela equipe da Clínica Nômade Voz da Rua, isso no ano de 2012. Participou de algumas entrevistas para trabalhos de conclusão de curso de alguns colegas. Conversamos muitas vezes, mas constituí esta história de vida com base nas entrevistas concedidas em dois de nossos encontros.

Sua história se confunde com a rua. Há anos foi parar ali “do nada”. Morava em Martins Laje, de lá foi para Elíseos e por último para o Matadouro, uma das comunidades de Campos. Morando nessa comunidade esteve um dia na Praça São Salvador, onde conheceu alguns colegas e ficou por ali conhecido. Esses colegas deram a ele o apoio necessário para ficar na rua, onde permanece até hoje.

Assim que foi morar nas ruas teve o apoio da Casa da Cidadania, dispositivo que funcionava como albergue e foi substituído pelo Centro Pop que passou a funcionar no mesmo endereço. De lá foi encaminhado para o CAPSad (Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas), unidade de saúde especializada em atender usuários abusivos e dependentes de álcool e outras drogas, dentro das diretrizes determinadas pelo Ministério da Saúde, que tem por base o tratamento em liberdade, buscando sua reinserção social. Manoel na época frequentava regularmente as duas organizações. Atualmente não vai a nenhuma das duas há muito tempo.

Começo a entrevista pedindo a Manoel que me fale um pouco sobre sua história antes de morar na rua. Ele responde “briga, discussão...” com um olhar evasivo. Depois de alguns segundos de silêncio pergunto com quem morava nesta época. Com uma história tão atravessada pela vida nas ruas, começa a contar sobre as mulheres que teve e em uma sequência linear cita os nomes das mulheres com quem morou antes das ruas e a partir delas como se não houvesse em algum momento a ruptura com os moldes da casa para um novo estilo de “morar junto”. Das seis mulheres que nomeou, chamou uma pelo apelido – loira, explicando que esta se recusava a lhe contar seu nome. Para ele, algo normal.

b) Vida nas ruas

Hoje Manoel tem uma companheira que “tá e não tá” com ele, diz que essa fica de *palhaçada*, que a única que “formou” com ele era a Charlene, que veio de Vitória. Mas ela morreu grávida de um filho dele. Lamentando, conta que a companheira foi atropelada na Alberto Sampaio (rua nas proximidades da Praça) e que lá chegando foi impedido de se aproximar para vê-la. No cemitério também não pôde entrar. Foi barrado pelo vigia do Cemitério do Caju (de Campos) porque estava sob efeito de álcool. Um tio da Charlene veio para o enterro e também o impediu de vê-la, fato que visivelmente o entristece até hoje.

Manoel não se conforma de não ter podido ver Charlene e diz que não entende bem porque esse tio dela, que não o conhecia, o impediu de vê-la. Ele conta que todos os dias conseguia dinheiro e almoçava com ela no “um real” (como é chamado o Restaurante Popular da cidade) e à noite quando “passava comida” (diariamente passam pela praça alguns grupos que doam alimentos) ele pegava também para os dois. E na noite anterior a do acidente ele saiu para pegar comida para ela, mas acabou se enrolando com uns colegas que ofereceram bebidas alcoólicas que ele aceitou e por ali ficou. Alcoolizado Manoel só se lembra de ainda ter visto Charlene no outro dia, mas permaneceu dormindo quando ela se levantou e saiu.

Manoel, que curiosamente é apelidado de Dorminhoco, conta que estava dormindo quando ouviu uma “coisa” falar em sua mente: “Dorminhoco, a sua mulher morreu. Foi atropelada”. Depois uma menina conhecida o procurou para confirmar o que a “coisa” dissera, veio noticiar o atropelamento e morte de sua companheira.

Perguntei sobre essa “coisa”. Ele não sabe explicar essa voz que falou em sua mente enquanto dormia, mas relaciona com a preocupação e cuidado que tinha com ela, pois tinha um problema no pé que lhe causava muitas dores e a fazia depender sempre da ajuda de Manoel, que curiosamente é apelidado de “Dorminhoco”.

O “Dorminhoco” dormia quando sua companheira foi atropelada e morreu. Dormia quando ouviu uma voz que anunciava o ocorrido. E dormia o sono de efeito do álcool que lhe traz a culpa de não ter buscado comida para Charlene na noite anterior e ao invés disso ter ficado bebendo com uns colegas.

Hoje, a vida de Manoel na rua é resumida por ele na frase “vim pra cá, trabalhar aqui e beber café de manhã cedo. Só isso.” Manoel trabalha vigiando carros. Faz isso de segunda

a sábado, não trabalhando mais aos domingos como fazia antes. Não se desloca pela cidade. Afasta-se da praça para “beber umas cervejinhas”, mas volta sempre para o mesmo lugar. Às vezes está em grupo com alguns colegas, mas prefere ficar sozinho ou com apenas um colega para ter com quem conversar. Acredita que nos grupos sempre tenha uma conversinha errada que sempre cairá para o lado mais fraco, arrumando problema. Conversas onde se fala mal dos outros e depois se põe a culpa nos mais fracos. Isso faz com que Manoel nem goste muito de conversar.

c) Vivências de violência

Nas ruas Manoel diz presenciar alguns tipos de violência, como brigas e ameaças com facas. Tais episódios também são fatores determinantes de sua escolha por se afastar dos grupos. Ele diz que uma pessoa pode querer “furar” um dos colegas que estão devendo e eles não sabem. Entretanto Manoel acredita que as pessoas em situação de rua sofrem mesmo é com doença, e quando explica o que afirma, exemplifica com os dois cravos que têm nos pés, curiosamente, consequências de um episódio de violência.

Manoel sofre com dores nos pés em decorrência de um tiro que levou de um policial. Ele diz que era do mundo da violência e que roubava. Nesse episódio foi denunciado por ter roubado um botijão de gás de cozinha. Era um dia de chuva e a polícia o perseguia. Na fuga chegou a quebrar os telhados de duas casas. Jogou pedras em direção a Polícia e entende que o tiro que levou no pé foi uma tentativa legítima de um dos policiais de acalmá-lo. Pediu para ser levado para o Ferreira Machado (hospital da cidade) acreditando que se livraria, mas não obteve êxito.

Além desse episódio, já se envolveu em outras confusões que acabaram em “correria no seu rastro”. Narra uma delas, em que correu no mercado, na rodoviária e novamente terminou no Ferreira Machado, mas não lhe aconteceu nada grave. Diz que na época bebia muito e estava muito magro.

Hoje em dia Manoel diz não ser mais “moleque” e não se envolver em confusão de ninguém. Se não tiver nada a ver com ele, ele fica quieto. Diz que como homem, sua forma de lidar com a violência nas ruas é deixar para lá, cada um com seus problemas para resolver.

Mulheres, ele acredita que não se envolvam diretamente em situações de violência. Segundo

Manoel, elas armam com outros homens quando querem atacar alguém. “Arma para a gente e pronto, acabou”.

d) Expectativas de futuro

Manoel tem planos para um futuro distante. Ele diz que ainda vai demorar a conseguir tirar seus documentos, pois está esperando desde que o Centro Pop ainda era Casa da Cidadania. Quando isso acontecer, vai tentar conseguir um cadastro no programa de transferência de renda “Bolsa Família”, para não precisar mais vigiar carros nas ruas e arrumar uma casinha. Ele não quer casa em Campos dos Goytacazes porque para todo lado tem favela e ele é conhecido nas favelas daqui. Além desse risco tem o risco de ser novamente confundido com um ladrão, por quem quase morreu por engano em certa ocasião. Ele prefere ir para Macaé, Niterói ou Rio de Janeiro, lugares que acredita poder ele mesmo “fazer seu lugar”.

A história de Evandro (47 anos, negro, divorciado)

a) Contextualização e situações antecedentes à rua

Estive com Evandro por duas noites seguidas. Na primeira delas, o encontrei agitado e preocupado com sua companheira que estava passando mal, deitada em um colchão na calçada. Naquela noite não me senti à vontade para realizar a entrevista com ele. Conversamos, mas não exatamente sobre o que abordaria no dia seguinte. Conversei também com a enfermeira da ambulância que não queria levar a companheira de Evandro sob a justificativa de que era um problema social e não de saúde pública.

Na segunda noite a entrevista foi feita toda de uma só vez, pois Evandro fala pouco e é sucinto nas respostas. Sua companheira já estava no mesmo local nesse segundo dia, porém medicada.

Evandro conta que antes de morar na rua tinha a vida um pouco melhor, embora com conflitos familiares, muita discussão e vivia cansado de tanto trabalho. Quando perdeu o emprego, em um episódio em que o novo prefeito da cidade dispensou muitos funcionários,

pôs na cabeça que tinha que sair do interior e tentar a vida em Campos. Foi quando conheceu a atual companheira. Chegaram a morar juntos no bairro Jardim Aeroporto, onde tentou e não conseguiu trabalhar. E sem dinheiro para pagar o aluguel de uma casa, foram morar ali debaixo da ponte.

b) Vida nas ruas

O dia a dia de Evandro na rua é tomando conta de carro, uma vida que também julga ser meio complicada. Ele diz que vai levando a vida como Deus quer que ele leve, sofrendo um pouquinho porque Deus já sofreu muito por nós. Para ele, a vida é mesmo assim, uma hora se está no alto e outra no baixo. Evandro acredita que tem que apanhar um pouco da vida para aprender sobre a vida. Ele crê que aceitando o sofrimento determinado por Deus, Deus ajuda a ter uma vida melhor. Diz ter orgulho de viver assim e de estar hoje naquele grupo da ponte.

Evandro diz que sempre esteve sozinho, que agora prefere ficar só com a companheira a quem chama “minha família”, mas está com esse grupo que considera ser “uma galera boa”, apesar de passar uns “apertos” ali. Mas crê que a vida nas ruas é assim mesmo. A única queixa de estar naquele grupo que verbaliza é de não ter liberdade.

c) Vivências de violência

Em um momento oportuno e em baixo tom de voz Evandro diz que a vida ali é muito ruim, pois de vez em quando tem uma discussão, uma briga entre alguém, de onde é arriscado sair sangue. Também diz que “se o cara não tiver com a cabeça no lugar *acontecem* coisas piores”. Ali Evandro diz presenciar brigas com socos e pauladas. Entretanto, não conhece outros lugares da cidade. Não se desloca pelo território. Além de não conhecer outros lugares, Evandro naturaliza a violência em seu discurso: “é coisa de rotina mesmo da rua, entendeu?”

Apesar de ter uma vida antes das ruas repleta de conflitos familiares e muita discussão, Evandro diz que pessoalmente nunca se envolveu em uma dessas brigas de rua, só “bateu boca”. Vê-se como um cara que prefere controlar a violência para não acontecer coisa pior na rua. Sobre a experiência de discussão na rua, diz que conseguiu mesmo acalmar a

situação. Por ser homem, acredita ser mais forte e isso ajuda a “acalmar a violência dos irmãozinhos”. Contudo, acredita que a mulher em situação de rua precisa de um homem para protegê-la, como é o caso de sua companheira. Evandro é o único homem entrevistado que pensa ser a mulher alguém que carece da proteção masculina. Como bom apaziguador, tranquiliza a companheira em casos de violência, em especial porque ela tem um “problema de saúde, um nervoso”, e não permite que ela fique agitada para não ter mais problemas.

d) Expectativas de futuro

O plano de Evandro para o futuro é ter uma vida melhor em uma casa e ter também seu serviço de volta, um emprego público em uma prefeitura.

A história de Fábio (41 anos, negro, casado)

a) Contextualização e situações antecedentes à rua

Em uma das noites de pesquisa de campo, fui até uma ponte sob a qual se costuma ver sempre pessoas em situação de rua. Esta ponte tem uma longa extensão além do rio que atravessa, se assemelhando a um viaduto. Embaixo desta há uma quadra de basquete, também usada por skatistas para treino e por dançarinos de rua. Nas grades da quadra, panos, dos mais diversos, são amarrados para formação de pequenas coberturas onde cabem deitadas ou sentadas as pessoas que ali dormem. Essas espécies de barracas estavam montadas uma encostada na outra, de modo a formar um só bloco, revelando a coesão grupal dos que ali encontrei. Com minha chegada, um dos homens saiu de sua barraca e veio ao meu encontro sinalizando que vigiaria meu carro. Enquanto isso, os outros permaneciam encobertos nas barracas de onde saía muita fumaça e cheiro de maconha. Expliquei a ele que estava ali para uma pesquisa e pedi que me concedesse uma entrevista. Este homem, de braço enfaixado que atendia pelo apelido de “Gordinho” disse que não poderia conceder a entrevista sem antes falar com um “cara” dali. Comecei então a entender a posição deste no grupo. O cara era Fábio, que preferiu ele mesmo ceder a entrevista e “liberar” o gordinho para vigiar os carros. Fábio não estava na barraca, mas sentado na única cadeira que havia

ali, acompanhado de perto por uma mulher (a quem entrevistei depois).

A primeira pergunta foi de Fábio para mim. Se havia garantia de que sua “integridade” seria mantida, justificando logo em seguida que *devia à Justiça*. Disse isso, mesmo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) já lido e assinado. Falava com intrepidez, mostrava claramente domínio sobre o grupo e usava gírias como “meu irmãozinho”, “meu amigo”, “coleguinha”, “parceirinho”, etc.

Antes de morar na rua era casado e trabalhava, tendo experiências em empresas de ônibus e várias sapatarias, o que o deixa inconformado com a atual falta de opção. Fábio teve a vida mudada quando foi preso (não quis revelar o motivo). Segundo ele, sua vida mudou porque a sociedade não “abraça” um ex- presidiário, pois *estes não têm crédito para nada na vida social*. Ele diz que *“a sociedade fala que ajuda e não ajuda. A sociedade só afunda.”* Nas palavras de Fábio, a sociedade é responsável em uma proporção de 45 a 50% pela situação de rua em que se encontram muitas pessoas. Ao falar de maneira geral sobre a sociedade, acaba *dizendo “a gente é um regenerado por eles, entendeu?”* Percebendo outra intenção pergunto: *“renegado?”*, ao que responde: *“Renegado por eles! A verdade é essa!”*

b) Vida nas ruas

Renegado pela sociedade, Fábio fica em situação de rua desde que saiu do presídio. Segundo ele, a mulher que o acompanhava, e que atende pelo nome de Elia, é a motivação de estar ali. Diz que a conheceu na rua e foi morar ali com ela. Fez questão de ressaltar que a ama. Os dois passam o dia debaixo da ponte nas margens do rio Paraíba do Sul, depois da barra de contenção, já próximo às águas. No período da noite sobem para as proximidades da quadra, onde ficam as barracas, na esperança de que grupos religiosos e de ação social distribuam alimentos, depois disso voltam para as margens do rio onde ali sim chamam “embaixo da ponte”.

No período em que estive ali, durante outras entrevistas, Fábio se afastou do grupo de forma suspeita. Algumas vezes foi até seu abrigo “embaixo da ponte”, outras vezes se afastou um pouco mais. No segundo dia de pesquisa, precisei esperar sua chegada, pois tinha dado uma “saidinha” com a bicicleta que “arrumou”. Apesar disso, quando perguntei sobre seu dia-a-dia na rua disse que vigia e lava carros e também pede um ou dois reais aos transeuntes para poder comer. As respostas que pareciam encobrir algumas informações me

lembravam do Gordinho que precisou pedir para falar e teve sua fala substituída pelo líder Fábio.

c) Vivências de violência

Fábio opta por ficar com aquele grupo sob a justificativa de que na rua sempre há “covardia” e que estando em grupo é mais difícil que alguém a faça. *“Em grupo é melhor que se fizer alguma covardia com um, tem que fazer com todo mundo”* diz. Pergunto então a Fábio se ele vê as pessoas que vivem nas ruas praticarem algum tipo de violência. Ele responde que a “covardia” que vê é a cachaça e às vezes as drogas, pois violência entre eles não há. Curiosamente, ao responder, associa e também discrimina “violência” com “covardia”, e entende que as drogas são como “covardias” praticadas pelas pessoas em situação de rua. Sobre outras “violências” praticadas por eles, diz que quem mora na rua não pode violentar ninguém porque está vulnerável a ser violentado em outro momento, está exposto a qualquer tipo de coisa. Com isto, completa o sentido da preferência por estar em grupo, o de ser protegido em casos de violência sofrida. Expressa o medo da “covardia” com a fala *“a gente sente aquele negócio, que uma hora pode vir a acontecer comigo. Eu penso assim”*.

Fábio vê como formas de violência da sociedade para com o morador de rua o *virar as costas*, o não cumprimentar e o preconceito comum de que são todos ladrões. Representa a angústia do grupo dizendo *“morar na rua não é crime”*. Quando a questão é gênero, Fábio entende que para as mulheres estar diante das múltiplas formas de violência nas ruas é diferente, pois correm um risco a mais, que é o de sofrerem “abuso”, se referindo ao abuso sexual.

Seguindo os dias de pesquisa de campo chego numa noite em que Fábio não estava. Sua companheira muito angustiada, me recebe narrando o evento que explicaria muita coisa: Fábio foi preso!

Flagrado assaltando, Fábio traz à tona o motivo de suas saidinhas. Segundo Elia, ela foi pega de surpresa, pois não sabia de seus presentes atos infracionais. O grupo respeitava Fábio e possivelmente tinha motivos suficientes para saber de quem se tratava. Aquele que os privava de falar certamente tinha uma força coerciva por eles conhecida. O grupo protegia Fábio de possíveis atos de violência como ele mesmo disse, e Fábio com sua manha protegia

também seu grupo. Por fim, Elia voltaria para sua família por falta de opção, mas sem a proteção do companheiro não resistiria mais a vida nas ruas.

d) Expectativas de futuro

Sob o risco eminente de sofrer uma covardia na rua e vivendo com uma companheira que, segundo sua representação, também pode sofrer uma violência sexual, os planos para o futuro que Fábio narrou foram conseguir uma casa para morar e constituir com Elia uma família.

A história de Noélia (35 anos, branca, solteira)

a) Contextualização e situações antecedentes à rua

Noélia é a companheira de Fábio. Uma das pessoas da ponte “autorizadas” por ele a dar entrevista. Diz não ver muita violência por ali, ao contrário de Evandro que ocupa o mesmo território, e vê constantes discussões e brigas, com socos e pauladas. Noélia é uma mulher misteriosa. Assina o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e pede que eu não diga seu nome certo porque não confia nas pessoas dali, inclusive no próprio Fábio. Todos acreditam que seu nome é “Elia”.

Sobre sua história antes da rua fala pouco. Foram três encontros com Noélia, mas quase não cita o passado. Esteve em situação de rua há cerca de cinco anos atrás, foi para casa e três semanas antes da primeira entrevista voltou para rua.

Da primeira vez em que estive nas ruas, Noélia usava álcool, tabaco e outras drogas. Virava noites abusando de tais substâncias. Para se sustentar financeiramente, catava materiais recicláveis para vender e também se prostituía. Até que conheceu um homem que mora na roça e o acompanhou, ficando com ele por cerca de quatro anos. Esse homem já tinha um carro, mas juntos compraram uma moto para ela e construíram uma casa própria.

Com o companheiro da roça a vida melhorou, mas Noélia tinha a sensação de que algo lhe faltava: “um homem”. Noélia diz que o companheiro estava “deixando a desejar” em tudo porque lhe faltava atitude. Ela mandava na casa e na relação. Diz que o que buscava era

alguém para mandar nela, dizer não e freia-la. Conta como era o relacionamento dizendo: “se eu falei ‘é assim’, é assim; ‘não é assim’, não é assim. E se eu falar ‘senta’, senta; ‘levanta’, levanta [...] Eu preciso de uma pessoa para poder falar ‘não, não’. Tem que ter rédea. Eu preciso. Se for para fazer tudo que eu quero eu ficava na rua”.

Buscando rédeas fora da rua e não encontrando, Noélia sempre voltava às ruas no que chamava “escapulidinhas”. Esporadicamente, entre períodos de seis ou sete meses, ia “zoar” na rua. Sempre que algo acontecia, seguia a mesma rota. Bebia, “zoava” ali e voltava para casa na roça. Mas no último aborrecimento que teve, começou a beber e veio para rua, ocasião em que conheceu Fábio, quem lhe daria mesmo nas ruas a rédea que procurava. Rindo, declara “conheci ele e não teve nem como eu voltar mais para casa, não. Conheci, gostei dele, eu amo ele e estamos aqui”. Sem voltar para se despedir do companheiro da roça e nem mesmo para buscar seus pertences, Noélia passou a morar com Fábio ali.

b) Vida nas ruas

Juntamente com Fábio, Noélia dorme debaixo da ponte, já nas margens do rio. Diz que sente falta de ter a própria casa e as próprias coisas. Para ela estar ali é “horrível”. E não quer pensar na possibilidade de voltar à vida de antes, vida de drogas e prostituição.

Noélia passa o dia todo ali debaixo da ponte se deslocando apenas pela extensão desta, semelhante a um viaduto. Não conhece nada mais na cidade. Passa o início da noite com aquele grupo, mas depois de se alimentar, retira-se novamente com Fábio para mais adiante, já depois da barra de contenção do rio.

c) Vivências de violência

Sobre violência Noélia fala pouco também. Diz não ver nada, mas saber que às vezes há umas brigas, sempre por causa de drogas. Conta que não se envolve em nenhum tipo de violência porque quando percebe que vai acontecer, não procura discutir, “bater boca”. Sua saída é: “saio de fininho, deixo me chamar de boba, de otária. Os otários é que *vive* mais...”. Para ela, ser mulher nesse contexto é muito triste. Acredita que os homens lidam com a violência de forma mais fácil e as mulheres da forma mais difícil. Isto porque, para Noélia, o homem é mais forte e a mulher sempre mais frágil.

Para estar na rua precisa da proteção que Fábio lhe dá. Falando de violência e gênero, desabafa: “eu vou falar com você... Se eu não tivesse com ele, eu não estaria aqui”. Explica que não sabe se defender mais como se defendia antes, pois não está mais acostumada e nem quer se acostumar. Noélia acredita que a rua hoje não é mais como em quatro anos atrás, que a violência só está piorando e que hoje há uma patifaria que não havia. Dá o exemplo de uma pessoa que estava ficando com eles a quem deram dinheiro para comprar duas velas, esta pessoa não retornou.

Noélia já avisou a Fábio que se for deixada por ele, volta para casa. Razão pela qual não se desfez da mesma. A moto que tinha já vendeu. Com o dinheiro, pagou aluguel de um lugar para passar umas noites com Fábio, comprou alimentos, pagaram algo que chamou de “troço”, gastaram com bebida e um pagode. Ainda tem bens, mas entende que não pode desfazer-se deles e gastar à toa, pois sem Fábio não fica na rua.

Da última vez que estive com Noélia, ela estava buscando entender o sistema de visitas de onde Fábio estava preso e procurando um advogado para ele. Ela dizia que não iria abandoná-lo naquele momento, mas que também não ficaria na rua sem ele, como já havia o avisado.

d) Expectativas de futuro

Noélia dizia planejar construir uma família com Fábio e morar pelo menos em um cômodo, ter as coisinhas deles direitinho e arrumar um emprego. Isso era exatamente o que pedia a Deus. Pedia isso na mesma oração que fazia devido a seu medo de Fábio fazer alguma besteira e ir para cadeia novamente. Élia conta que fazia de tudo que podia para não sair de perto dele, que a única coisa que pedia a Fábio era que não voltasse para o crime, pois sem estar no crime já estava difícil o suficiente. Tudo isto Noélia me disse uma semana antes de Fábio ser preso.

A história de Cátia (32 anos, negra, casada)

a) Contextualização e situações antecedentes à rua

Cátia foi achada para a entrevista enquanto desamarrava de uma árvore os poucos pertences que não lhe foram tirados pela Guarda Municipal. Trata-se de uma jovem, porém velha conhecida da Clínica Nômade Voz da Rua. Uma jovem simpática que há anos recebe com alegria a equipe no entorno do Teatro Municipal Trianon.

Antes de morar na rua foi casada e teve dois filhos. Atualmente, a filha tem catorze anos de idade e o filho dezessete. Conta, chorando, logo no início da entrevista que trabalhava e tinha tudo dentro de casa. A ida para as ruas se deu com a separação do marido.

b) Vida nas ruas

Assim que se separou do marido, Cátia foi para Praça São Salvador, onde conheceu pessoas em situação de rua e ali ficou na marquise dos Correios. Começou a beber e não quis mais voltar para casa, senão em visitas esporádicas para ver os filhos que continuaram morando com o pai.

Cátia diz que seu dia-a-dia na rua é estável. Desde que conheceu uma pessoa se mudou para marquise de uma gráfica próxima ao Trianon. Passa o dia consumindo bebidas alcoólicas por ali ou no Jardim São Benedito, que também é próximo, onde tem uma amiga dona de um quiosque, a quem me apresentou. Bebe por ali o que chama de “meu álcool” e depois vai dormir.

Cátia almoça “na madre”, casa de caridade onde religiosas doam refeições algumas vezes durante o dia. Quando tem dinheiro prefere almoçar no Restaurante Popular, onde se paga dois reais pela refeição. Prefere ficar sozinha, mas como tem um companheiro, acaba ficando boa parte do dia em um grupo com ele.

c) Vivências de violência

Cátia já viu muita violência na rua. Lembra-se bem de alguns conflitos com pedradas, pauladas e facadas. E em especial de duas mortes. Em uma delas, uma mulher mandou matar um homem perto do campo de futebol do Goytacaz e na outra, um homem já foi encontrado morto próximo ao Trianon.

Considera a violência uma coisa muito triste e difícil. Para ela, como mulher, algo insuportável. Conta que já sofreu violência do próprio companheiro, que nunca mais fez. Na

época ele a agredia fisicamente, até que em uma das vezes um guarda municipal viu e o enquadrou pela Lei Maria da Penha. Cátia conta que foi para Delegacia de Polícia fazer corpo de delito e que para ela, ir parar na delegacia foi uma vergonha. Seu companheiro ficou preso por um ano e onze meses. Com essa situação, Cátia diz ter se sentido muito entristecida. Para Cátia, o homem sempre é mais violento. “Nem todos”, ressalta, mas é a maneira que representa a partir de suas vivências na rua.

d) Expectativas de futuro

O sonho de Cátia é voltar para mesma casa e para os filhos, arrumar um emprego e assim viver a vida. Seu ex marido não é um empecilho, “ele vive a vida dele e eu a minha”, diz. O que Cátia mais quer é lutar pelo filho que “aprontou uma aí” e foi mandado pelo juiz para uma instituição para adolescentes em conflito com a lei em São Fidélis. O que Cátia deseja é trazê-lo para perto de si.

A história de Dolores (63 anos, negra, solteira)

a) Contextualização e situações antecedentes à rua

Encontro Dolores em uma tarde ensolarada perto da Rodoviária. Conhecida moradora de rua da cidade, Dolores está acostumada a ser reconhecida. A cumprimento e apresento a pesquisa, curiosa pelo início, logo se senta em uma calçada para ouvir sobre o TCLE e começar a entrevista.

Diante das atuais dificuldades que vive, Dolores começa dizendo que sua vida antes das ruas era boa. Na sequência, vai relembrando suas vivências e falando das dificuldades que vivia, revelando uma vida não tão boa assim.

Trabalhava como doméstica em casas de famílias, tinha dinheiro todo mês. Quando seu pai morreu, ficou sem ter onde morar. Passou então a morar nas casas de família onde trabalhava, mas diante de tanta “amolação” teve que sair, não tendo mais coragem de ir para casa de ninguém. Chegou a morar em casas de parentes, mas também teve muitos aborrecimentos. Conclui então que a rua seria um lugar melhor para morar. Diz que apesar de

tantas coisas ruins na rua, como a violência que cita, o que não dá para aguentar é parente. Dolores diz que está “doente dos nervos” e atribui isso ao fato de ter morado por todo esse tempo em casas de outras pessoas.

Dolores conta parte dos aborrecimentos que teve. Patrões que não pagavam como e quando deveriam, que na falta de um cozinheiro a colocavam para cozinhar e não davam a ela tempo para sentar nem para dormir direito. Na casa dos parentes, dizia ser a mesma coisa, o que a faz concluir que é difícil encontrar um bom lugar. “Tudo dá dor de cabeça na gente”, diz.

b) Vida nas ruas

Para Dolores, “tudo quanto lugar que a gente for é ruim”. A rua foi uma escolha e seu paradeiro é sempre questão de escolha também. Se Dolores não quer estar em um lugar, sai e vai andar “à toa”. Se não se dá bem em um lugar, vai para outro. Acerca dos lugares por onde passa, diz “não me dei bem naquele, já parto para outra, é assim. Ficar aguentando uma coisa por toda vida acaba com os nervos da gente”.

Dolores diz que a rua também não *presta*, que vive nas ruas se apegando com o Senhor Jesus para ele dar um jeito na vida dela e abrir seus caminhos. Dolores afirma que a pior coisa que tem no mundo é viver dentro da casa dos outros ou na rua, pois o sofrimento dobra e não se tem liberdade para nada.

Dolores já esteve em grupos na rua. Mas “esse negócio de ficar no meio de bolo” já a prejudicou muito. Chama o agrupamento de pessoas em situação de rua de “bolo” e conta que agora prefere evitar esse tipo de organização e ficar sozinha. Isto também porque não usa drogas, já bebeu muito, mas parou com a “cachaçada”. Uma vez ou outra faz uso de cerveja, a que chama “gelada”.

Ficando em vários lugares na rua, Dolores diz nunca poder indicar seu paradeiro certo. Afinal, não tem paradeiro certo. Dorme em qualquer lugar, dorme na casa de alguém somente se precisar. Diz que cisma de ir para um lugar, vai e volta no mesmo dia porque não gosta de ficar. Vai para o Jóquei, para Penha, para Ururaí, para o Centro, etc. Esses lugares são bairros campistas distantes um do outro. Dolores não tem problemas para transitar pelo território apesar do aparente problema na coluna que a faz andar muito encurvada e devagar.

c) Vivências de violência

Dolores conta que a rua *não está boa coisa*. Para não ser roubada, costuma guardar seus pertences em um saco quando vai dormir, mas às vezes acorda pela manhã e se depara com o saco já rasgado ou cortado pelo que acredita ser faca ou “Gilete”. Esse é o tipo de coisa que Dolores diz dar “dor de cabeça” e a motiva a se deslocar pela rua. Para evitar aborrecimento, Dolores escolhe outro lugar, mas às vezes, na busca de lugares melhores, encontra lugares ainda piores.

Nesse deslocamento Dolores tem a opção de sair dos lugares que julga oferecer mais riscos. Ela diz que as pessoas na rua são desconhecidas, então ela só tolera violências se quiser. O caso difere quando se trata da casa de algum parente. Ela explica: “parente quer tocar a mão na gente, quer bater, quer fazer isso, quer fazer aquilo, ofender com palavras... Eu preferi ficar andando à toa pra rua”.

Dolores vai contando histórias de violência que determinaram sua ida para as ruas. Não conta muitos detalhes, pois afirma que nem terminaria no mesmo dia se assim fizesse. Foram muitas fofocas, muita gente falando mal dela, muitas intrigas e tantas outras formas de aborrecimento. Conta um episódio em que saiu de uma casa e foi direto para o João Viana (Hospital Psiquiátrico da cidade), onde fez exames e ouviu do médico que estava “com um problemzinho de nervo”. Ela acredita que isto se deu por causa de tanta agitação naquela casa; por causa dos muitos empregados que lá havia e que a perseguiram; e por causa da falta de tempo para comer, dormir e cuidar de suas próprias coisas.

Dolores conta que na tal casa, quando tinha tempo para tomar banho, já estava entre duas e três horas da manhã. Quando estava comendo, o filho da patroa a mandava largar a comida para atendê-lo, abrindo o portão, como exemplifica. Atribui a tudo isto sua “doença dos nervos”. Atualmente Dolores diz estar mais calma, mas às vezes está agitada, também porque a vida nas ruas vai *acabando com ela*.

Sobre a prática de violências nas ruas, Dolores tem receio de falar. Receio de identificar pessoas, de se meter no que acredita não ter a ver com sua vida, de ficar “caguetando”, de “pegar aqui, levar ali” e dar problema. Afirma ver muitas situações e tipos de violência. Não gosta de falar sobre os outros, mas cita agressões, covardias, pessoas que batem na cara umas das outras e uma mulher “sofrida” que conhece, quem sofre muitas violências na rua. Conta que essa tal mulher apanha sempre do marido e que foi agarrada

pelo pescoço e quase morta por um homem que queria estuprá-la na rodoviária e não conseguiu.

Para falar de si, Dolores não tem o mesmo receio. Conta que na rua as pessoas mexem com ela, falam certas coisas e armam situações para ela. Alguns dizem que ela pega as coisas deles e a xingam com tudo quanto é nome. A forma que encontrou para lidar com tais situações foi ficar quieta e não dar ideia. Ela acredita que quieta está vencendo essas pessoas e que se for partir para violência faz até uma “desgraça qualquer”. Ela vai entregando nas mãos de Deus e deixando que ele trabalhe por ela. “E eu não quero botar meu espírito no inferno por causa de ninguém”, afirma se referindo a tal “desgraça qualquer” que poderia fazer caso reagisse também com violência.

Dolores acredita que para as mulheres, estar diante da violência em casa ou nas ruas não muda nada, que “a desgraça é uma só”, pois há muitas mulheres apanhando do marido e que “violência hoje tem em tudo quanto é lugar”. Para ela dá no mesmo. Acredita que os homens também estão violentos uns com os outros e que só Jesus pode dar jeito, só Deus pode tomar conta desse mundo.

d) Expectativas de futuro

Dolores não tem planos para o futuro. Conta que nunca teve futuro com nada, “nunca tive futuro em emprego, nunca tive futuro em casa de parente, nunca tive futuro com nada [...] Não me casei, não tive casa, meus pais morreram e não deixaram nada para mim. Aliás, deixou muita coisa, mas minha irmã pegou tudo. Não tive nada”. Nota-se em Dolores a falta de planos, de expectativas e de sonhos.

A história de Melissa (49 anos, negra, casada)

a) Contextualização e situações antecedentes à rua

Na Praça XV de Novembro, atrás da Rodoviária, encontro um casal. Era Melissa com seu companheiro Celso. Melissa tem 49 anos de idade, Celso tem 28. Vieram de Minas Gerais. Melissa é claramente dependente de Celso e até durante a entrevista busca em seu

olhar as respostas que deve dar. Celso, um rapaz simpático e receptivo, não ajudava nas respostas, mas algumas vezes explicou a pergunta com detalhes para que Melissa pudesse se sentir segura para responder.

Melissa vai às ruas quando perde toda sua família. Todos morreram. Preferiu a rua que permanecer sozinha na casa em que morava com a família. Na rua, conheceu Celso e passou a viver com ele, diz que o ama, que sabe que não será abandonada por ele e que também não o larga por motivo algum. Vieram juntos, pegando carona, de Minas Gerais para Macaé e de Macaé para Campos.

b) Vida nas ruas

O dia-a-dia de Melissa nas ruas é pedindo um trocadinho a um e a outro, um cafezinho a um e a outro. Algumas pessoas lhes pagam um lanche, mas isso é mais raro. Na noite da entrevista, Melissa disse não ter comido durante todo aquele dia. Carrega sempre uma garrafa pet de dois litros com água, a qual bebe a todo tempo para enganar a fome.

Melissa não se importa de ficar na rua e passar por esse tipo de situação, como fome, se estiver ao lado de Celso. Conta que ficará ao lado dele até morrer, por ser ele uma pessoa ótima para ela. “Do pé dele eu não saio, não. Que eu amo muito ele!”, conta com alegria.

c) Vivências de violência

Melissa diz que não se sente violentada na rua, mas que já viu muita violência. Conta sobre uma única vez, quando estava com Celso dormindo perto de uma mulher que estava junto do marido, então Celso saiu para comprar um café e a deixou dormindo. Na ocasião, estava com uma bolsinha com vinte e nove reais que ganhou vendendo bala na rua e nos ônibus. Quando foi acordada por Celso, saíram dali e só depois se deu conta de que a bolsinha não estava em suas coisas. Inicialmente pensou que Celso tinha pegado, mas logo se deu conta de que a bolsinha havia sido roubada. Encontrou então a bolsinha na cabeceira da mulher, mas vazia.

Melissa diz que à noite não consegue dormir bem. Quando ouve algum barulho, como o de pessoas andando, não consegue dormir. Espanta-se e vê que Celso está dormindo. Às vezes levanta a cabeça, às vezes fica sentada, depois então deita novamente. Há vezes que

fica sentada velando o sono de Celso. O medo de Melissa é de alguém se aproximar e lhes atacar com uma pedrada ou ainda lhes jogarem gasolina, pois sabe que “existe muita covardia”. Conta que quando vê alguém suspeito passando, às vezes com um pedaço de pau, chamo Celso, que se levanta para depois então deitarem novamente.

Melissa crê que ser mulher na rua é mais triste. Acredita que para a mulher estar diante da violência é sempre pior, que para com as mulheres a violência de vez em quando é covardia. Atrapalhada para explicar o que disse, Melissa prefere não falar mais.

d) Expectativas de futuro

Melissa planeja sair da rua no futuro, arrumar uma casa de aluguel para morar com seu companheiro Celso. Para ela não é uma questão nada difícil passar o dia na rua, mas dormir por ali é sua maior dificuldade.

A história de Maria (39 anos, parda, solteira)

a) Contextualização e situações antecedentes à rua

Ao lado da Praça XV, próximo à rodoviária, encontro Maria. Jovem com trinta e nove anos, acompanhada de um homem visivelmente mais velho. Ao me aproximar, logo noto em Maria uma disposição para falar, enquanto seu companheiro se manteve reservado. Antes do início da entrevista, Maria falou sobre isso. Diz que é muito ansiosa, que fala demais e que isso o irrita profundamente. Falava sobre as dificuldades desse relacionamento sem constrangimento e ele calado somente observava. Proponho a participação na pesquisa e Maria começa a falar de sua história sem nenhum tipo de constrangimento, pelo contrário com muito entusiasmo.

Maria perdeu o pai cedo, conta, já chorando no início da entrevista, que desde então sua vida perdeu o sentido. Sempre morou com a mãe e um irmão em Conselheiro Josino, localidade no distrito de Vila Nova de Campos, município de Campos dos Goytacazes - RJ. É professora e quando começou a dar aula foi morar sozinha em Travessão de Campos. Trabalhou pela prefeitura como professora e também como guarda municipal. Nesse tempo,

morou por doze anos em Travessão. Fez dois anos de faculdade e depois voltou a morar com a mãe, pois a empresa na qual tinha ido trabalhar fechou e nem deu baixa em sua carteira.

Maria diz ser carente de família. Não tem avós, não tem tios. Com a mãe fala quase todos os dias. Além disso, a mãe passa para vê-la no fim do mês, quando vai ao banco em Campos para receber. Maria diz que não vai com o companheiro na casa da mãe porque ele não quer. Diz que as pessoas em Conselheiro são caridosas e legais, mas ela e o companheiro estão cansados de ouvir conversas lá. Maria se entristece com o fato de sua família não procurá-la na rua, principalmente seu irmão e primos. Mas o que a revolta mesmo é saber que a mãe tem uma casa vazia em Conselheiro e que não empresta a ela para morar porque o outro filho, o irmão de Maria, é complicado.

Maria conta que de uns tempos para cá tem passado por muita tribulação, incluindo uma cirurgia do companheiro e extenso período de repouso. Ela acredita que ainda não tiveram oportunidades de viajar, mas logo terão. Além de tudo que Maria acredita estar para conquistar, diz que pesa muito o fato de estar afastada da Igreja, da presença de Deus. Não importa se é católica, ela tem é que estar orando, tem que estar na Igreja. Certa vez, ouviu de um “irmão” que deveria procurar uma Igreja Evangélica o mais rápido possível porque Deus tinha uma grande obra em sua vida. Isto então passou a fazer parte de seus planos. Sem se importar se será na Igreja Mundial, na Igreja Batista do Parque São Caetano ou na Assembléia de Deus, o que Maria pretende é se vincular, pois gosta de orar e louvar. Diz que sua fé é pequena porque tem a oração da Igreja Católica, uma Bíblia e uma Harpa Cristã que gosta de ler, mas nada disso é como se “encaminhar”. Se encaminhar é o plano de Maria para o futuro. De alguma forma já começou a materializar o plano, pois foi na semana anterior a da entrevista a dois cultos na referida Igreja Mundial, conta que se sentiu bem melhor, mas foi na hora do desespero e mesmo sabendo que está errada ao fazer isso, depois que se acalmou não voltou mais.

b) Vida nas ruas

Maria relata que sempre foi criada pelos pais sem maldade, sem conhecer a rua, sem sair e nem viajar. Uma coisa que não tem é maldade no coração. Não sabe brigar com ninguém, não usa droga e faz questão de dizer que não tem nada com quem usa. Não gosta de tumulto, não gosta de bagunça. Sabe que seu jeito a torna uma pessoa complicada no

contexto da rua. Reproduz a fala de algumas pessoas sobre ela: “ah, Maria chora por tudo”, “Maria não sabe lutar, não sabe brigar”. Maria concorda. Diz não entender a linguagem de rua. Não reclama constantemente de estar nessa situação porque está com o companheiro, mas às vezes se sente incompreendida, inclusive por ele. Quando reclama, é por não entender a vida ali, onde está há cerca de cinco meses. Reclama porque é mulher e tem necessidades especiais em algumas situações, como banho. Maria ia para aquela praça achando que iria brincar e se divertir, mas se deparou com uma rua “muito ruim”, onde cada um tem seus problemas e suas histórias.

Maria está ali por conta do companheiro. Diz que já tiveram chances de alugar uma quitinete com ajuda de sua mãe, mas está aguardando a decisão dele. Maria conhece o Centro Pop e sabe que pode contar com o dispositivo para tomar banho, como cita, mas não vai para não sair de perto do companheiro que não gosta de ir lá. Fala de forma nada clara sobre ciúmes dele e sobre ele “vigiar”, acredito que por estarmos tão próximos dele no momento da entrevista. Por outro lado, conta que ele reclama do ciúme dela. Ela assume ser ciumenta, mas ressalta que depende da pessoa porque na rua tem mulheres de respeito e outras que são vulgares, oferecidas e que querem chamar atenção, o que “embola a cabeça” dela. Maria confia no companheiro, mas não nas “pessoas erradas” ao redor dele. Ela diz sem se conformar que na rua tudo é normal. Como se sentar perto de um cara ou alguém se deitar ao lado dela. Isso ela diz não entender e seu jeito de ter respeito é, diante de um caso desses, se afastar da situação e se aproximar mais do companheiro. Angustuada, fala “tem coisas que eu não entendi ainda aqui na rua, mas eu tenho que aprender a conviver até o dia que ele queira achar que devemos seguir”.

Essa condição de espera por ele mexe com o estado de ansiedade de Maria. Eles já moraram juntos na casa do companheiro e Maria acha que há condições de voltar para lá, enquanto ele acha que não e o que vale é a opinião dele. Ela sofre por ansiedade e por ser amorosa. Diz: “Eu sou muito ansiosa. Eu sou muito amorosa às pessoas, acabo se machucando. Entendeu? Tudo quero doar. Entendeu? Já é meu jeito de ser. Fico purinha pra dar as pessoas”.

Dependente do companheiro, Maria foi morar na Praça XV exatamente porque o conheceu, em outubro do ano de dois mil e quinze quando passava por ali. Daí foi visitando mais o lugar até que ficou com ele em dezembro do mesmo ano. A relação começou porque Maria foi a cidade de Santo Antônio de Pádua fazer uma prova e ele a acompanhou, quando

na volta ela iria para Conselheiro e ele a convidou para ir para Conceição de Macabu com ele. Maria acreditava que ficaria morando lá com ele, mas não foi assim. Diz que a família dele a tratou muito bem enquanto estiveram lá, mas por um motivo que não revela, saíram da casa e foram morar na Penha, bairro de Campos. Depois de um ano morando na Penha, em uma casa de aluguel, não puderam mais permanecer e foram para rua, morar exatamente na Praça XV, onde se conheceram.

Às vezes Maria não controla sua ansiedade e pressiona o companheiro para sair da rua, seja construindo uma casa (pois crê que basta ele se recuperar totalmente e decidir) ou voltando para casa dos parentes em Conceição de Macabu. Segundo ela, a resposta dele é “não pesa minha mente não porque se ficar pesando eu vou embora”. Maria já falou para o companheiro que se ele quiser um dia ficar com a família dele, ela pode voltar para casa da mãe, basta conversarem. Mas ela mesma não gosta da própria ideia. Certa vez, perguntou a ele se um dia esse relacionamento poderia terminar, a resposta foi “pode”, o que a fez sofrer. Mesmo assim, crê que a amizade deles permaneceria por tudo que ele fez durante o relacionamento.

Maria diz que faz parte de um grupo mais quietinho, que não faz bagunça. Prefere ficar só com o marido, mas sempre têm por perto outros dois colegas. Ficam somente naquela calçada da marquise onde os encontrei. Antes ficavam na parte interna da Praça XV, mas foram proibidos pela Guarda Municipal. Embora prefiram ficar na estrutura de pequeno grupo, às vezes recebem outras pessoas que se aproximam para dormir. “Como é rua, a gente não pode proibir”, desabafa em baixo tom para que os penetras não se ofendam. Mas diante das muitas aproximações, o pequeno grupo do qual Maria faz parte, se muda para outra marquise, ainda na mesma calçada.

Maria confessa que tem vergonha de ficar ali na rua. Diz que gosta de conhecer pessoas como eu, como as pessoas das Igrejas que fazem trabalhos ali e como uma senhora que voluntariamente leva as roupas do grupo para lavar em sua casa. O mais complicado para Maria ali, de fato é o banho. Sobre isso diz que “vai até o dia que Deus achar que a gente ou segue junto ou não sei. Só Deus para determinar”, insinuando por um lado que o companheiro é um fator impeditivo para ela estar no Centro Pop e tomar banho lá; ou por outro lado, que quando ele resolver, por eles, sair dali terão um banheiro para isso em algum outro lugar.

c) Vivências de violência

As vivências de violência que Maria narra são também anteriores à rua. Às vezes o companheiro pergunta “por que você chora?”. Sobre isso, Maria diz “são coisas que já vivi sozinha”. Ela diz que precisava do respeito e da compreensão que o companheiro não tem com ela. Ela conta que às vezes ele a manda embora e depois se arrepende. Nesses maus momentos, se Maria pudesse contar com esse respeito e essa compreensão, estaria bem melhor, pelo que acredita.

Antes de estar com o atual companheiro, Maria esteve com outro homem em Vitória. Conta chorando que este a empurrou com maldade, em certa ocasião, e pisou em sua cabeça. Ainda caída no chão, Maria percebeu que estava sangrando. Essa cena fez com que tivesse pavor de violências de qualquer tipo. Antes de vir de Vitória, Maria procurou um médico, este a encaminhou a um neurologista, mas ela não foi. Então, veio de lá tendo tonteira e acredita ter outras seqüelas da agressão, como a repetição constante do que fala. Nessa época que veio de Vitória, no ano de dois mil e treze, passou um curto período dormindo na rodoviária e tendo como ponto de apoio o Centro Pop.

Com o atual companheiro, Maria não pode contar no que tange a compreensão e nem respeito, como já foi dito. Quando ela o irrita, ele a agride. Depois da violência física ele fica se perguntando “por que eu fiz isso?”, conta Maria, dizendo que ele se sente envergonhado. Sem que ele perceba, Maria me mostra um grande hematoma na perna e chorando aponta para o companheiro, insinuando ser uma marca de sua violência. Também chorando Maria diz que às vezes sofre porque confia nele, tem um sentimento por ele, cuida dele, tem carinho por ele e não consegue entender. Às vezes as pessoas conhecidas perguntam porque Maria não volta para casa da mãe, a própria mãe faz essa pergunta, mas ela diz ficar por consideração a ele, mesmo ele a mandando ir embora algumas vezes. Conta que pensa em ir e que um dia desses até foi, mas desceu do ônibus mais a frente e voltou dizendo que está acostumada a ter o companheiro ao seu lado.

Maria diz que está ali por causa dele e sabe que corre perigos. Conta que no dia anterior a entrevista mesmo, viu um cara em pé ao seu lado enquanto estava deitada para dormir. Às vezes se sente desprotegida porque o companheiro também dorme, mas confia primeiramente em Deus e diz que o restante vai tentando esperar. Como sabemos, esperar pela decisão do companheiro de sair da rua.

Sendo mulher, Maria tem medo até de falar e ser mal interpretada porque podem fazer algo com ela. Por isso, tenta se dominar mais. Para ela isso também é complicado. Maria fica amedrontada porque não “sabe o coração das pessoas”. Mas acha que ser homem diante dessas violências é mais complicado porque enquanto as mulheres se calam, os homens querem falar mais. Com isso, já viu muito “bate-boca, mão, pedrada, essas coisas assim”. Maria conta sobre um evento violento que presenciou, de uma moça brigando com outra moça. Nervosa, chorou e disse que uma das moças estava errada, gritou e até xingou. Essa moça em questão depois foi até Maria e lhe deu um tapa. A situação parece justificar o atual medo de Maria de falar, ser mal interpretada e fazerem algo com ela.

Maria conta que já puxaram faca para ameaçá-la, que outra moça da rua quando bebe vai “tirar pergunta” e arranjar problema com ela, e que diante dessas coisas o companheiro provoca dizendo: “ah, você não é mulher”, “cê não é mulher pra enfrentar”. Incomoda-se com o “palavreado errado” dessas mulheres vulgares. Diz que não aceita “a mulher que é vulgar e que bebe, que usa, que cheira, chamar atenção” dela. Maria diz que não se julga melhor que ninguém, mas que isso não aceita, o que acaba gerando conflitos e atritos. Querendo “afrontar”, o companheiro de Maria provoca perguntando “você não é mulher? Você não vai pegar?”. Maria percebe a provocação e tenta se acalmar. Com medo, conta que tem que aprender a ouvir mais e a falar menos para conseguir sobreviver nas ruas.

d) Expectativas de futuro

Maria planeja sair da rua no futuro. O companheiro é pedreiro, o que a anima de um dia construir a própria casa. Sonha em ter uma vida legal e trabalhar. Ela diz que se não estivesse nesse relacionamento, teria o aluguel de uma quitinete em Campos pago por sua mãe, assim voltaria a trabalhar e voltaria para Igreja. Sua mãe é católica, o que influenciou sua religiosidade. Conta que em Conselheiro estava na presença de Deus, estava em comunhão em uma Igreja e se confessava com o padre de lá. Diz que se morasse mesmo sozinha, adotaria uma criança, sabendo que seria a solução para não ficar sozinha no futuro, imaginando que sua mãe e irmão, mais velho, morram primeiro. Morando sozinha, o objetivo do trabalho de Maria seria comprar um carro, coisas para comer e bobagens. Assume-se consumista e conta que gosta de comprar roupas e presentes para quem ama. Outro plano para o futuro é passear e viajar. Neste plano, Maria inclui também o companheiro,

explicando que se permanecerem juntos ele pode levá-la para conhecer lugares, pois já a apresentou a Macaé e a Conceição de Macabu, onde ele morava.

6- RESULTADOS

Serão apresentados a seguir dois textos que contêm os resultados desta dissertação. O primeiro se configura como um capítulo do livro: *Novas e Velhas Faces da Violência no Séc. XXI – Visão da Literatura Brasileira do Campo da Saúde* (em fase de revisão pela Editora). Apresenta a análise da revisão sistemática da literatura no campo da saúde, entre os anos de 2001 e 2013, sobre a interface população em situação de rua e violências, atendendo ao primeiro objetivo específico deste trabalho. Os achados da revisão permitiram constatar que no âmbito da saúde há uma parca produção sobre o tema, o que dificulta uma análise mais aprofundada sobre a vulnerabilidade desse grupo, principalmente no que tange as múltiplas violências e violações a que estão submetidos.

O segundo produto se configura como um artigo científico que se debruça sobre análise das histórias de vida da população em situação de rua de Campos dos Goytacazes no que tange as vivências de violência. Esse texto possibilitou a análise mais clara da vulnerabilidade social e da vulneração da população em situação de rua.

6.1- População em situação de rua e violências: análise da produção da área da Saúde

Eduardo Ferreira do Amaral Filho; Patricia Constantino; Queiti Batista Moreira Oliveira

Introdução

O Ministério da Saúde, com base em estudos realizados em várias cidades brasileiras e em pesquisa nacional (2007-2008) sobre esse grupo social, estima que cerca de 50.000 pessoas com dezoito anos de idade ou mais e encontra em situação de rua nas capitais dos Estados, no Distrito Federal e em cidades brasileiras com mais de 300 mil habitantes (BRASIL, 2008). Com base nessa estimativa, podemos supor que o número é significativamente maior quando se consideram todas as cidades do país e as pessoas com menos de dezoito anos de idade. Vale pontuar a necessidade de estudos mais atualizados e abrangentes para que possamos nos aproximar da realidade desse grupo.

Muitas pessoas estão nas ruas sem necessariamente considerar esses locais como habitação. Em geral, essa população é composta por trabalhadores que, por diferentes motivos, não podem voltar para suas casas, vivem na informalidade e tomam a rua como espaço de trabalho. Desta forma, entendemos que a população em situação de rua não é composta somente por “moradores de rua”. Escorel (1999) aponta que não há um único perfil da população de rua; não há um bloco homogêneo de pessoas, são populações com variadas motivações para viver assim. Silva (2006) identifica diferentes situações, tais como: ficar na rua circunstancialmente; estar na rua recentemente; e ser da rua permanentemente.

Historicamente, as ações do Estado e da sociedade civil visando a essa população são marcadas pela ótica assistencialista ou por políticas higienistas. O reconhecimento da cidadania de tais pessoas é recente e a maioria da sociedade ainda não as vê como sujeito de direito. Nas últimas décadas, essa população ganhou mais visibilidade e avançou em algumas conquistas – o marco principal foi a instituição da Política Nacional para a População em Situação de Rua e de um Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento (BRASIL, 2009) Essas iniciativas consideram a heterogeneidade das pessoas e suas motivações, mas destaca que, em comum, esse grupo vivencia situação de pobreza extrema, fragilização dos vínculos familiares e afetivos e inexistência de moradia convencional regular,

o que o leva a utilizar logradouros públicos como espaço de moradia e meio de subsistência temporária ou permanente. Ressaltam ainda, a necessidade de existirem unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.

Dentre os objetivos da referida política destacam-se os de: assegurar o acesso amplo, simplificado e seguro aos serviços e programas de saúde, educação, previdência, assistência social, moradia, segurança, cultura, esporte, lazer, trabalho e renda; e garantir a formação e a capacitação permanente de profissionais e gestores para atuação no desenvolvimento de políticas públicas intersetoriais, transversais e intergovernamentais direcionadas às pessoas em situação de rua.

No âmbito das políticas de saúde, o tema população de rua é ainda mais recente. Em 2013, o Ministério da Saúde definiu diretrizes e estratégias de orientação para o processo de enfrentamento das iniquidades e desigualdades em saúde com foco na população em situação de rua no âmbito do Sistema Único de Saúde (BRASIL, 2013). Tal documento é fruto dos trabalhos do Comitê Técnico de Saúde da População em Situação de Rua, instituído em 2009 para propor ações de garantia de acesso à atenção à saúde e ajudar a elaborar, acompanhar e avaliar ações programáticas direcionadas a tal grupo social. Foi também elaborado um Plano Operativo de Saúde para a População em Situação de Rua, prevendo para o triênio de 2012 a 2015, ações intersetoriais de garantia de acesso aos serviços e melhoria de seu nível de saúde, segundo especificidades de gênero, geração, raça/cor, etnia, orientação religiosa e orientação sexual; assim como de redução dos riscos decorrentes do trabalho ou da vida em tais condições (BRASIL, 2012). Uma das ações previstas no plano de enfrentamento é o Programa Consultório na Rua, instituído pela Política Nacional de Atenção Básica, em 2011 (BRASIL, 2011).

Mesmo diante de alguns avanços, a violência contra a população de rua ainda é um problema relevante a ser enfrentado no país. De acordo com dados da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 195 moradores de rua foram assassinados em todo o país só no primeiro semestre de 2013 (BRASIL, 2014). Além da violência, o preconceito e a ocorrência de atos de violação dos direitos mais básicos, como problemas no acesso aos serviços de saúde também são frequentes. O preconceito contra essas pessoas é manifestado corriqueiramente e os modos de denominar esses indivíduos acabam influenciando a forma deles próprios se perceberem. Podemos aqui recorrer a Goffman (2008) ao apontar que quando as marcas pelas quais as pessoas são identificadas socialmente são negativas, instala-

se o estigma; e apesar da multiplicidade de formas com que se manifesta, encontram-se nele as mesmas características: “um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que se impõe à percepção e afasta aqueles com quem ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para seus outros atributos” (GOFFMAN, 2008. p.14).

Carinhanha (2009) afirma que as elevadas cifras de violência contra a população de rua em várias cidades brasileiras fazem esvaír a ideia da suposta liberdade que as pessoas foram buscar quando deixaram suas casas para fazer da rua seu lar. Pois, além das marcas da violência urbana, esse grupo social sofre outros tipos de agravo, particularmente, a exclusão social, a falta de documentos de identificação, carência de higiene básica e de cuidados com a saúde. Essa população está, pois, em condição de *vulneração*, ou seja, num plano existencial em que não pode exercer suas potencialidades (SCHRAMM, 2008). Na maioria dos casos, as pessoas em situação de rua são afetadas pela falta de emprego formal e de vínculos familiares, esses últimos, considerados por Castel (1991; 1995) como eixos de integração para o sujeito na vida social. Sem eles o indivíduo está “desfilado”.

A população em situação de rua costuma ser um dos elos mais vulneráveis à violência estrutural, que segundo Minayo (1994), oferece um marco à violência do comportamento e se aplica aos sistemas econômicos, culturais e políticos, conduzindo à opressão de grupos, classes, nações e indivíduos aos quais são negadas as conquistas mais elementares da sociedade.

Ressalta-se, portanto, que foi ao final da década de 2000 o momento em que a população de rua começou a ganhar visibilidade na esfera política, no âmbito da saúde e na produção científica, como será analisado neste capítulo que articula essa questão com a violência, no período de 2001 a 2013.

Metodologia

Apresentamos uma revisão narrativa sobre a interface “População em Situação de Rua e Violências”, a partir de resumos de artigos, teses e dissertações, complementados com a leitura dos textos na íntegra quando necessário para melhor compreensão do conteúdo dos trabalhos. O material foi recuperado nas bases de dados BVS, Lilacs, *Scopus*, *Web of Science*,

Pubmed, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Portal de Teses e Dissertações em Saúde Pública. Como são bases multidisciplinares, a Scopus, Web of Science, e BDTD, tiveram seus resultados filtrados para área da saúde. Foram utilizados para busca nessas bases, em português e inglês os termos: (1) violência, atrocidades, comportamento de ataque, agressão e agressividade; e (2) pessoas em situação de rua, PSR, moradores de rua, mendigo, andarilho, sem-teto, morador de rua, pessoas sem lar, população de rua, juventude de rua, população em situação de rua.

Numa primeira busca nas bases de dados encontramos 112 documentos. Depois de uma leitura criteriosa que incluía a articulação do tema como a área da saúde, o banco se resumiu a 21 textos (14 artigos e 7 dissertações e teses). Foram excluídos os trabalhos que traziam dados de outros países, artigos publicados em revistas de outras áreas que não a de saúde e dissertações e teses de programas de outros campos de concentração.

Resultados

Das 21 publicações analisadas, 14 são artigos, quatro são dissertações e três são teses. Entre os anos de 2001 e 2004 houve apenas dois estudos por ano. A partir de 2008, a produção aumentou, coincidindo com o período em que o tema ganhou maior visibilidade na esfera política. Porém 2005 e 2007 não houve nenhuma publicação.

Os trabalhos (10) se concentram majoritariamente no estado de São Paulo, seguindo dois estudos do Rio de Janeiro e dois do Grande do Sul. Os outros correspondem respectivamente a um à situação na Bahia, um à de Minas Gerais e um à do Ceará. Há resultados de duas pesquisas de âmbito nacional e de duas multicêntricas. Essas últimas incluíram o Brasil em amostras que reuniram dados da Colômbia e da África do Sul. Dezenove trabalhos utilizaram abordagem qualitativa.

A maior parte dos estudos (17) reúnem amostras da população feminina e masculina, e quatro deles se dedicam a analisar a situação das mulheres (PENNA, CARIRANHA, LEITE, 2009; CARINHANHA, 2009; NUNES, ANDRADE, 2009; SCAPPATICCI, BLAY, 2010)

Quatorze trabalhos tratam da situação das crianças e adolescentes: seis sobre ambos os grupos (RIBEIRO, CIAMPONE, 2001; CIAMPONE, 2002; RIBEIRO, 2003; RIBEIRO, 2008; CRUZ, ASSUNÇÃO, 2008; MOURA et al., 2012); e quatro só sobre adolescentes

(CARINHANHA, 2009; NUNES, ANDRADE, 2009; SCAPPATICCI, BLAY, 2010; KOLLER et al., 2012); e quatro exclusivamente sobre crianças (RIBEIRO, CIAMPONE, 2001; RIBEIRO, CIAMPONE, 2002; RIBEIRO, 2003, 2008). Dos estudos sobre adultos, cinco abordam a população de rua propriamente dita e um analisa a visão de profissionais de saúde sobre esse grupo social.

Oito publicações são da área de Saúde Pública/Saúde Coletiva e sete de Enfermagem. Seguem-se a área da Psicologia com três trabalhos e a Psiquiatria com uma. Há ainda três textos divulgados em revistas interdisciplinares que publicam pesquisas da área da saúde, cujos temas são "negligência e abuso Infantil"; "violência interpessoal" e "ciências".

Revisão anterior que abrangeu a década de 1990, encontrou 12 estudos da área da saúde sobre crianças e adolescentes em situação de rua. No referido estudo bibliográfico, apenas os textos referentes à infância e à adolescência foram considerados, tratando dos seguintes temas: representações dos profissionais que trabalham com essa população; questões familiares e possibilidade de restabelecimento de vínculos; uso de drogas; entre outros (ASSIS, CONSTANTINO, 2003).

Vale ressaltar que no período atual há predominância de estudos sobre crianças e adolescentes (15 dos 21), mesmo quando os poucos levantamentos existentes apontam para uma concentração de homens adultos em situação de rua (BRASIL, 2008).

Outra constatação é o peso que a produção científica dá à relação entre população em situação de rua e uso de drogas. Sete textos se dedicam a analisar diretamente o consumo de substâncias tóxicas por esse grupo; e outros cinco trazem essa questão como parte da composição do perfil. Muitos estudiosos consideram o abuso de substâncias como um dos principais fatores de risco para a vida na rua, seja como desfecho principal seja como fator associado. Merece destaque o fato de os artigos que tratam sobre uso de drogas serem os únicos que mencionam a violência praticada pela população em situação de rua, principalmente, no caso da adicta ao crack (RAUPP, 2011). O comportamento sexual de risco também aparece com destaque principalmente nos estudos sobre a menina/mulher em situação de rua (PENNA, CARIRANHA, LEITE, 2009; SCAPPATICCI, BLAY, 2010).

Os textos aqui analisados foram agrupados em duas grandes categorias: a) a violência sofrida como fator desencadeador da ida para a rua; b) a violência vivenciada na situação de rua. Dentro de cada um desses dois blocos foram abordadas questões relativas à idade, gênero

e tipo de agravo. Vale ressaltar que as sete dissertações e teses citam a violência como desfecho e não como causa da ida para as ruas.

A violência como determinante para ida às ruas

Sofrer violência intrafamiliar como um dos motivos para a vivência na rua é referido em quatro estudos (RIBEIRO, 2003; NUNES, ANDRADE, 2009; SCIVOLETTO, SILVA, ROSENHECK, 2011; MOURA, 2012;). Scivoletto, Silva & Rosenheck (2011) indicam que altos níveis de violência doméstica, além de doença mental e alienação das autoridades, estão associados à elevada presença de crianças e adolescentes nas ruas em países de baixa e média renda. Esses autores analisam caso do Programa Equilíbrio, criado para facilitar a reintegração social através de uma parceria virtual entre um instituto psiquiátrico acadêmico e crianças e adolescentes que vivem nas ruas ou em abrigos. Um total de 351 meninos e meninas foram ouvidos, e praticamente todos se disseram negligenciados por seus pais, 58,4% relataram abuso físico ou sexual no ambiente doméstico, 88,9% foram diagnosticados com algum distúrbio psiquiátrico e 40,4% informaram que fazem uso de drogas.

Ribeiro (2003), ao analisar a representação de crianças que frequentavam dois abrigos públicos de São Paulo sobre sua vivência na rua evidencia que a violência permeia suas experiências de vida e restringe seu pleno desenvolvimento. Por isso, a rua muitas vezes é vista como um refúgio por crianças que vêm de famílias extremamente pobres e apresentam história de abusos. No entanto, lembra essa autora (RIBEIRO, 2003), a rua oferece ao mesmo tempo liberdade e renúncias; e acolhe qualquer um, mas o torna vulnerável.

Moura et al. (2012) investigando os fatores associados ao uso de drogas entre as crianças e adolescentes vivendo na rua, com idades entre 10 a 18 anos constata que ter sofrido violência doméstica aumenta significativamente o risco do uso abusivo de drogas. Os resultados de seu trabalho indicam que ser mais jovem, ter laços familiares não violentos e frequentar escola permanentemente são fatores de proteção nessa fase da vida e devem ser considerados na formulação de políticas públicas.

Nunes & Andrade (2009) investigaram as condições de vida de adolescentes do sexo feminino envolvidas com o abuso de drogas e com a prostituição em situação de rua. Os autores repetem que os principais motivos que levam as adolescentes à rua são a violência

doméstica aliada ao baixo nível socioeconômico familiar e ao abuso de múltiplas drogas. As meninas que compuseram o estudo demonstraram conhecer medidas preventivas para as DST/AIDS, porém não as aplicam aos clientes fixos e namorados. A análise dos resultados obtidos nessa pesquisa confirma a importância da criação de estratégias específicas para prevenção das DST/AIDS, além da adequação da rede educacional e de atenção psicossocial às necessidades dessas adolescentes, garantindo-lhes seus direitos e atuando para sua emancipação.

Os citados trabalhos corroboram os achados do Levantamento Nacional da População em Situação de Rua, quanto aos motivos que causam o abandono do lar, não diferindo muito entre crianças, adolescentes e adultos: além de brigas verbais e outros tipos de maus tratos entre pai, mãe e irmãos, é relevante o peso do alcoolismo e de outras drogas (BRASIL, 2008).

A violência vivenciada nas ruas

Nessa categoria estão catorze estudos. Segundo Esmeraldino Filho (2010) os discursos dos moradores de rua e dos representantes das políticas municipais mostram que a violência é rotina na vida deles. Segundo o autor, todos os moradores de rua entrevistados relataram ter cometido violência ou ter vivenciado ou presenciado cenas de agressão contra eles próprios e seus colegas, sob as mais diversas expressões, especialmente maus tratos físicos e discriminações; e, no caso das mulheres, abuso sexual e outros agravos. Por sua vez, alguns comentam que já cometeram delitos como roubos, agressões físicas e assassinatos e muitos de seus atos estão associados ao uso de álcool e outras drogas. O autor destaca, para esse grupo há cinco tipos de necessidades em saúde: segurança física e psicossocial; ser visto como um ser humano digno de respeito; cooperação e coesão social; autonomia; e acesso aos serviços de saúde.

Esmeraldino Filho (2010) fala da violência estrutural associada à violência simbólica nas vivências de situações de rua. Segundo o autor, esses problemas se manifestam principalmente no fato de o morador de rua ser considerado uma pessoa inferior e representado vagabunda, malcheirosa, bêbada e descartável. O mesmo é ressaltado por Mattos & Ferreira (2004) que acrescentam aos estigmas citados, a ideia de que os moradores de rua são sujos, loucos, perigosos e coitados, aumentando sua vulnerabilidade. Tais representações,

socialmente compartilhadas, acabam por legitimar a violência física contra essas pessoas. Em face deste universo perverso, segundo os autores, são analisados a loucura (como fuga da realidade), o suicídio (como consumação material da morte simbólica) e a transformação por meio da resistência e da garantia de direitos.

O estigma que recai sobre esse grupo social também foi investigado por Souza (2010). O autor chama atenção para o fato de que, no Município de São Paulo, é significativo e crescente o número de pessoas em situação de rua, acometidas por tuberculose. O objetivo do trabalho foi identificar significados e percepções sobre a doença e o tratamento. Os resultados mostram que a trajetória de vida nas ruas, as percepções do corpo em relação à doença, a experiência estigmatizante e de violência física e moral por se encontrarem nas ruas interferem no processo de adesão ao tratamento. O autor critica a forma como são organizadas algumas equipes para o atendimento a essa população, que embora necessárias, dependendo da forma como trabalham, podem reforçar ainda mais sua exclusão social.

Scheper-Hughes (2004) também discute a questão das agressões sofridas por esse grupo a partir do conceito de violência estrutural e sua naturalização. Refere-se à maquinaria social da desigualdade que reproduz relações sociais de exclusão, marginalização e estigma, a partir de dois estudos de caso etnográficos: a operação do um esquadrão da morte no Nordeste do Brasil, que mobilizou o apoio de pessoas a um ataque quase genocida contra crianças e adolescentes de rua; e um estudo sobre jovens que vivem em acampamentos precários na África do Sul.

Raupp (2011), a partir de um estudo sobre consumo de crack, retrata a violência atribuída a jovens usuários que vivem nas ruas, mostrando-os como agressores e vítimas. Afirma que, na atualidade, o uso abusivo de drogas vem tomando dimensões preocupantes e o crack se destaca pelos prejuízos à saúde dos usuários e pela sua associação crescente com a prática de atos violentos e degradantes. Nos resultados do trabalho, foram descritos os circuitos percorridos pelos usuários, concentrados em partes específicas da região central de duas cidades: Bairro da Luz em São Paulo e imediações do Loteamento Santa Terezinha em Porto Alegre/RS. O autor também discute a dinâmica que envolve a concentração de pessoas em situação de rua, suas atividades rotineiras e suas relações com representantes do poder público, como é o caso da polícia e dos assistentes sociais.

Silva (2011) estudou o consumo de drogas em três etapas da vida de moradores de rua da cidade de Bogotá, elencando os preditores de consumo e elaborando uma comparação com

uma amostra infanto-juvenil do Brasil. Os resultados comparados entre Colômbia e Brasil demonstram que a população brasileira de rua consome maior quantidade e mais tipos de drogas, sendo que os inalantes, o álcool e o cigarro são as principais substâncias tóxicas utilizadas. Em contrapartida, a amostra de moradores de Bogotá apresenta médias superiores de consumo de cocaína e seus derivados e é mais frequentemente vítima de violência, incluindo abusos sexuais. Os resultados do trabalho também são discutidos segundo relações de gênero, prática de atos de delinquência e contexto social da população em situação de rua.

Alvarez (2003) realizou um estudo longitudinal, ao longo de cinco anos, com seis moradores de rua, a partir de entrevistas, fotografias, registros em diário de campo, coletas de desenhos e trabalhos de artesanato. O morar na rua é retratado como uma situação extrema marcada pela exclusão, favorecendo envolvimento com drogas, criminalidade e o desenvolvimento de sentimentos de desconfiança, revolta e desistência. Porém, o autor também constata um processo de transformação de alguns indivíduos apoiados por pessoas solidárias – verdadeiras pontes humanas – que os ajudaram a buscar saídas para uma vida melhor. Por isso, Alvarez (2003) fala da importância de se criarem caminhos de possibilidade que transpassam abismos relacionais e promovem encontros transformadores para a população em situação de rua.

Os estudos de Ribeiro & Ciampone (2001) e Ribeiro (2008) objetivaram, a partir de uma mesma pesquisa matriz, avaliar as trajetórias de vida de um grupo de crianças em idade escolar que está na rua e frequenta abrigos públicos. Ribeiro e Ciampone (2001) destacam que a vida desses meninas e meninos é permeada por vários tipos de violência que restringem seu pleno desenvolvimento. A violência institucional, o tratamento agressivo por parte dos pares e a indiferença das autoridades (vigias e educadores do abrigo) são realçadas no estudo. E quanto à vida nos abrigos, citam as limitações de ir e vir, associando-as à condição de reclusão e do caráter mais disciplinador que educativo das instituições. Como consequência da insatisfação e das dificuldades que essas crianças demonstram em cumprir normas, as histórias de fuga são constantes, o que as conduz a uma vida nômade, passando de um abrigo a outro. outro. As fugas também aparecem por outros motivos como a demora das decisões judiciais que poderiam proporcionar-lhes uma situação mais definida.

Ribeiro (2008) aborda especificamente as experiências relacionais das crianças com os policiais. De acordo com os participantes desse estudo, a violência policial ocorre sob três formas: através de perseguição sistemática para removê-las das ruas contra a sua vontade; por

ações com intenção deliberada de humilhá-las, com agressões verbais e físicas; por abusos sexuais. Esses agentes da lei são retratados como inimigos e como pessoas que causam medo, remetendo às experiências de rua mais dolorosas, e quase nunca de forma positiva. A autoridade que supostamente estaria destinada a protegê-los é representada como o agente social mais temido. O autor lembra que os meninos e meninas em situação de rua devem ser tratados pela área de saúde e cuidados para que seu crescimento e desenvolvimento não fiquem prejudicados.

Para Carinhanha (2009) o problema dos meninos e meninas em situação de rua caracteriza uma questão antiga que reflete uma ordem social e econômica desigual e injusta, em que a violência apresenta sua face mais cruel. Segundo a autora, a mesma sociedade que propõe leis e medidas de proteção à criança e ao adolescente não consegue cumpri-las. Nesse contexto, destacam-se as particularidades de ser uma jovem mulher em que a violência a que está exposta se apresenta de uma tripla forma: ser adolescente, ser do gênero feminino e viver na rua. Seu estudo ressalta a vida das adolescentes, quer nas relações familiares (antes da rua), comunitárias ou no abrigo está impregnada de desvantagens, maus tratos e abusos de todos os tipos, algumas vezes naturalizados.

Scappaticci & Blay (2010) se dedicaram a realizar uma revisão sistemática da literatura acerca da maternidade de adolescentes em situação de rua. Segundo os autores, pouco se sabe sobre mães que estão desabrigadas durante a gravidez e a maternidade. Os textos analisados mostram uma grande heterogeneidade de objetivos e métodos, e, principalmente, revelam que as adolescentes que vivem nas rua apresentam elevadas taxas de abuso de substâncias e de transtornos mentais, de vitimização por violência física e sexual, de gravidez problemática e de interação mãe-filho complicada. Falta-lhes um adequado e efetivo apoio social. Em consequência, mães adolescentes sem-teto são amplamente expostas a maus tratos, abuso de drogas e risco de sofrer ou agravar problemas físicos e mentais.

Na mesma linha, Penna et al. (2009) revisaram a literatura, com o objetivo de identificar estratégias de cuidado ao parto e pós parto, por profissionais de abrigos que acolhem população de rua, considerando situações de violência vividas por adolescentes do sexo feminino. Esse autores também discutiram a prática educativa como tecnologia de cuidado para lidar com a violência sofrida por essas meninas. Os resultados evidenciam diversas estratégias individuais e institucionais por parte dos profissionais. Em conclusão, Penna et al. (2009) consideram que é possível realizar ações educativas e de cuidado que

ajudem adolescentes do sexo feminino que vivem nas ruas ou em abrigos a enfrentar a violência e a dar novo rumo a sua vida.

Considerações finais

Uma limitação do presente estudo se refere a seu corte temporal que contempla a produção até o ano de 2013, seguindo o que foi adotado para todos os capítulos deste livro. É uma pena porque é nesse ano que o tema da população em situação de rua começa a ganhar visibilidade no âmbito político.

Nem todos os estudos aqui analisados abordaram diretamente a violência a que está exposta a população em situação de rua, embora tenham contribuído para a compreensão do fenômeno, revelando facetas e características desse grupo.

Quanto às situações vividas, não foi possível encontrar apenas uma explicação única como motivo para que as pessoas abandonem o lar e vão para as ruas. Mas é possível dizer que essa população é composta por homens, mulheres, jovens, crianças e famílias inteiras que têm em sua trajetória as marcas da violência: a estrutural em primeira instância; a simbólica, a partir das representações que lhes são atribuídas pela sociedade (vistos como sujos, coitados, loucos e perigosos); a física, a sexual, a psicológica e as negligências. Esse é um segmento social que como um todo e na prática não tem garantidos seus direitos de cidadania.

As causas que levam as pessoas para a rua ou estão relacionadas a fatores estruturais ou a problemas de violência infrafamiliar física, psicológica e sexual (nesse último caso, quase sempre se referindo às meninas) ou ainda a alcoolismo e abuso de drogas. Portanto, o fato de estar na rua não torna as pessoas iguais: cada uma tem sua história, sua trajetória, suas razões e também seus possíveis caminhos de retorno.

Um ponto importante mencionado pela maioria dos autores é a relação da sociedade com a população rua, geralmente alvo de estigma, preconceito, medo e repulsa. Por sua vez, o medo é um dos temas que atravessa a vida dessas pessoas na relação com a polícia e com as autoridades que mais se preocupam em normalizar sua vida do ajudá-las a sobreviver de forma digna.

Entretanto, em alguns casos, a rua é citada pelos que aí vivem como espaço de liberdade, em contraponto à casa onde se sentiam vítimas de maus tratos e abuso. Isso é

particularmente verdade para crianças e adolescentes que, em contraponto, são os mais vulneráveis às armadilhas da violência, do abandono, e da ausência de proteção. Na maioria dos casos ocorre um processo de perdas e algumas pequenas aquisições relacionais pela solidariedade dos que estão na mesma situação.

Parte da literatura analisada destaca as especificidades de gênero, focalizando a situação da menina adolescente, mostrando a vulnerabilidade das vivências de rua para sua saúde reprodutiva e sexual, principalmente no que tange à gravidez e às doenças sexualmente transmissíveis. No entanto, outras questões que poderiam aprofundar o conhecimento sobre a experiência de ser mulher e estar nas ruas são negligenciadas. Também as diferenças no modo como homens e mulheres enfrentam as dificuldades que se apresentam no cotidiano mereceriam mais atenção da literatura, principalmente as relativas à vivência de violências e de violação dos direitos.

Chama atenção uma tendência dos estudos que focam suas lentes para a situação de crianças e adolescentes, herança de um interesse acadêmico de décadas anteriores pela categoria "meninos de rua". Se partirmos da realidade atualmente conhecida em função de alguns levantamentos demográficos, o foco deveria ser ampliado para englobar a situação de homens, mulheres adultas e de famílias inteiras vivendo nas ruas. Entretanto, sinalizar essa lacuna não significa desconsiderar a importância dos trabalhos sobre meninos e meninas, grupo particularmente vulnerável pelos grandes prejuízos no seu crescimento físico e desenvolvimento mental e social.

Faltam estudos que apontem estratégias de sobrevivência nas ruas, principalmente relacionadas à prevenção das violências em suas mais diferentes manifestações. Os agravos que sofre a população em situação de rua estão profundamente marcados pela estigmatização, preconceito e discriminação. Os poucos trabalhos que essas violências simbólicas, no período estudado, são de fundamental importância, pois as representações desse grupo social, somadas a outros fatores, legitimam práticas violadoras de direitos e maus tratos, inclusive por parte de agentes públicos.

Pudemos constatar que no âmbito da saúde há uma parca produção acerca da interface da violência e população em situação de rua. Isso dificulta uma análise com maior clareza sobre a vulnerabilidade do grupo, principalmente no que tange as múltiplas violações a que está submetido e a uma série de demandas de cuidados em saúde não atendidas. O foco de

vários autores da área é a relação entre vivências de rua e comportamento de risco, particularmente quanto às doenças sexualmente transmissíveis e ao uso abusivo de drogas.

Ficam em suspense muitas perguntas não respondidas pela literatura: quais são os impactos das violências na saúde física e mental de crianças, adolescentes, homens, mulheres e idosos em situação de rua? Que estratégias utilizam os agentes públicos para lidar com essas violências? Os idosos e as pessoas LGBT, sequer foram referidos nos estudos quanto a suas necessidades específicas: necessitariam de atenção especial?

Vale ressaltar ainda, que se existe uma política pública específica para a população em situação de rua, ela por si só não tem eficácia se não há um diagnóstico preciso das diferentes situações no campo da saúde, dos direitos e do enfrentamento da violência. Os estudos existentes aprofundam pouco a realidade nacional e muitos menos os casos particulares. Existe uma concentração de trabalhos na Região Sudeste, principalmente em São Paulo. E seria importante perguntar-nos como seria, por exemplo, a realidade em outras regiões, em cidades do interior e nas fronteiras do país.

O desafio para uma atuação positiva em relação à população em situação de rua está em vislumbrar como, numa sociedade com tantas contradições, contrastes e exclusões, é possível criar referenciais para sua inclusão social e identificação mais positiva. O jogo entre invisibilidade e visibilidade desse grupo que incomoda e se faz notar, ora provoca desconfiança, ora significa perigo eminente, mas também pode despertar o afã de ações filantrópicas. Pelo menos um dos autores citados nesta revisão ressalta que a figura de pessoas solidárias que apoiam a transformação das condições de vida da população de rua tem sido fundamental para que muitos indivíduos aos poucos se integrem socialmente de forma a valorizar todo o seu potencial criativo e produtivo.

Em resumo, há necessidade de se aprofundarem questões que ajudem a mapear a complexidade das situações e a adequação de medidas protetivas para esse grupo socialmente tão marginalizado. Na mesma medida em que há problemas gerais e que atravessam o modo de vida de todas essas pessoas, há questões de gênero, há questões de idade a serem consideradas, E, em última instância, é preciso lidar com a individualidade, o reconhecimento das potencialidades e com o projeto de futuro que cada ser humano possui.

Referências

ALVAREZ, A.M.S. **Resiliência e encontro transformador em moradores de rua na cidade de São Paulo**. 314 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública, São Paulo, 2003.

ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P. Violência contra crianças e adolescentes: o grande investimento da comunidade acadêmica na década de 90. In: MINAYO, M. C. S; SOUZA, E. R. **Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira**. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2003. p.163-198.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. **Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua**. Brasília-DF, 2008.

BRASIL. **Decreto nº 7.053, 23 de dezembro de 2009**. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Brasília, DF, 2009.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria nº 2.488, de 21 de outubro de 2011**. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes e normas para a organização da Atenção Básica, para a Estratégia Saúde da Família (ESF) e o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Brasília, DF, 2011. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2488_21_10_2011.html>. Acesso em: 16 Jun. 2016.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Plano Operativo para implementação de ações em saúde da população em situação de rua: 2012-2015**. Brasília, DF, 2012.

_____. **Resolução nº 2, de 27 de fevereiro de 2013**. Define diretrizes e estratégias de orientação para o processo de enfrentamento das iniquidades e desigualdades em saúde com foco na População em Situação de Rua (PSR) no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília, DF, 2013.

BRASIL. SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS E INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. **Pesquisa Censitária Nacional sobre Crianças e Adolescentes em Situação de rua**. Brasília, DF, 2011.

CARINHANHA, J.I. **Violência vivenciada pelas adolescentes em situação de rua: bases para o cuidado de enfermagem pela cidadania**. 122 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Enfermagem, Rio de Janeiro, 2009.

CASTEL, R. De l'indigence à l'exclusion, la désaffiliation: précarité du travail et vulnérabilité relationnelle. In DONZELOT, J. (Org.). **Face à l'exclusion: le modèle français**. Paris: Esprit, 1991. p. 137-168

CASTEL, R. L'avènement d'un individualisme négatif. **Magazine Littéraire**, n. 334, Jul. - Ago. 1995.

CIAMPONE, M.H.T. "Crianças em situação de rua falam sobre os abrigos." **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 36, n. 4, p. 309-16, 2002.

CRUZ, M.N.A.; ADA, A.A. Estrutura e organização do trabalho infantil em situação de rua em Belo Horizonte, MG, Brasil. **Saúde e Sociedade**, v. 17, n.1, p. 131-142, 2008.

ESCOREL, S. **Vidas ao Léu**: Trajetórias de Exclusão Social. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 1999.

ESMERALDO FILHO, C. E. **Necessidades de saúde dos moradores de rua**: desafios para as políticas sociais do município de Fortaleza. 158 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

KOLLER, S. H.; RAFFAELLI, M.; CARLO, G. Conducting research about sensitive subjects: The case of homeless youth. **Universitas Psychologica**, v. 11, n. 1, p. 55-65, 2012.

MATTOS, R.M.; FERREIRA, R.F. Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 2, p. 47-58, 2004.

MINAYO, M. C. S. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública**, n. 10, Suplemento 1, p. 7-18, 1994.

MOURA, Y.G. et al. Drug use among street children and adolescents: what helps?. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, n. 7, p. 1371-1380, 2012.

NUNES, E.L.G.; ANDRADE, A.G. Adolescentes de Rua: prostituição, drogas e HIV/AIDS em Santo André-Brasil. **Revista Psicologia & Sociedade**. v. 21, n. 1, 2009.

PENNA, L.H.G.; CARINHANHA, J.I.; LEITE, L.C. The educative practice of professional caregivers at shelters: coping with violence lived by female adolescents. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 17, n. 6, p. 981-987, 2009.

RAUPP, L.M. **Circuitos de uso de crack nas cidades de São Paulo e Porto Alegre**: cotidiano, práticas e cuidado. 213 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

RIBEIRO, M.O.; CIAMPONE, M.H.T. Crianças em situação de rua falam sobre os abrigos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 36, n.4, p.309-316, 2002.

RIBEIRO, M. O. Street children and their relationship with the police. **International nursing review**, v. 55, n.1, p. 89-96, 2008.

RIBEIRO, M.O.; CIAMPONE, M.H.T. Homeless children: the lives of a group of Brazilian street children. **Journal of Advanced Nursing**, v. 35, n.1, p. 42-49, 2001.

RIBEIRO, M.O. A rua: um acolhimento falaz às crianças que nela vivem. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v. 11, n.5, p. 622-629, 2003.

SCAPPATICCI, A. L. S. S.; BLAY, S.L. Mães adolescentes em situação de rua: uma revisão sistemática da literatura. **Revista de psiquiatria do Rio Grande do sul**, v. 32, p. 3-15, 2010.

SCHEPER-HUGHES, N. A. N. C. Y. Dangerous and endangered youth: social structures and determinants of violence. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 1036, n.1, p. 13-46, 2004.

SCHRAMM FR. Bioética de proteção: ferramenta válida para enfrentar problemas morais na era de globalização. **Bioética**, v. 16, n. 1, p. 11-23, 2008.

SCIVOLETTO, S.; SILVA, T.F.; ROSENHECK, R.A. Child psychiatry takes to the streets: A developmental partnership between a university institute and children and adolescents from the streets of Sao Paulo, Brazil. **Child abuse & neglect**, v. 35, n. 2, p. 89-95, 2011.

SILVA, C.J.N. **Consumo de drogas em tres etapas de la vida de habitantes de calle de Bogotá: predictores de consumo y comparación con una muestra de población infantil y adolescente de Brasil**. 238 f. Dissertação (Mestrado em psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SILVA. M.L. **Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua 1995-2005**. 220 f. Dissertação (Mestrado em Política Social). Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.

SOUZA, E.S. **População em situação de rua e tratamento diretamente observado (TDO) para tuberculose (TB): a percepção dos usuários**. 212 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

VIEIRA, M. C.; BEZERRA, E. M. R.; ROSA, C. M. M. (Orgs.). **População de rua: quem é? Como vive? Como é vista?** São Paulo: Hucitec, 1994.

6.2- Vivências de Violência da População em Situação de Rua de Campos dos Goytacazes/RJ.

Eduardo Ferreira do Amaral Filho; Patricia Constantino; Queiti Batista Moreira Oliveira

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa exploratória que teve como objetivo analisar as vivências de violência da população em situação de rua de Campos dos Goytacazes. A abordagem metodológica utilizada foi a História de Vida e as estratégias foram entrevistas abertas e não diretivas e observação participante. Foram entrevistadas dez pessoas, maiores de dezoito anos, que fazem uso permanente da rua na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ. A amostra por conveniência foi composta por cinco homens e cinco mulheres. Para análise dos dados, optou-se pela análise de conteúdo em sua modalidade temática. As narrativas foram submetidas a um estudo mais aprofundado, orientado pelo objetivo e referencial teórico, composto pelos conceitos de População em Situação de Rua, Exclusão Social, Vulnerabilidade Social e Vulneração e Violências. Os resultados foram organizados em eixos temáticos. A maioria dos sujeitos identificou o rompimento de vínculos familiares como principal causa de sua atual situação de rua, alguns deles apontando a violência doméstica como responsável por tais rompimentos. Em relação às violências percebidas e vivenciadas, o grupo identificou muitas formas de violências interpessoais e coletivas. Apenas a violência auto-infligida não apareceu nos discursos. Quanto à natureza dos atos violentos, todas as formas foram identificadas: violência física, violência sexual, violência psicológica e violência relacionada à privação ou ao abandono. O grupo investigado apresentou uma visão ampliada sobre as vivências de violência, percebendo o preconceito e o estigma como base de muitas outras formas de violência. Esse achado coaduna com o que está posto na literatura de que a violência sofrida pela população em situação de rua está profundamente marcada pela questão da estigmatização.

Palavras-chave: População em situação de rua; violências; Vulnerabilidade Social; Exclusão Social; vivências.

Introdução

Este artigo resulta de uma pesquisa sobre as vivências de violência de um grupo de adultos que faz uso permanente da rua na cidade de Campos dos Goytacazes, RJ. A escolha por esta cidade se deve ao fato de ser nela desenvolvido o trabalho da Clínica Nômade Voz da Rua, dispositivo constituído por psicólogos e estudantes de Psicologia que atendem a população em situação de rua ofertando escuta qualificada, promovendo acesso e garantia de direitos. Estima-se que 150 adultos, homens e mulheres, vivam nas ruas da cidade de Campos dos Goytacazes que conta com uma população de 500.000 habitantes. Uma das características desse território é a ausência de crianças e adolescentes em situação de rua.

A população em situação de rua é caracterizada por sua heterogeneidade, pela pobreza extrema, pela inexistência de moradia convencional e por vínculos familiares fragilizados ou interrompidos (BRASIL, 2009). Entretanto, não somente estas características são comuns ao grupo, mas fatores como a vulnerabilidade social e exclusão social podem ser citados na caracterização dessa população (COSTA, 2005). Estes fatores sociais apontam para a violência estrutural que atinge esses sujeitos. De acordo com Minayo (1994, p. 8) a violência estrutural designa “sistemas econômicos, culturais e políticos que conduzem à opressão de grupos, classes, nações e indivíduos, aos quais são negadas conquistas da sociedade, tornando-os mais vulneráveis que outros ao sofrimento e à morte”.

Minayo et al (1993 apud MINAYO 1994) analisam a situação de famílias que vivem nas ruas como uma expressão da violência estrutural. Os autores apresentam os resultados de uma pesquisa qualitativa, realizada em cinco capitais e algumas áreas complementares. Entre os resultados, destaca-se a elevada frequência de invalidez entre homens, resultantes de ferimentos provocados por armas de fogo e arma branca, durante agressões em brigas de rua. Nesta pesquisa, cinquenta por cento dos entrevistados referiram-se ao uso do álcool associado a comportamentos violentos. A maioria deles mencionou desejo e tentativas de suicídio, e o consumo de substâncias tóxicas relacionados à sua situação de vida. Na referida pesquisa, foram ouvidas 63 famílias e 14 homicídios de familiares (22%) foram relatados.

Como violência entende-se “qualquer ação ou omissão realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações, que ocasionam danos físicos, emocionais, morais, e espirituais a si próprios

ou aos outros” (BRASIL, 2001). O que chamamos aqui de vulnerabilidade social são determinadas condições e circunstâncias do contexto social que expõe as pessoas a riscos de diferentes naturezas (MONTEIRO, 2011); enquanto exclusão social a definimos conforme Escorel (1999) que relaciona ao “processo de constituição de indivíduos e grupos supérfluos e desnecessários à vida social”. Ainda no campo conceitual o termo vulneração será empregado por implicar as pessoas concretamente afetadas pela vulnerabilidade. Seres que, segundo Schramm (2008), estão em uma condição existencial de não poderem exercer suas potencialidades para ter uma vida de qualidade.

Metodologia

A pesquisa com a população de rua de Campos dos Goytacazes e suas vivências de violência se configura como de natureza qualitativa. Foram realizadas entrevistas abertas e não diretivas e observação participante. Tais estratégias são recomendadas para as pesquisas qualitativas que usam a História de Vida como abordagem metodológica (MINAYO, 2014). Segundo Minayo (2014), a História de Vida no âmbito da pesquisa qualitativa é considerada um poderoso instrumento para descobrir, explorar e avaliar como as pessoas compreendem seu passado e vinculam suas experiências ao contexto social interpretando-as e atribuindo-lhes significados a partir do momento presente.

Segundo Minayo (2014) a observação participante é geralmente usada por aqueles que optam pela História de Vida como abordagem metodológica. Trata-se de uma técnica em que o pesquisador lida diretamente com seu objeto de pesquisa no contexto próprio deste último, no caso em questão, nas ruas de Campos dos Goytacazes. Pode influenciar e ser influenciado pelos sujeitos para além dos dados colhidos nas entrevistas, fazendo uso daquilo que observa de imponderável na própria realidade (CRUZ NETO apud MINAYO, 1994).

Minayo (2014) avalia a entrevista aberta e não diretiva como sendo a melhor forma de começar a interação visando às narrativas de vida. Ela ressalta a importância de criar um ambiente de reflexão que combine a escuta atenta do pesquisador para aprofundamento dos temas relevantes com perguntas que possam enriquecer as narrativas por intermédio da exploração das lógicas contraditórias.

As perguntas versaram sobre a história das pessoas antes da vida nas ruas, a passagem para as ruas, o dia-a-dia nas ruas: territórios que ocupam e formas de agrupamento; violências percebidas e vivenciadas; e expectativas futuras (Anexo 01). Dessa forma, buscou-se uma narrativa em três tempos: antes das ruas; a vida nas ruas e planos de futuro.

Neste estudo foram entrevistadas 10 (dez) pessoas em situação de rua em Campos dos Goytacazes/RJ. Considerando que “a pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade”, a quantidade de entrevistas foi definida pelo critério de saturação (MINAYO, 2014). Apesar da prevalência de homens nas ruas, tratou-se de uma amostra de conveniência composta por 05 (cinco) homens e 05 (cinco) mulheres, para que as mulheres tivessem maior visibilidade. As entrevistas foram gravadas, codificadas e transcritas. Para a construção da história de vida os mesmos sujeitos foram procurados mais de uma vez para garantir maior riqueza qualitativa dos dados e articulações entre os diferentes momentos de abordagem. Além disso, o caminho trilhado neste método possibilitou ir escolhendo novos interlocutores e transferindo questionamentos de uns para outros, triangulando diferentes visões e dando qualidade às informações (MINAYO, 2014).

Quanto às estratégias de inserção no campo de pesquisa e acesso aos sujeitos, tanto para realizar a observação participante quanto para as entrevistas, foi utilizado o caminho já trilhado pela Clínica Nômade Voz da Rua, que desenvolve seu trabalho com homens e mulheres em situação de rua *in loco* (no próprio espaço da rua), na cidade de Campos dos Goytacazes – RJ. A equipe deu todo suporte e apoio necessário para a realização da pesquisa.

Como critérios para inclusão na pesquisa optou-se por pessoas com mais de dezoito anos de idade, que fizessem uso permanente da rua, segundo a classificação teórica de Silva (2006) [pressupondo que os que fazem este tipo de uso possuem mais vivências de violência no contexto da rua do que os que fazem uso recente ou circunstancial]; e aqueles que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 02).

Para **análise dos dados**, optou-se pela análise de conteúdo em sua modalidade temática, indicada para estudos de opiniões, atitudes, valores e tendências. Inicialmente, realizou-se leitura de cada uma das entrevistas visando à organização do material e reconhecimento das ideias iniciais do texto. Na sequência, o material foi submetido a um estudo mais aprofundado, orientado pelos objetivos e referencial teórico proposto no estudo. Esse caminho possibilitou o alcance de uma representação do conteúdo para formulação das categorias (BARDIN, 1979).

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) tendo seu registro de aprovação sob o número 55283316.2.0000.5240.

Resultados e discussão

Os resultados foram trabalhados a partir de três tempos: Antes das Ruas, Vida nas Ruas e Expectativas futuras. O bloco Vidas nas Ruas será organizado pelos eixos temáticos: Vulnerabilidade Social e Vulneração de Homens e Mulheres na Rua; e Violências e Suas Vivências.

A Vida Antes das Ruas

Diante da complexidade da população em situação de rua, muitos fatores podem ser identificados como motivadores para que as pessoas tenham deixado suas casas.

Tiago é um jovem que morava com os pais no Rio de Janeiro. Conta que assim que seus pais morreram, a casa foi invadida pelo tráfico. Sentindo que as pessoas dessa facção eram perigosas, não quis voltar ao local e passou a andar pelas ruas, onde está há cerca de um ano.

Felipe é um senhor que morava com a esposa e com os filhos em uma casa de onde "não gostaria de ter saído". Prezava a convivência com os filhos, mas devido às constantes situações de violência da esposa para com ele e com os filhos, rompeu com os vínculos e foi morar nas ruas. Segundo Felipe a rua foi uma "escolha por falta de opção melhor".

Antes de ir para rua, o senhor Manoel morava em uma comunidade bastante violenta de Campos dos Goytacazes, conhecida como Matadouro. Com uma história atravessada por vivências anteriores nas ruas, diz que "de repente" foi parar em uma praça, onde já conhecia algumas pessoas e depois de uma série de brigas e discussões nos tantos relacionamentos amorosos ao longo da vida, decidiu ir morar lá.

Os conflitos familiares também marcam a história do senhor Evandro, que narra episódios de brigas e discussões. Queixava-se também do cansaço "de tanto trabalho". A perda do emprego em uma cidade do interior foi o impulso para "ganhar" a rua e "tentar nova

vida”. Em Campos, conheceu a atual companheira. Evandro então foi morar com a companheira debaixo da ponte alegando não ter dinheiro para pagar o aluguel de uma casa.

Fábio não teve para onde ir desde que saiu do presídio. Sua companheira é a motivação de estar na rua, pois foi onde a conheceu. Já foi casado e trabalhou em empresas de ônibus e várias sapatarias. Sem novas oportunidades de emprego e se sentindo sem "nenhum tipo de ajuda da sociedade", Fábio se sente um “renegado”.

Noélia é uma jovem que fala pouco sobre sua história antes da vida nas ruas. Na verdade, localiza o início de sua história na própria rua, de onde parte para uma casa na roça acompanhando um homem que conheceu e volta às ruas anos depois. Nas ruas “virava noites” abusando de álcool e outras substâncias. Para seu sustento, catava materiais recicláveis para vender e se prostituía. Assim, conheceu um homem que a levou para a roça permanecendo com ele por quatro anos. Juntos construíram uma casa própria e compraram uma moto. Segundo Noélia a vida estava "melhor que antes", mas sentia que algo lhe faltava. Foi buscar nas ruas a resposta para essa falta: um homem que lhe colocasse “rédeas”, que mandasse na casa e na relação, que a freasse quando necessário e que limitasse sua liberdade. Como não havia encontrado esse homem que idealizou no companheiro, Noélia saía de casa e voltava às ruas sempre que algo acontecia. Na rua, bebia, “zoava” e voltava para casa. No último aborrecimento que teve, começou a beber e foi para rua mais uma vez, mas nessa ocasião conheceu Fábio, atual companheiro. Desde que conheceu Fábio vive na rua com ele. Ao mesmo tempo em que Noélia busca a liberdade nas ruas verbaliza precisar de limites, personificado na figura de um homem que a controle.

Antes de morar na rua, a jovem Cátia foi casada e teve dois filhos. Ela conta chorando que trabalhava e tinha tudo dentro de casa. A ida para as ruas se deu a partir da separação do marido. Assim que se separou, ela foi ficando na marquise da agência dos Correios, onde conheceu pessoas que ali viviam. Começou a beber e não teve mais vontade de voltar para casa. O máximo que faz são visitas esporádicas para ver os filhos que continuaram morando com o pai - uma filha com catorze anos de idade e um filho com dezessete.

Antes de morar nas ruas, a senhora Dolores morava com seu pai e trabalhava como doméstica em casas de famílias. Quando seu pai morreu, passou a morar nas casas de família onde trabalhava, mas teve muita “amolação” e se viu obrigada a sair da casa. Chegou a morar em casas de parentes, mas diz ter tido muitos "aborrecimentos". Foi assim que decidiu que a rua seria "um lugar melhor para morar".

Melissa é uma senhora que foi morar nas ruas quando todos seus familiares morreram. Ela não dá muitos detalhes sobre sua história, mas conta que "preferiu" morar na rua que permanecer sozinha na casa em que morava com a família. Nas ruas de Minas Gerais conheceu o companheiro, Celso, e passou a viver com ele, a quem declara seu amor e dependência. Foi com Celso que Melissa veio para Campos, onde pretendem refazer suas vidas nos moldes familiares tradicionais, habitando uma casa, ainda que seja de aluguel.

Maria é uma jovem que diz ter sido criada pelos pais "sem maldade", "sem conhecer a rua", sem sair e nem viajar. Conta chorando que sua vida perdeu o sentido quando muito cedo seu pai faleceu. Ela passou então a morar com a mãe e um irmão. Sendo professora, foi morar sozinha quando começou a dar aula em outra localidade. Morou sozinha por doze anos e durante esse tempo fez dois anos de faculdade. Maria trabalhou como professora da Rede Pública e também como guarda municipal. Depois foi trabalhar em uma empresa que segundo ela fechou sem nem mesmo dar baixa em sua carteira. Foi então que deixou a faculdade e voltou a morar com a mãe. Nesse período, conheceu nas ruas o homem com quem começou a se relacionar. Foi morar com o companheiro na cidade onde ele morava, na casa de sua família. Por um motivo que não revela, saíram da casa e foram morar em uma casa de aluguel em Campos. Quando não puderam mais pagar o aluguel da casa foram morar na rua, exatamente onde se conheceram.

Podemos identificar alguns fatores reiterados nas histórias desses sujeitos: a violência familiar e comunitária; a falta de emprego; a morte dos pais e a dissolução de relacionamentos amorosos. Apesar de serem convidados a falar sobre a vida antes das ruas, os entrevistados se limitaram a narrar, quase que exclusivamente, sobre os motivos/eventos que os levaram para as ruas. Isso demonstra a centralidade que essa vivência tem em suas biografias.

Felipe, Manoel e Evandro relataram diretamente rompimentos dos vínculos familiares motivados por situações de violência no contexto familiar. Esses relatos vão ao encontro dos achados do Levantamento Nacional de População em Situação de Rua que destaca a violência doméstica entre os motivos que causaram a ida à rua (BRASIL, 2008). A pesquisa também cita os fatores desemprego e problemas com álcool e outras drogas como razões da ida para a rua. Fábio, Noélia, Cátia, Dolores, Melissa e Maria também relataram rompimentos de vínculos familiares, porém estes não citaram a violência.

Para Castel (2000) o rompimento ou enfraquecimento dos vínculos afetivos, familiares e de apoio social são elementos produtores de situações de vulnerabilidade. O autor afirma

que a vulnerabilidade é o efeito de dois vetores: a integração (ou não integração) pelo trabalho formal e a inserção (ou não inserção) em uma relação familiar, situações que se destacam nas histórias de vida aqui apresentadas. No caso da população em situação de rua, frequentemente há a vivência da falta de trabalho formal e os vínculos familiares estão rompidos ou fragilizados. A supressão desses que são considerados por Castel (2000) os dois eixos de integração para o sujeito na vida social, lança a população em situação de rua na condição que o mesmo autor chamou “desfiliados”. Segundo Castel (2000), a desfiliação é um espaço de existência social que está relacionado às mudanças nas relações de trabalho, nas redes primárias de sociabilidade e também nas rupturas do status social onde cada sujeito se inscreve. Logo, a desfiliação seria a ausência de trabalho, o isolamento social e, em síntese, a vulnerabilidade já atenuada (CASTEL, 2000).

A VIDA NAS RUAS:

1. Vulnerabilidade Social e Vulneração de Homens e Mulheres

As pessoas em situação de rua estão expostas a riscos e vulnerabilidades. Segundo Monteiro (2011), chamamos vulnerabilidade social determinadas condições e circunstâncias do contexto social que expõem as pessoas a riscos de diferentes naturezas. Atualmente, vulnerabilidade social é um conceito aplicado por diversos autores em diferentes áreas do conhecimento (MONTEIRO, 2011). Alguns fatores apontam para a vulnerabilidade desse grupo: violência nas e das ruas; preconceito por ser morador de rua e o corpo feminino nas ruas.

Nas histórias de alguns dos entrevistados, podemos identificar falas que apontam claramente para a condição de vulnerabilidade social pelo risco da violência. É assim no caso de Felipe, que diz “a gente dormindo, tá morto”, se referindo ao risco de sofrer violência nas ruas. Sob essa justificativa, Felipe diz preferir dormir sozinho a ficar em grupo, pois acredita que uma discussão com alguém pode ocasionar um ataque durante seu estado de sono. Tiago também prefere ficar só por medo de ser violentado caso esteja com pessoas não confiáveis. Fábio prefere dormir em grupo exatamente porque acredita estar menos vulnerável: “em grupo é melhor, por que se fizer alguma covardia com um, tem que fazer com todo mundo”.

Podemos perceber que os agrupamentos muitas vezes são determinados pela vulnerabilidade às violências e outras condições do contexto social em que vivem. O mesmo fator que representa ameaças para uns, entretanto, representa proteção para outros. Permanecer só ou em grupo aparece como uma estratégia escolhida para lidar com o risco das ruas.

Monteiro (2011) situa a noção de vulnerabilidade social em uma relação dialética entre externo (contexto de referência) e interno (características básicas dos sujeitos ou grupos) que determina certos posicionamentos no processo de mobilidade social. Diante da exposição aos riscos enquanto se dorme nas ruas (contexto de referência), alguns irão preferir dormir sozinhos, enquanto outros tentarão se aproximar de alguém, a partir da compreensão subjetiva do que amenizaria tais riscos (características básicas dos sujeitos). Esse processo irá determinar certos posicionamentos no processo de mobilidade social, como por exemplo, a formação de grupos ou a preferência pelo isolamento.

Outras condições e circunstâncias do contexto social vulnerabilizam essa população, tais como o estigma/preconceito por ser morador de rua.

A maioria dos moradores de rua é vista como bandidos, ladrões e perigosos. Como que um cara pode ser bandido, perigoso, se não tem onde dormir? Como um morador de rua pode ser bandido, perigoso, se ele nem tem onde tomar banho? (Tiago).

Corroborando com essa ideia, Fábio afirma que o morador das ruas não pode violentar ninguém porque está mais vulnerável a ser violentado. O discurso dos entrevistados expressa um questionamento às estigmatizações e preconceitos, lançando um convite à empatia para com eles e a consideração de suas histórias de vida antes de qualquer tipo de julgamento. Angustiado, Fábio declara que *“morar na rua não é crime”*, qualificando como violento o ato comum da sociedade de “virar as costas e não cumprimentar”.

Mattos e Ferreira (2004) afirmam que as representações sociais dos cidadãos em geral sobre as pessoas em situação de rua, tipificam-nas como vagabundas, sujas, loucas, perigosas e coitadas, cristalizando e sustentando formas de dominação, exploração e suscitando atitudes que vão da total indiferença à hostil violência física. No presente estudo, podemos verificar o quanto essas representações influenciam fortemente o que Monteiro (2011) chama de “fatores internos” da dialética da vulnerabilidade, uma vez que a subjetividade é atravessada pelo olhar do outro, pela forma como são vistos. Não conseguindo com seus recursos próprios, com suas próprias vozes, desconstruir essas representações, sucumbem diante de tais circunstâncias de vulnerabilidade.

Maria conta que ficava com seu companheiro na parte interna de uma das praças da cidade, mas foram proibidos pela Guarda Municipal de permanecerem lá. Cátia foi achada para a entrevista enquanto desamarrava de uma árvore os poucos pertences que não lhe foram tirados por tais agentes da municipalidade. Acerca da ocupação dessa população nos territórios, a literatura confirma que “sua presença incomoda e desconcerta quem busca ver nas ruas a mesma tranquilidade asséptica de conjuntos habitacionais com circulação restrita de pessoas.” (BRASIL, 2008, p. 03).

A falta de planos para reinserção social dos egressos do sistema carcerário se refletiu no discurso de Fábio, que representa uma parcela da população em situação de rua composta por ex-presidiários. Segundo a Pesquisa Nacional Sobre a População em Situação de Rua (2008), pelo menos 17% dessa população já esteve em casas de detenção. Com propriedade, Fábio conta que a sociedade não “abraça” um ex-presidiário, que estes “não têm crédito para nada na vida social”. Ele diz ainda que “...a sociedade fala que ajuda e não ajuda. A sociedade só afunda.”. O destino dos egressos do sistema carcerário muitas vezes é a rua, onde a exclusão social é uma realidade já conformada pela sociedade. Como o mercado já não precisa da força de trabalho dos que, como Fábio, vem do sistema carcerário, estes são excluídos simplesmente porque sobram na sociedade. A Fábio e a tantos outros sujeitos em situação de rua são negadas as possibilidades de trabalho formal pela sociedade, tornando-os “sobrantes” como categorizou Castel (2000). Desnecessário e supérfluo é como Fábio percebe ser visto. Sem moeda de troca no mercado e sem “crédito” na vida social, o que restou a Fábio como possibilidade foi o espaço da rua, onde foi sua morada desde a saída do presídio até a volta ao mesmo: foi preso no dia seguinte da entrevista. Para a população em situação de rua, esta forma de exclusão social constitui uma significativa forma de vulnerabilidade.

A população em situação de rua soma muitas outras formas de vulnerabilidade social tais como a suscetibilidade à doenças, que articuladas à dificuldade de acesso à serviços e de manutenção da higiene básica, à ausência de documentação, ao enfraquecimento ou rompimento dos vínculos familiares conformam um quadro de intensas e diversas vulnerabilidades. Segundo a Pesquisa Nacional (2008), 29,7% dos moradores de rua entrevistados afirmaram ter algum problema de saúde; 32,6% tomam banho na própria rua; 24,8% não possuem nenhum tipo de documento de identificação; 51,9% possuem algum parente residente na cidade em que se encontram, porém 38,9% deles não mantêm contato

com esses parentes e 14,5% mantêm contato em períodos espaçados, como de dois em dois meses até um ano (BRASIL, 2008).

Dessa forma, a partir da compreensão dialética entre externo e interno que determina certos posicionamentos no processo de mobilidade social, concluímos que há pessoas e grupos mais ou menos afetados. E então, podemos afirmar que as pessoas e grupos em situação de rua constituem uma das populações mais afetadas pela vulnerabilidade social (SOTERO, 2011).

Dessa afetação, que acomete sujeitos e grupos, surge o conceito de “vulneração”. Segundo Schramm (2008), os vulnerados são os seres concretamente afetados; que estão em uma condição existencial de não poderem exercer suas potencialidades para ter uma vida de qualidade. Podemos notar que a soma das mais diversas formas de vulnerabilidade social, fatalmente lança a população em situação de rua na condição de vulneração. Não se trata somente de estar vulnerável a uma ou mais situações, mas de ser, de fato, afetado por elas. No caso da população em situação de rua, Sotero (2011) ressalta que com a falta de escolaridade, de atendimento médico, emprego e dinheiro, pode-se dizer que se trata de uma população, de modo geral, em que a vulnerabilidade é intensificada e concretizada, o que permite identificar esse grupo como vulnerado e não mais como vulnerável no sentido genérico e existencial extensivo a toda humanidade.

Evidentemente, cada sujeito será afetado de uma forma e dará um significado muito particular a essa afetação. Todavia, para além do aspecto individual, estão alguns marcadores culturais que atravessam as vivências das pessoas que moram nas ruas, como por exemplo, o gênero. Os relatos de algumas entrevistadas mostram como as mulheres constituem um grupo vulnerado pelo simples fato de “ser mulher” e estar na rua.

O conceito de gênero ambiciona distinguir os dois sexos existentes na natureza humana da caracterização de masculino e feminino que é produzido nas culturas e que comumente acompanha a presença dos sexos naturais. Trata-se de uma representação que valoriza a dimensão de relatividade entre o indicador anatômico e a elaboração cultural (HEILBORN, 1994). Essa noção indica a rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual” (JOAN SCOTT, 1995).

Já a “violência de gênero” diz respeito a qualquer ato perpetrado com abuso de poder de uma pessoa contra outra, em uma relação pautada em desigualdade e diferença entre os gêneros, que resulte em danos físicos ou emocionais. Este tipo de violência ocorre não só

entre parceiros íntimos, como também entre colegas de trabalho e em outros espaços relacionais (ZUMA, et al. 2009).

Saffioti (2001) revela um importante aspecto da violência de gênero que se refere ao exercício da função patriarcal especificamente da execução do projeto de dominação-exploração da categoria social “homens”, que exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência, uma vez que a ideologia de gênero não garante a obediência das vítimas potenciais às regras do patriarca, se fazendo necessário o uso da violência (SAFFIOTI, 2001).

Durante a entrevista, Noélia se declara uma mulher dependente de seu companheiro para viver nas ruas. Estando na companhia dele se sentia segura e juntos passavam um período da noite com um grupo, até que se afastavam para dormir a dois. Quando Fábio foi preso, Noélia disse que não permaneceria mais na rua. Fica claro que Noélia sabia que, apesar do grupo, sem Fábio para protegê-la, o risco de sofrer violências aumentaria.

De semelhante modo, Melissa declara sua dependência de Celso em relação a sua proteção. Tem medo de ser "atacada" durante a noite e por isso acorda Celso sempre que se sente ameaçada por alguém em alguma situação.

Maria também prefere ficar a sós com o companheiro, apesar de terem por perto ao menos mais duas pessoas. Quando outras pessoas se aproximam, ameaçando a estrutura de pequeno grupo, mudam-se de uma marquise para outra na tentativa de afastar os que sem consentimento tentam se agregar.

A história de vida de cada uma das cinco mulheres entrevistadas revela que os motivos que influenciam suas formas de estar nas ruas estão fortemente relacionados à condição de vulneração por serem mulheres. A questão do gênero aparece como uma das principais formas de vulnerabilidade social, e no caso das mulheres em situação de rua, uma verdadeira afetação, o que torna esse grupo vulnerado.

2. Violências e Suas Vivências

A população em situação de rua é um grupo populacional fortemente oprimido pela violência estrutural. Segundo Minayo (1994) a violência estrutural é aquela que se aplica aos sistemas econômicos, culturais e políticos que conduzem à opressão de grupos, classes,

nações e indivíduos, aos quais são negadas conquistas da sociedade, tornando-os mais vulneráveis que outros ao sofrimento e à morte.

A análise dos significados das vivências de violência da população em situação de rua de Campos dos Goytacazes nos traz a possibilidade de lançar um olhar sob as formas, os sentidos e o lugar do fenômeno violência no contexto da rua. Vale salientar que muitas situações de violência vivenciadas por essas pessoas foram anteriores à vida nas ruas, algumas vezes, inclusive, se apresentando como fator determinante para o rompimento dos vínculos familiares e da atual condição de morador de rua, como é o caso de Felipe.

Violências vivenciadas na vida antes das ruas também foram relatadas por mais cinco pessoas: Tiago, Manoel, Evandro, Dolores e Maria. Há o caso de Tiago, que teve a casa invadida por uma facção criminosa para instalação de uma “boca de fumo” e não voltou ao local por entender que a situação era perigosa; Manoel que diz que sua história antes das ruas era composta por brigas e discussões; Evandro que relata conflitos familiares com muita discussão; Dolores que preferiu a rua por ter a opção de sair de perto de quem a ameaça, como não podia fazer nas casas de parentes que morou, além das casas onde trabalhou e teve seus direitos violados; e Maria que foi violentada fisicamente pelo homem com quem se relacionava amorosamente. Estes seis entrevistados falam diretamente dos casos de vivências de violência anteriores às ruas quando são perguntados sobre como eram suas vidas antes das ruas.

A Organização Mundial de Saúde (HWO, 1996) divide a violência em três categorias sob uma tipologia a partir de quem comete a violência: violência auto-infligida (inclui comportamento suicida e agressão auto-infligida), violência interpessoal (familiar e comunitária) e violência coletiva (subdividida em social, política e econômica). Estabelece, ainda, uma divisão segundo a natureza dos atos violentos: violência física, violência sexual, violência psicológica e violência relacionada à privação ou ao abandono. Considerando tais categorizações, dificilmente uma pessoa nunca terá sofrido ou praticado alguma violência. Assim sendo, as vivências de violência analisadas nesse bloco serão principalmente aquelas que os entrevistados reconhecem como tal e suas vivências.

Tiago diz que nas ruas acontece muita *queima de arquivo*: "*Quem não fez nada sofre um reflexo de coisas que não fez, pois quem vai para matar um, mata os outros para não haver testemunhas*". Também considera violência o preconceito da população em relação ao grupo. Fala de *violência verbal* para classificar o que sofrem quando são chamados de “mendigos”,

fala da violência *do olhar*, de "desprezo, de nojo, ou de quem se acha melhor do que a pessoa que está ali jogada na “sarjeta”, de quem pensa que aquele “mendigo” não tem coração ou até que já era para estar morto". Essa fala de Tiago evoca a discussão empreendida por Rui (2012) ao falar dos corpos abjetos se referindo aos usuários de crack e como estes são vistos pela população.

Sugiro que tais corpos se constituem nas relações com a substância, os espaços de uso, as redes de solidariedade e prestação mútua, os objetos necessários para o consumo, os atores sociais envolvidos no comércio, no consumo e na prevenção de danos decorrentes desse abuso, as distintas corporalidades produzidas a partir do uso de outras substâncias e as políticas urbanísticas, sanitárias e repressivas. E que, uma vez constituídos, põem a nu uma série de relações específicas que envolve e emaranha saberes, ações, classificações e espaços urbanos. (RUI, 2012, p.11)

Tiago conta ainda que três homens o ameaçaram e, apesar de não ter apanhado, se sentiu violentado por ter sido xingado. Disse que “às vezes uma palavra ofende mais que um soco”, apontando para o impacto da violência psicológica.

Roubos, facadas e brigas fazem parte do que Felipe reconhece em seu atual cotidiano. Felipe diz se envolver só em discussões, mas também as percebe como uma forma de violência. Depois das discussões fica nervoso, em especial na hora de dormir. Felipe diz se envolver em brigas para separá-las. Ressalta que ninguém se envolve nas brigas de moradores de rua, nem mesmo a polícia, e que dessas brigas saem rinchas, feridos e até mortos.

Manoel também conta presenciar brigas e ameaças com facas. Evandro diz que de vez em quando presencia discussões, brigas com socos e pauladas de onde é "arriscado sair sangue". Diz não participar delas, mas tenta sempre apaziguar conversando com os companheiros. Contudo, Evandro naturaliza a violência em seu discurso dizendo que “é coisa de rotina mesmo da rua...” Por outro lado, Fábio, que faz parte do mesmo grupo de Evandro, considera que a violência está relacionada ao uso de álcool e outras drogas, o que se pode considerar uma vulneração especialmente nos casos desses homens. Quando se trata das formas de violência da sociedade em geral para com a população em situação de rua, Fábio localiza o preconceito que as pessoas têm ao considerá-los perigosos e ladrões.

Estando no mesmo grupo de Evandro e de seu companheiro Fábio, Noélia soma as brigas relatadas pelo primeiro com as drogas citadas pelo segundo, dizendo que as brigas nem sempre são por causa de drogas. Ela conta que particularmente não se envolve em nenhum

tipo de violência e quando percebe que vai acontecer, procura não discutir: “saio de fininho, deixo me chamar de boba, de otária. Os otários é que *vive* mais...”.

Cátia conta que já viu muita violência na rua: pedradas, pauladas e facadas. Narra duas mortes que aconteceram nas proximidades de onde costuma ficar. Quanto ao envolvimento em situações de violência, Cátia só fala de um episódio, quando foi violentada fisicamente pelo próprio companheiro, que foi preso e enquadrado na Lei Maria da Penha. Dolores diz presenciar nas ruas agressões, *covardias, pessoas que batem na cara umas das outras* e cita o caso de uma mulher “sofrida” que apanha sempre do marido e que foi agarrada pelo pescoço e quase morta por um homem que tentou estuprá-la.

Mesmo quem nunca sofreu agressões físicas ou sexuais nas ruas, relata o medo de que algum evento desse porte possa acontecer. Melissa, por exemplo, tem medo de que alguém se aproxime e ataque a ela e ao companheiro com uma pedrada ou ainda que lhes joguem gasolina, pois sabe que “existe muita covardia”. Sendo assim, a ameaça lhe impõe muita dificuldade para dormir na rua.

Algumas vezes, as situações de violência reproduzem no espaço das ruas as violências anteriormente vivenciadas. Maria sofreu violências físicas do companheiro que tinha antes de morar nas ruas e sofre o mesmo com o companheiro que tem agora. Durante a entrevista com ela, mostra um grande hematoma na perna e chorando aponta para o atual companheiro, insinuando ser uma marca de sua violência. Maria diz que está nas ruas por causa dele e sabe que corre muitos outros perigos ali. Conta, por exemplo, que no dia anterior a entrevista, viu um homem estranho em pé ao seu lado enquanto estava deitada para dormir. Em situações como essas, Maria se sente desprotegida porque o companheiro também dorme, mas confia primeiramente em Deus e diz que espera pela decisão do companheiro de um dia sair da rua.

O que Maria vê em matéria de violência nas ruas é “*bate-boca, pedrada, essas coisas assim*”. Conta que já a ameaçaram com faca, que outra moça da rua quando bebe vai arranjar problema com ela, e que diante dessas coisas seu companheiro ainda a provoca dizendo: “ah, você não é mulher pra enfrentar”. Maria se incomoda com o “palavreado errado” dessas mulheres que considera vulgar. Diz que não aceita “*a mulher que é vulgar e que bebe, que cheira e quer chamar atenção*”. Considera que tem que aprender a ouvir mais e a falar menos para conseguir sobreviver nas ruas.

Ser mulher e estar na rua é uma condição de vulneração já mencionada. Estar diante das violências nas ruas sendo mulher é uma especificidade relevante. Isto aparece no discurso de

muitos dos entrevistados. Cabe de antemão dizer que os homens dividem suas opiniões sobre o tema. Enquanto Tiago destaca que as mulheres têm privilégios na rua porque conseguem doações mais facilmente; Fábio entende que elas sofrem mais os efeitos da violência nas ruas pelo risco maior de violência sexual. Ao falar sobre o tema, algumas pessoas deram ênfase ao ser mulher na rua em aspectos gerais, enquanto outras falaram especificamente sobre vivenciar violências nas ruas sendo mulher. Vejamos a partir daqui o que dizem as próprias mulheres sobre o fato de ser mulher e estar diante das múltiplas formas de violência nas ruas.

Para Noélia ser mulher nesse contexto é *muito triste*. Ela acredita que os homens lidam com a violência de forma mais fácil. Isto porque, para Noélia, o homem é mais forte e a mulher sempre mais frágil. Diz que para estar na rua precisa de proteção: “*eu vou falar com você... Se eu não tivesse com ele, eu não estaria aqui*”. Explica que não sabe se defender mais como se defendia antes. Noélia acredita que a rua hoje não é mais como em quatro anos atrás, que a violência só está piorando e que hoje há uma *patifaria* que não havia. Vale lembrar que suas formas de lidar com a violência são se calar e se afastar da situação.

Cátia considera a violência como algo “*triste e difícil de lidar*”. Para ela, como mulher, “*algo insuportável*”. Cátia conta que foi para Delegacia de Polícia fazer corpo de delito quando foi violentada fisicamente pelo companheiro e que se sentiu envergonhada por isso. Seu companheiro ficou preso por um ano e onze meses. Para Cátia, o homem sempre é mais violento.

Dolores, por sua vez, faz uma análise sobre a vulnerabilidade da mulher em relação à violência independentemente do local que ela esteja. Acredita que para as mulheres, estar diante da violência em casa ou nas ruas não muda nada, que “*a desgraça é uma só*”, pois há muitas mulheres apanhando do marido e que “*violência hoje tem em tudo quanto é lugar*”. Acredita que os homens também estão violentos uns com os outros e que só Jesus pode dar jeito, só Deus pode tomar conta desse mundo.

Por ser mulher, Maria diz ter medo até de falar, receio de ser mal interpretada e fazerem algo com ela. Por isso, tenta se “*dominar mais*”. Maria fica amedrontada porque não “*sabe o coração das pessoas*”. Mas acha que ser homem diante dessas violências é mais complicado. É a única que pensa assim, mas segue a lógica de que enquanto as mulheres se calam diante das situações de violência, os homens querem falar mais. Nesse sentido, aponta para o fato de que as mulheres se protegem mais das violências enquanto os homens se envolvem nos atos violentos.

Assumir uma postura passiva, defensiva, se deixar ser protegida pela figura masculina e confiar em Deus são algumas das atitudes tomadas pelas mulheres diante das múltiplas formas de violências nas ruas. Rosa e Brêtas (2015) sinalizam que não existem estudos sobre as diferentes formas de violência que acometem as mulheres em situação de rua. Eles também denunciam que apesar das particularidades do universo feminino, não há a inclusão dessas diferenças nas políticas e programas de atenção à população em situação de rua (ROSA, BRÊTAS, 2015).

O grupo de homens e mulheres desta pesquisa identificou diferentes formas de violências. Quanto à violência interpessoal apontam para o xingamento, discussões, ameaças e outras formas de violência psicológica. Socos, pauladas, pedradas, facadas, tiros, *queimas de arquivo* estão entre as violências físicas citadas; e além destas, citam o roubo e a violência sexual.

No que tange a violência coletiva, que pode ser subdividida em social, política e econômica, as pessoas desse grupo dizem se sentirem violentadas pelas negligências, omissões (inclusive da polícia, que não separa as brigas); com o “*virar às costas*” dos transeuntes; pelos preconceitos e discriminações.

Como forma de enfrentamento para as “mazelas” da vida na rua, **a fé e a crença** aparece como bálsamo. Como geralmente não há nos sujeitos e grupos vulnerados a possibilidade de enfrentamento das questões que emergem nesse contexto social, a religião aparece muitas vezes como uma forma de lidar com a problemática e amenizar o sofrimento oriundo da mesma. É essa mesma fé que aponta para uma possibilidade de mudança de rumo em suas vidas.

Tiago acredita que só Jesus, Deus e o Espírito Santo podem mudar a história de uma pessoa. Contudo, segundo sua crença, a mudança depende do *querer humano*: parar de dormir na rua e começar a buscar a Palavra de Deus (Bíblia). Diz mediar alguns conflitos na rua crendo que Deus o colocou no mundo com essa função. Crê que esse mesmo Deus que o colocou no mundo, levou do mundo seus pais. Sempre que chegam um “irmão” ou “irmã” para “pregar a Palavra de Deus” (propagar), Tiago diz gostar de ouvir, pois só isso o faz esquecer toda maldade que às vezes guarda. Acredita ser essa a visão certa, o que o conforta e o faz esquecer o ódio e ver com outros olhos quem o faz se sentir assim. Para Tiago, a Palavra de Deus é o que *limpa* seu coração e sua mente para que continue vivendo. Felipe diz que Deus é muito bom para com os moradores de rua, apesar de não os livrar das brigas que

acontecem entre eles. Deus para ele representa uma companhia, que está ali, mas isso não o blinda de passar por algumas adversidades.

Evandro por sua vez, tem uma visão bem diferente de Deus. Acredita que Deus já sofreu muito pela humanidade. Crê que o sofrimento que vive hoje é determinado por Deus e que a aceitação deste é a garantia de uma vida melhor no futuro. Com essa visão naturalizada do sofrimento, Evandro diz não ter nada a fazer senão suportá-lo, não tendo sobre si a responsabilidade de mudar as circunstâncias de sua própria vida.

Noélia diz que se dirigia a Deus para pedir pela família que planejava construir com Fábio, também recorria para pedir um emprego e moradia. Na mesma oração pedia a Deus que não permitisse que Fábio fizesse alguma besteira e voltasse para prisão. Dolores também se apega a Deus para “dar um jeito na sua vida”. Para ela, só Deus para tomar conta desse mundo. Segundo a crença de Dolores, ela não deve reagir às violências de modo também violento para que não seja condenada ao inferno. Pelo contrário, deve se submeter ao senhorio de Jesus e responder com silêncio. Para Dolores, Deus trabalha por ela quando ela entrega tais aflições em suas mãos. E é crendo nisso que Dolores resiste às violências perpetradas contra ela.

EXPECTATIVA DE FUTURO

Não é de surpreender que sair da rua seja a expectativa de futuro de boa parte da população em situação de rua. Com tamanha vulneração, o expressivo índice de violência e a condição de exclusão, muitos sonham em encontrar uma moradia. Apesar das singularidades há um padrão que se repete nos discursos de quase todos acerca da expectativa de futuro e este é o sair das ruas. Felipe, por exemplo, só tem como expectativa sair da rua, a que chama de “imundície”.

Dentre todos entrevistados, a única pessoa que não cita a saída da rua como um plano, sonho ou expectativa é Dolores. Dolores revela a falta de expectativas que pode acometer essa população. Ela afirma simplesmente não ter planos para o futuro, dizendo que nunca teve futuro com nada. “Nunca tive futuro em emprego, nunca tive futuro em casa de parente, nunca tive futuro com nada [...] Não me casei, não tive casa, meus pais morreram e não deixaram nada para mim...”, conta. Talvez os demais entrevistados tenham falado de seus

sonhos porque foi perguntado, mas assim como Dolores não tenham planos para o futuro ou ainda uma expectativa real de melhora de suas condições. Entretanto, Dolores sequer tem sonhos para contar.

Entre aqueles que sonham, que planejam e que tem expectativa de futuro, a constituição de uma família e a vinculação com um trabalho são temas recorrentes. Isto evoca a discussão anterior sobre filiação, pois se tratam exatamente dos dois eixos de integração na vida social, revelando que para essas pessoas, não basta sair da rua para deixar de ser um “desfiliado” à luz das políticas públicas e da sociedade de maneira geral, mas é preciso fazer parte de uma família e ter um trabalho.

A meta de Tiago, por exemplo, é ser pai, já que seus pais “foram levados por Deus”. Fábio planejava constituir uma família com Noélia, que por sua vez também dizia planejar constituir uma família com ele. De semelhante modo, Melissa quer constituir família com o atual companheiro de rua, Celso. Já Cátia, apesar de separada, planejava voltar para casa objetivando se reaproximar dos filhos, trazendo para junto de si o filho que está em uma instituição para adolescentes em conflito com a lei. Por fim, Maria gostaria que o marido pedreiro construísse uma casa para que além de saírem da rua pudessem também constituir uma família.

No que tange ao trabalho, alguns falam em conseguir um emprego, como é o caso de Noélia e Maria. Por outro lado, veremos casos como o de Evandro que quer ter novamente um emprego público e o de Tiago que entende que um trabalho digno tem que ser de carteira assinada.

Nota-se que na representação dessas pessoas a dignidade não está no trabalho, mas no emprego. Sendo este formal, de carteira assinada. Isso não só corrobora com a discussão já empreendida sobre integração na vida social como também evoca a noção de uma cidadania que não é reconhecida apenas em um senso político, mas que precisa ser legitimada pelo Estado. Trata-se de uma cidadania regulada, a que Santos (1987) vai compreender como sendo uma cidadania “cujas raízes encontram-se, não em códigos de valores políticos, mas em um sistema de estratificação ocupacional, e que, ademais, tal sistema de estratificação ocupacional é definido por norma legal” (SANTOS, 1987, p. 68).

Com uma dinâmica distinta, mas também passando pelos moldes da cidadania regulada, Manoel planeja tirar seus documentos, tentar conseguir um cadastro no programa de transferência de renda “Bolsa Família”, e parar de vigiar carros nas ruas. É possível perceber

que as expectativas de futuro de Manoel têm a ver com a substituição daquilo que é ilegítimo pelo que passa pela regulação do Estado.

Outra questão que aparece nas expectativas de futuro dos entrevistados é a vinculação com alguma Igreja. Segundo Tiago, para “refazer a vida” é necessário “caminhar para a casa de Deus”. Para Maria, “estar na presença de Deus”, que é o mesmo que voltar a fazer parte de uma Igreja, é “se encaminhar”. Possivelmente a presença dos grupos religiosos nas ruas não os deixe perder de vista a expectativa de vinculação com uma Igreja ainda que em uma vida futura longe das ruas.

Considerações finais

Este estudo propiciou a análise das vivências de violência da população em situação de rua na cidade de Campos dos Goytacazes. Foram discutidas questões referentes à ida para a rua, à vida na rua e às expectativas futuras.

Em relação às violências percebidas e vivenciadas, o grupo identificou muitas formas de violências interpessoais e coletivas. O xingamento, as discussões e as ameaças foram identificadas como as formas de violência psicológica mais percebidas. Os socos, pauladas, pedradas, facadas e até mesmo tiros e queimas de arquivo apareceram entre as violências físicas. Somadas a essas expressões de violência aparece no discurso os roubos e, com menor frequência, a violência sexual. Dentre as formas de violência coletiva foram citadas as negligências, omissões, a invisibilidade e o virar às costas dos transeuntes; o estigma de bandidos, ladrões e perigosos; o olhar de desprezo, de nojo de quem se acha superior a elas e a discriminação de pessoas que as evitam. Pode-se notar que as violências que relataram vivenciar estão profundamente marcadas pela questão da estigmatização. O grupo estudado possui uma compreensão ampliada do conceito de violência e as vivencia das mais diversas formas.

Nas histórias de vida do grupo estudado foi possível identificar alguns fatores reiterados como motivação da **ida para a rua**. A violência familiar e comunitária esteve entre elas, seguida da falta de emprego, da morte dos pais e da dissolução de relacionamentos amorosos. A grande maioria dos sujeitos identificou o rompimento de vínculos familiares

como principal causa de sua atual situação de rua, alguns deles apontando para a violência doméstica como responsável por tais rompimentos.

A discussão sobre vulnerabilidade social possibilitou a compreensão das particularidades da **vida na rua**. Foram citados fatores que conformam um quadro de intensas e diversas vulnerabilidades do grupo, como a violência nas e das ruas; estigma/preconceito por ser morador de rua; o corpo feminino nas ruas; a suscetibilidade a doenças; a dificuldade de acesso a serviços e a manutenção da higiene básica; a ausência de documentação e o enfraquecimento ou rompimento dos vínculos familiares. Pôde-se concluir que a soma das mais diversas formas de vulnerabilidade social, facilmente lança a população em situação de rua na condição de vulneração. Chamando “vulnerados” aqueles que não somente estão vulneráveis, mas são concretamente afetados pelas formas de vulnerabilidade social.

Os relatos de algumas mulheres entrevistadas revelaram que os motivos que influenciam suas formas de estar nas ruas estão fortemente relacionados à condição de vulneração por serem mulheres. Sendo o gênero uma das principais formas de vulnerabilidade social identificadas, no caso das mulheres em situação de rua, esta é uma verdadeira afetação, o que torna este grupo vulnerado pelo simples fato de “ser mulher” e estar na rua.

Ainda quanto à especificidade de gênero, assumir uma postura passiva, defensiva, se deixar ser protegida e confiar em Deus são algumas das atitudes tomadas pelas mulheres diante das múltiplas formas de violências que podem afetá-las nas ruas. A fé e a religião apareceram nos discursos de homens e mulheres como estratégias de sobrevivências nas ruas, como formas de lidar com a problemática e amenizar o sofrimento oriundo da mesma, principalmente como prevenção das muitas violências a que esse grupo está submetido.

Não é de surpreender que a **vida além da rua** seja a expectativa de futuro de boa parte dessa população. Com tamanha vulneração, o expressivo índice de violência e a condição de exclusão muitos sonham em ter uma moradia. Apesar das singularidades nos discursos acerca das expectativas de futuro dos entrevistados, há um padrão que se repete em quase todos: sair das ruas. A constituição de uma família e a vinculação com um trabalho também foram temas recorrentes, confirmando a hipótese de que se trata de sujeitos que não precisam simplesmente sair da rua para deixarem de ser “desfilados”, mas precisariam também integrar-se a família e ao trabalho. Outra questão que mereceu destaque entre as expectativas de futuro foi a vinculação com alguma Igreja.

Apesar de não haver a pretensão de generalizar os achados, esse estudo atende a um objetivo maior que é o dar voz a uma população emudecida pela sociedade. Ao narrar sobre suas vidas e serem convidados a revisitar o seu passado, analisar o seu presente e projetar o seu futuro, essas pessoas se fizeram sujeitos de suas histórias.

Referências

BRASIL. **Decreto nº 7.053, 23 de dezembro de 2009.** Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Brasília, DF, 2009.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. **Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua.** Brasília-DF, 2008.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. **Política Nacional de Redução de Morbimortalidade por Acidentes e Violência.** Revista Saúde Pública, v.34, n.4, ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102000000400020> Acesso em: 03 mar. 2017.

CASTEL, R. As armadilhas da exclusão. In: BELFIORE-WANDERLEY, M.; BÓGUS, L.; YAZBEK, M.C.(Orgs.). **Desigualdade e a questão social.** 2. ed. São Paulo: EUC, 2000. p. 17-49.

COSTA, A.P.M. “População em situação de rua: contextualização e caracterização”. **Revista Virtual Textos & Contextos**, n. 4, 2005.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ESCOREL, S. **Vidas ao Léu: Trajetórias de Exclusão Social.** Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 1999.

HEILBORN, Maria Luiza. “De que gênero estamos falando? In: Sexualidade, Gênero e Sociedade, CEPES/IMS/UERJ, ano 1, nº 2, 1994.

MATTOS, R. M.; FERREIRA, R. F. Quem vocês pensam que (elas) são? - Representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicologia & Sociedade**, Ipiranga, SP, v.16., 2004.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.** São Paulo, SP: Hucitec, 2014.

_____. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cadernos de Saúde pública**, n. 10, Suplemento 1, p. 7-18, 1994.

MONTEIRO, S.R.R.P. O marco conceitual da vulnerabilidade social. *Sociedade em Debate*, Pelotas, RS, v.17. Pelotas – RS, 2011.

ROSA A.S.; BRÊTAS A.C.P. A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. **Interface (Botucatu)**, v.19, n.53, p. 275-85, 2015.

RUI, T. **Corpos Abjetos**: etnografia em cenários de uso e comércio de crack. 355 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012.

SAFFIOTI, H.I.B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, v,16, p. 115-136, 2001.

SANTOS, W. G. **Crise e Castigo**: Partidos e Gerais na Política Brasileira. Rio de Janeiro: Vértice, 1987

SCHRAMM, F. R. Bioética da Proteção: ferramenta válida para enfrentar problemas morais na era da globalização. **Revista Bioética**, v. 16, n.1, p. 11-23, 2008.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação & Realidade**. v. 20, 2, p. 71-99, 1995

SILVA. M.L.L. **Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua 1995-2005**. 2006. 219 f. Dissertação (Mestrado em Política social), Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2006.

SOTERO, M. Vulnerabilidade e Vulneração: população de rua, uma questão ética. **Revista Bioética**, v. 19, n.3, p. 799-817, 2011.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority. Geneva: WHO; 1996 (document WHO/EHA/ SPI.POA.2)

ZUMA, C.E. et al. Violência de gênero na vida adulta. In: NJAINE, K.; ASSIS, S.G.A.; CONSTANTINO, P. **Impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos produzidos como resultados desta dissertação são complementares e atendem os objetivos de analisar o modo pelo qual a literatura aborda a interface População em Situação de Rua e Violências no campo da saúde e de analisar a visão dessa população sobre suas vivências de violência.

As limitações dos mesmos consistem principalmente no fato de que a revisão da literatura se restringiu ao corte temporal que contempla a produção até o ano de 2013, justamente quando o tema da população em situação de rua começa a ganhar visibilidade no âmbito político. Outro ponto que merece destaque foi a escolha por trabalhar somente com as referências da área da saúde, não incluindo uma vasta produção de outras áreas do conhecimento que tem uma tradição de estudos sobre grupos vulneráveis.

Ainda sobre as limitações vale sinalizar a dificuldade encontrada no campo para localizar mulheres fazendo uso permanente da rua que aceitassem participar da pesquisa. Considero ser esse um dado importante, além de limitação, pois outras mulheres localizadas estavam em uso recente ou circunstancial da rua ou ainda não quiseram participar voluntariamente da pesquisa. Ouvir outras mulheres seria importante para o aprofundamento nas questões referentes a gênero.

A revisão sistemática da literatura apontou que não há uma única explicação para a ida dessas pessoas para as ruas, pois existem grandes variações entre aqueles que podem ser caracterizados como população em situação de rua. Nas histórias de vida foi possível identificar alguns fatores recorrentes como **motivação da ida para a rua**. Reiterando o que a literatura nos alertou, de fato não há uma única explicação. No entanto, o **rompimento de vínculos familiares apareceu nas narrativas como um fator preponderante**.

Em relação às violências percebidas e vivenciadas, o grupo identificou muitas formas de violências interpessoais e coletivas. Apenas a violência auto-infligida não apareceu nos discursos. Quanto à natureza dos atos violentos, todas as formas foram identificadas: violência física, violência sexual, violência psicológica e violência relacionada à privação ou ao abandono.

O grupo investigado apresentou uma visão ampliada sobre as vivências de violência. Esses homens e mulheres entendem, por vivenciarem, o preconceito e o estigma como base de muitas outras formas de violência. Esse achado coaduna com o que está posto na literatura de

que a violência sofrida pela população em situação de rua está profundamente marcada pela questão da **estigmatização**.

Em relação às **especificidades de gênero**, a revisão revelou um destaque para a interface entre vivência de mulheres nas ruas e a saúde reprodutiva e sexual, principalmente no que tange à gravidez e às doenças sexualmente transmissíveis. Questões que poderiam aprofundar o conhecimento sobre a experiência de ser mulher e estar nas ruas, foram negligenciadas na literatura. As diferenças no modo como homens e mulheres enfrentam as dificuldades que se apresentam no cotidiano da rua, principalmente aquelas relativas à vivência de violências merece maior atenção. Nas narrativas os motivos que influenciaram essas mulheres a ida para as ruas estão fortemente relacionados à condição de vulneração. O segundo estudo revelou que o grupo de mulheres se torna vulnerado pelo simples fato de serem mulheres e estarem na rua. Quanto aos modos com que enfrentam as dificuldades que se apresentam na rua, em especial aquelas relativas à vivência de violências, a especificidade de gênero revelada foi que as mulheres geralmente tomam atitudes mais passivas e demandam proteção masculina e divina. Parecem reproduzir nas ruas, o papel feminino na sociedade.

Diante da constatação da falta de estudos que apontem para as **estratégias de sobrevivências nas ruas**, principalmente relacionadas à prevenção de violência, buscou-se analisar junto à população estudada os mecanismos que esse grupo lança mão para lidar com o seu cotidiano. A religião recebeu destaque nos discursos. A fé aparece como a principal estratégia para lidar com as adversidades da rua.

Ganha destaque especial entre as expectativas de futuro a **saída das ruas**. Entretanto, esse projeto vem acompanhado pela **conquista de um emprego e a constituição de uma família**.

A revisão da literatura apontou para a escassez de estudos no campo da saúde que tenham como foco as violências, analisadas em uma perspectiva ecossistêmica. Faltam estudos que considerem tanto a estrutura social, quanto aquela das microrelações, que levam as pessoas a viverem nas ruas. A pesquisa de campo foi um esforço para analisar tais fatores a partir das narrativas dessas pessoas, considerando a ida *para* a rua, a vida *na* rua e a vida *além* da rua. Entretanto, fazem-se necessários outros estudos que aprofundem tais questões e disseminem essas discussões no meio acadêmico, em especial no campo da saúde. Também são necessários os investimentos em estudos que subsidiem a plena execução do que é proposto nas políticas públicas para a população em situação de rua.

8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, A.M.S. **Resiliência e encontro transformador em moradores de rua na cidade de São Paulo**. 314 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública, São Paulo, 2003.

ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P. Violência contra crianças e adolescentes: o grande investimento da comunidade acadêmica na década de 90. In: MINAYO, M. C. S; SOUZA, E. R. **Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira**. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2003. p.163-198.

AYRES, R. et al. .O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. **Decreto nº 7.053, 23 de dezembro de 2009**. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Brasília, DF, 2009.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. **Política Nacional de Redução de Morbimortalidade por Acidentes e Violência**. Revista Saúde Pública, v.34, n.4, ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102000000400020> Acesso em: 03 mar. 2017.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. **Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua**. Brasília-DF, 2008.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria nº 2.488, de 21 de outubro de 2011**. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes e normas para a organização da Atenção Básica, para a Estratégia Saúde da Família (ESF) e o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Brasília, DF, 2011. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2488_21_10_2011.html>. Acesso em: 16 Jun. 2016.

_____. **Portaria MS/GM n.º 737 de 16 maio 01**. Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violências. Diário Oficial da União, Brasília, n. 96, Seção 1E, 18 maio, 2001.

_____. **Portaria nº 122, de 25 de janeiro de 2011**, Define as diretrizes de organização e funcionamento das Equipes de Consultório na Rua. Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt0122_25_01_2012.html>. Acesso em: 13 nov. 2016.

_____. **Portaria nº 3.305 de 24 de dezembro de 2009**, Institui o Comitê Técnico de Saúde para a População em Situação de Rua. Ministério da Saúde, 2009. Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt3305_24_12_2009.html>. Acesso em: 13 nov. 2016.

_____. **Plano Operativo para implementação de ações em saúde da população em situação de rua: 2012-2015.** Brasília, DF, 2012.

_____. **Resolução nº 2, de 27 de fevereiro de 2013**, Define diretrizes e estratégias de orientação para o processo de enfrentamento das iniquidades e desigualdades em saúde com foco na População em Situação de Rua (PSR) no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cit/2013/res0002_27_02_2013.html>. Acesso em: 13 nov. 2016.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário. **Centro de referência Especializado para pessoas em situação de Rua.** MDS, 16 Jul. 2015. Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/assistencia-social/unidades-de-atendimento/centro-pop>>. Acesso em: 13 Nov. 2016.

BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.** 2008. Disponível em: <<https://mds.gov.br/>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

BRASIL. SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. (Org.). **Dados são da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República; Minas Gerais é o Estado que concentra o maior número de mortes, seguido de Goiás.** 2013. Disponível em: <http://www.mndh.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=3380>. Acesso em: 26 nov. 2016.

BRASIL. SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS E INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. **Pesquisa Censitária Nacional sobre Crianças e Adolescentes em Situação de rua.** Brasília, DF, 2011.

CARINHANHA, J.I. **Violência vivenciada pelas adolescentes em situação de rua: bases para o cuidado de enfermagem pela cidadania.** 122 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Enfermagem, Rio de Janeiro, 2009.

CASTEL, R. As armadilhas da exclusão. In: BELFIORE-WANDERLEY, M.; BÓGUS, L.; YAZBEK, M.C.(Orgs.). **Desigualdade e a questão social.** 2. ed. São Paulo: EUC, 2000. p. 17-49.

CASTEL, R. De l'indigence à l'exclusion, la désaffiliation: précarité du travail et vulnérabilité relationnelle. In DONZELOT, J. (Org.). **Face à l'exclusion: le modèle français.** Paris: Esprit, 1991. p. 137-168

CASTEL, R. L'avènement d'un individualisme négatif. **Magazine Littéraire**, n. 334, Jul. - Ago. 1995.

CIAMPONE, M.H.T. "Crianças em situação de rua falam sobre os abrigos." **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 36, n. 4, p. 309-16, 2002.

COELHO, E.B.S.; SILVA, A.C.G.; LINDNER, S.R. **Violência**: definições e tipologias. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. 32 p. Disponível em: <http://violenciaesaude.ufsc.br/wp-content/uploads/2016/02/Definicoes_Tipologias.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2016.

COSTA, A.P.M. "População em situação de rua: contextualização e caracterização". **Revista Virtual Textos & Contextos**, n. 4, 2005.

CRUZ, M.N.A.; ADA, A.A. Estrutura e organização do trabalho infantil em situação de rua em Belo Horizonte, MG, Brasil. **Saúde e Sociedade**, v. 17, n.1, p. 131-142, 2008.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SCOREL, S. **Vidas ao Léu**: Trajetórias de Exclusão Social. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 1999.

ESMERALDO FILHO, C. E. **Necessidades de saúde dos moradores de rua**: desafios para as políticas sociais do município de Fortaleza. 158 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUARESCHI, Pedrinho A. A categoria "Excluídos". **Psicologia, ciência e profissão**, 1992, v..12, n.3-4

HEILBORN, Maria Luiza. "De que gênero estamos falando? In: Sexualidade, Gênero e Sociedade, CEPES/IMS/UERJ, ano 1, n° 2, 1994.

KOLLER, S. H.; RAFFAELLI, M.; CARLO, G. Conducting research about sensitive subjects: The case of homeless youth. **Universitas Psychologica**, v. 11, n. 1, p. 55-65, 2012.

LANCETTI, A. **Clínica Peripatética**. São Paulo: Hucitec editora, 2009.

MATTOS, R.M.; FERREIRA, R.F. Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 2, p. 47-58, 2004.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo, SP: Hucitec, 2014.

_____. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cadernos de Saúde pública**, n. 10, Suplemento 1, p. 7-18, 1994.

_____. **Violência**: um problema para a saúde dos brasileiros. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2005.

MONTEIRO, S.R.R.P. O marco conceitual da vulnerabilidade social. *Sociedade em Debate*, Pelotas, RS, v.17. Pelotas – RS, 2011.

MOURA, Y.G. et al. Drug use among street children and adolescents: what helps?. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, n. 7, p. 1371-1380, 2012.

NUNES, E.L.G.; ANDRADE, A.G. Adolescentes de Rua: prostituição, drogas e HIV/AIDS em Santo André-Brasil. **Revista Psicologia & Sociedade**. v. 21, n. 1, 2009.

PENNA, L.H.G.; CARINHANHA, J.I.; LEITE, L.C. The educative practice of professional caregivers at shelters: coping with violence lived by female adolescents. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 17, n. 6, p. 981-987, 2009.

RAUPP, L.M. **Circuitos de uso de crack nas cidades de São Paulo e Porto Alegre**: cotidiano, práticas e cuidado. 213 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

RIBEIRO, M.O.; CIAMPONE, M.H.T. Crianças em situação de rua falam sobre os abrigos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 36, n.4, p.309-316, 2002.

RIBEIRO, M. O. Street children and their relationship with the police. **International nursing review**, v. 55, n.1, p. 89-96, 2008.

RIBEIRO, M.O.; CIAMPONE, M.H.T. Homeless children: the lives of a group of Brazilian street children. **Journal of Advanced Nursing**, v. 35, n.1, p. 42-49, 2001.

RIBEIRO, M.O. A rua: um acolhimento falaz às crianças que nela vivem. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v. 11, n.5, p. 622-629, 2003.

ROSA A.S.; BRÊTAS A.C.P. A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. **Interface (Botucatu)**, v.19, n.53, p. 275-85, 2015.

RUI, T. **Corpos Abjetos**: etnografia em cenários de uso e comércio de crack. 355 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012

SAFFIOTI, H.I.B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, v,16, p. 115-136, 2001.

SALMOS 72:12-14, **Bíblia Sagrada**. Nova Versão Internacional.

SANTOS, W. G. **Crise e Castigo**: Partidos e Gerais na Política Brasileira. Rio de Janeiro: Vértice, 1987

SCAPPATICCI, A. L. S. S.; BLAY, S.L. Mães adolescentes em situação de rua: uma revisão sistemática da literatura. **Revista de psiquiatria do Rio Grande do sul**, v. 32, p. 3-15, 2010.

SCHEPER-HUGHES, N. A. N. C. Y. Dangerous and endangered youth: social structures and determinants of violence. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 1036, n.1, p. 13-46, 2004.

SCHRAMM FR. Bioética de proteção: ferramenta válida para enfrentar problemas morais na era de globalização. **Bioética**, v. 16, n. 1, p. 11-23, 2008.

SCIVOLETTO, S.; SILVA, T.F.; ROSENHECK, R.A. Child psychiatry takes to the streets: A developmental partnership between a university institute and children and adolescents from the streets of Sao Paulo, Brazil. **Child abuse & neglect**, v. 35, n. 2, p. 89-95, 2011.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação & Realidade**. v. 20, 2, p. 71-99, 1995

SILVA, C.J.N. **Consumo de drogas em tres etapas de la vida de habitantes de calle de Bogotá: predictores de consumo y comparación con una muestra de población infantil y adolescente de Brasil**. 238 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SILVA. M.L. **Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua 1995-2005**. 220 f. Dissertação (Mestrado em Política Social). Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.

SOTERO, M. Vulnerabilidade e Vulneração: população de rua, uma questão ética. **Revista Bioética**, v. 19, n.3, p. 799-817, 2011.

SOUZA, E.S. **População em situação de rua e tratamento diretamente observado (TDO) para tuberculose (TB): a percepção dos usuários**. 212 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

VIEIRA, M. C.; BEZERRA, E. M. R.; ROSA, C. M. M. (Orgs.). **População de rua: quem é? Como vive? Como é vista?** São Paulo: Hucitec, 1994.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority. Geneva: WHO; 1996 (document WHO/EHA/ SPI.POA.2)

ZUMA, C.E. et al. Violência de gênero na vida adulta. In: NJAINE, K.; ASSIS, S.G.A.; CONSTANTINO, P. **Impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

9- ANEXOS

Anexo 01: Roteiro de Entrevistas

Anexo 02: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

VIVÊNCIAS DE VIOLÊNCIA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ

ROTEIRO DE ENTREVISTA INDIVIDUAL

1. Fale-me um pouco sobre a sua história antes de morar nas ruas.
2. Como você veio parar aqui?
3. Como é o seu dia-a-dia nas ruas?
4. Conte-me um pouco sobre os lugares da cidade que você costuma ficar.
5. Prefere ficar sozinho ou em grupo? Quais situações te fizeram preferir ficar sozinho/em grupo?
6. Você vê as pessoas que vivem nas ruas praticarem algum tipo de violência?
7. Você vê as pessoas que vivem nas ruas praticarem algum tipo de violência?
8. E você, já vivenciou alguma situação de violência nas ruas? Como foi isso para você?
9. Como homem, como você se sente diante das situações de violência nas ruas?
Você acha que no caso das mulheres é diferente?
OU Como mulher, como você se sente diante das situações de violência nas ruas?
Você acha que no caso dos homens é diferente?
10. Conte-me um pouco sobre seus planos para o futuro.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Vivências de Violência da População em Situação de Rua de Campos dos Goytacazes/RJ”. O objetivo desta proposta é analisar a População em Situação de Rua e a violência que vivencia. Pretende-se compreender os fatores que influenciam os deslocamentos da população em situação de rua pelo território e analisar a visão da População em Situação de Rua sobre suas vivências de violência.

Sua participação é **voluntária**, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Serão garantidas a **confidencialidade** e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados ao final deste Termo.

O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente uma hora e trinta minutos. A entrevista será gravada e transcrita, o que é essencial para as análises. Os arquivos digitais das entrevistas e as transcrições serão armazenados em armários com chave e em computadores com senha. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEP/ENSP.

Rubrica Pesquisador

Rubrica Participante

O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é colaborar para a construção de conhecimentos sobre o tema enquanto você também se beneficia ao ser escutado(a), uma vez que geralmente enquanto parte da População em Situação de Rua não é chamado(a) a participar da vida social, da elaboração de políticas públicas e etc. A participação na pesquisa te põe no lugar de importante para a vida social.

Avalia-se que os riscos potenciais de sua participação nessa pesquisa são mínimos, posto que garantiremos a privacidade e o anonimato dos participantes. Contudo, abordaremos temas que podem trazer algum desconforto como o constrangimento ao relatar situações relacionadas ao tema. Caso sinta-se muito mobilizado por qualquer das questões perguntadas o pesquisador que está o entrevistando tem plenas condições para acolher sua indisposição e realizar os encaminhamentos necessários.

Os resultados serão divulgados em artigos científicos. Ressalta-se que os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano previsto ou não no termo de consentimento e resultante de sua participação no estudo, além do direito à assistência integral, têm direito à indenização, conforme itens III.2.0, IV.4.c, V.3, V.5 e V.6 da Resolução CNS 466/12.

Este termo é redigido em duas vias (uma para você e outra para o pesquisador). Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da ENSP. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Rubrica Pesquisador

Rubrica Participante

CEP/ENSP: Tel e Fax - (0XX) 21- 2598.2863

E-Mail: cep@ensp.fiocruz.br

<http://www.ensp.fiocruz.br/etica>

Endereço: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/ FIOCRUZ, Rua Leopoldo Bulhões, 1480 –Térreo - Manguinhos - Rio de Janeiro – RJ - CEP: 21041-210

Assinatura do Pesquisador – (pesquisador do campo)

LOCAL E DATA: _____, ____ de _____ de 2016.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Assinatura do participante da pesquisa

Nome do participante (Legível)

Rubrica Pesquisador

Rubrica Participante